ALEXANDRE COELHO

O PERIGO das Tentações

As orientações da Palavra de Deus de como resistir e ter uma vida vitoriosa

ALEXANDRE COELHO

O PERIGO das Tentações

As orientações da Palavra de Deus de como resistir e ter uma vida vitoriosa

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2022

Todos os direitos reservados. Copyright © 2022 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na web e outros), sem permissão expressa da Editora.

Preparação dos originais: Daniele Pereira
Revisão: Cristiane Alves
Adaptação da capa: Elisangela Santos
Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos e Anderson Lopes
Conversão para ebook: Cumbuca Studio

CDD: 240 - Moral Cristã e Teologia Devocional
e-ISBN: 978-65-5968-131-0

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2022

Sumário

Introdução

1 – O Perigo das Tentações

2 – Adão e Eva: Querendo Ser como Deus

3 – José: Resistir à Tentação É Possível

4 – Desafiando a Deus no Deserto

5 – Balaão: Quando Deus Diz Não

6 – Olhando para a Direção Errada

7 – Construindo tudo para a minha Glória

8 – A Tentação de Fugir do Julgamento de Deus

9 – Pedras Poderiam se Tornar Pães

10 – Interpretando erroneamente as Escrituras

11 – Antecipando os Planos de Deus

12 – Quando Satanás Enche o Coração do Homem

13 – Deus Provê o Escape

Referências

Introdução

Tratar do assunto tentação é desafiador. Primeiro, porque todos são tentados de alguma forma, cada um ao seu modo e de acordo com aquilo que lhe chama a atenção por representar a possibilidade de ver satisfeita uma necessidade, ou mesmo de se conseguir chegar a um objetivo de uma forma mais fácil.

Segundo, porque a palavra “todos” inclui mesmo pessoas santas e bastante dedicadas a Deus. Mesmo as pessoas que buscam estar mais próximas de Deus, que trabalham em sua obra integral ou parcialmente, não são imunes à tentação.

Mas, se somos tentados, precisamos entender que a tentação não precisa ser um caminho para a queda, e sim uma forma para que venhamos a amadurecer, confiar em Deus e ser pessoas mais dependentes dEle.

Este não se propõe a ser um livro exaustivo sobre o assunto tentação. Os capítulos foram estruturados observando situações pelas quais alguns personagens da Bíblia passaram, e que ou foram

vitoriosos, ou que sofreram uma derrota. Destes últimos, há os que se reconciliaram com Deus após a queda, e os que jamais conseguiram se firmar.

Adão e Eva são os primeiros descritos na Bíblia a serem tentados e desconfiarem do que Deus lhes disse. Eles nos mostram que relativizar o que Deus diz tem consequências mortais.

José passou a sua juventude longe de casa, numa situação profissional muito desfavorável, e foi tentado sexualmente. Ele manteve a sua fidelidade, mesmo quando ninguém o estava observando, e teve de pagar um preço por ser fiel a Deus. E Deus recompensou a fidelidade do seu servo.

O povo de Israel, por ocasião da passagem pelo deserto, decide reclamar de Deus, desejando retornar à escravidão e desagradando ao Eterno. O custo dessa rebeldia foi deixar de entrar no descanso que Deus lhes havia reservado.

Balaão ouviu a voz de Deus. Mesmo falando o que Deus lhe mandara falar, ele ouviu mais a voz dos prêmios dos midianitas, e levou a morte para o povo de Deus e para si mesmo.

Davi cometeu um adultério e um assassinato. Seu desejo sexual lhe custou muito caro, e nos ensina que, mesmo sendo um homem segundo o coração de Deus, Davi era um homem.

Nabucodonosor foi advertido de que seu reino passaria. Ainda assim, tentou trazer para si uma glória que não era dele, e acabou perdendo a racionalidade.

O povo de Israel tentou fugir do julgamento de Deus apoiando-se no Egito, e foram tidos por malditos. As consequências do pecado sempre alcançam aqueles que o praticam.

Jesus foi tentado em três ocasiões, e pelo próprio Satanás, mas resistiu confiando em Deus e em sua Palavra. Ele é o maior exemplo de que a tentação é resistível, e que podemos glorificar a Deus sendo fiéis a Ele.

Ananias e Safira tiveram a oportunidade de glorificar a Deus com suas finanças, após fazerem um bom negócio, mas preferiram mentir ao Espírito Santo.

Faço o possível para trazer o cenário em que essas tentações ocorreram. Sem o entendimento do contexto, fica difícil entender as situações pelas quais os personagens estudados passaram e a forma como reagiram.

Agradeço ao Diretor da CPAD, irmão Ronaldo Rodrigues de Souza, pelo apoio prestado em todos os momentos em prol da Escola Dominical e do ministério do ensino. Também aos amigos que trabalham na Casa e à minha família, que têm sido fonte de inspiração no serviço ao Senhor.

Rogo a Deus que abençoe a sua leitura, e que você possa, de alguma forma, ser edificado encontrando apoio na Palavra de Deus.

Em Cristo,

Alexandre Claudino Coelho

Verão de 2022

Capítulo 1

O Perigo das Tentações

A tentação é a oportunidade de fazer uma coisa boa do jeito errado. É bom tirar nota alta numa prova na escola, mas é errado conseguir isso colando. E bom pagar as contas, mas é errado roubar para fazer esses pagamentos.

– Warren W. Wiersbe

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – O CENÁRIO INVISÍVEL

- Deus
- O Ser Humano
- Satanás
- O Pecado

II – O QUE É A TENTAÇÃO

- Um Convite ao Pecado
- Uma Proposta para Satisfazer alguma Necessidade
- Uma Forma de Provar se Cremos que Deus É Suficiente para nós

- A Tentação não Resistida Faz com que uma Pessoa Caia de onde Deus a Colocou

III – COMO ELA SE MANIFESTA

- Por uma Ação de Satanás
- Focando em nossas Necessidades
- Focando em algo de que não Precisamos

IV – QUANDO CEDEMOS À TENTAÇÃO

- Perdemos a Comunhão com Deus
- Comprometemos o nosso Futuro
- A Tentação É Humana

CONCLUSÃO

Introdução

Quem nunca ouviu a palavra “tentação”? Ela há muito faz parte do nosso vocabulário, pois tanto para cristãos quanto para pessoas que não professam o cristianismo, há o entendimento de que existem situações na vida das pessoas que se mostram como verdadeiras vantagens temporárias, mas que depois se tornam como um artifício para prender pessoas em práticas que vão escravizá-las.

Uma das prerrogativas da vida cristã é a vivência, neste mundo, de uma forma de vida separada das coisas do mundo, sem contaminação com o pensamento e as práticas do sistema pecaminoso que se apropriou da humanidade. A esse estilo de vida, separado das coisas do mundo, chamamos de santidade. Deus nos chama para ser santos, pois a santidade é um dos seus atributos, e Ele espera que sejamos separados, santos neste mundo. Sabemos que ter uma vida santa é de suma importância para Deus, e sabemos também que um dos maiores perigos a uma vida de

santidade e à comunhão com Deus é a tentação. Ela pode se manifestar de diversas formas e para todas as pessoas, e é tão séria que até o próprio Senhor Jesus foi tentado, mas não se deixou ser vencido por ela. Como estudaremos ao longo deste trimestre, a tentação não é o pecado em si, mas uma isca para que a pessoa caia em pecado e se afaste de Deus. Para o estudo que ora pretendemos apresentar, teremos como fonte primária a Palavra de Deus, da qual analisaremos casos de pessoas reais da Bíblia, que cederam à tentação e pagaram um preço alto por isso. Mas também trataremos da tentação do Senhor Jesus, que nos serve de modelo para resistir às empreitadas de Satanás. Também veremos que é possível escolher entre pecar contra Deus cedendo à tentação, mas que também é possível ser fiel a Ele e dominar nossa tendência ao pecado para dar lugar a uma vida que agrade ao Senhor.

I – O CENÁRIO INVISÍVEL

Vamos começar falando do mundo invisível, dos bastidores nos quais a tentação se inicia e que não é visível para nós. Há, pelo menos, três personagens que se destacam no cenário: Deus, o homem e Satanás. Esses personagens são importantes em nossos estudos, pois Deus, o Todo Poderoso, criou o homem, a coroa da criação, e Satanás tentou o homem, que se rebelou contra Deus. As consequências dessa rebelião são vistas até os nossos dias.

Deus

Deus é o primeiro personagem manifesto nas Escrituras; é o Criador de todas as coisas e o doador da vida. Pela sua Palavra, tudo o que existe foi feito, sem qualquer ajuda do homem. Deus se encarregou de criar o homem, deu-lhe um lar e um trabalho a fazer, e se comunicava com ele, ofertando-lhe a sua proteção, provisão e comunhão. O Senhor decidiu revelar a si mesmo para a sua criação, de tal forma que a humanidade, mesmo obscurecida pelo pecado, não pode dizer que não há como saber da existência de Deus, ou do seu caráter, ou da forma como se revela, pois Ele se revelou em sua Palavra.

Wayne Grudem comenta que

> Todas as pessoas de qualquer lugar têm uma profunda intuição íntima de que Deus existe, de que são criaturas de Deus e que ele é seu Criador. Paulo diz que mesmo os gentios descrentes tinham “conhecimento de Deus”, mas não o honravam como Deus nem lhe eram gratos. (GRUDEM, 2011, p. 97)

Saber desse conhecimento de Deus é necessário, visto que somente pessoas sem juízo negam a Deus (Sl 53.1). Ainda que só o neguem dentro de si, “em seu coração”, sem expressar para outras pessoas, são tidas por tolas. Em Deus começa a vida, e dEle dependemos em todo o tempo.

Deus, em sua revelação aos homens, deixou claro ser Ele o Deus verdadeiro. E deixou claro isso em sua lei, quando disse que não deveríamos ter outros deuses, senão a Ele somente (Êx 20.3).

> Os egípcios tinham muitos deuses, que tinham muitos nomes diferentes. Moisés queria saber o nome de Deus, para que o povo hebreu pudesse saber exatamente quem o havia enviado a eles. Deus se chamou de EU SOU, um nome que descreve o seu poder eterno e seu caráter imutável. Em um mundo onde os valores, a moral e a lei mudam constantemente, podemos encontrar segurança e estabilidade no nosso Deus imutável. (*Manual da Bíblia de Aplicação Pessoal*, 2013, p. 242)

Em sua soberania, Deus reservou a glória somente para si, e para mais ninguém. Por ter criado o homem, Deus espera que o homem o adore, não como se isso fosse uma necessidade para Deus, mas, sim, para o próprio homem. Quando o homem adora a Deus, deve fazê-lo por sinal de gratidão e para que não se perca corrompendo-se em adoração aos deuses que seu próprio coração inventa.

O Ser Humano

O homem é o segundo personagem de destaque apresentado na Palavra de Deus. Ele foi criado à imagem de Deus. Foi um ato de sua graça criar o homem e a mulher, e eles foram criados sem pecado. Ao criar o homem do pó da terra, o Eterno o colocou no jardim do Éden, para o guarda e lavrar.

A Palavra de Deus nos diz que Deus nos criou para a sua glória (Ef 1.11). Essa é uma declaração muito importante, pois apresenta o propósito de Deus na Criação.

Grudem comenta que

> Essa compreensão da doutrina da criação do homem traz resultados bastante práticos. Quando percebemos que Deus nos criou para glorificá-lo,

> e quando passamos a agir a fim de cumprir esse fim, então começamos a experimentar uma intensidade de alegria no Senhor que antes não conhecíamos. E quando acrescemos a isso a compreensão de que o próprio Deus se deleita com a nossa comunhão com Ele, nossa alegria se torna inexprimível e plena de glória celeste (1ª Pe 1.8; paráfrase ampliada pelo autor).
>
> Alguém pode objetar que é errado que Deus tenha criado o homem em busca de glória para si. Certamente é errado que os seres humanos busquem glória para si, como vemos no dramático exemplo da morte de Herodes Agripa I. Depois de orgulhosamente aceitar o clamor da multidão, "É voz de um deus, e não de um homem" (At 12.22), "no mesmo instante um anjo do Senhor o feriu, por ele não haver dado glória a Deus, e, comido de vermes, expirou" (At 12.23). Herodes morreu por ter se apropriado da glória de Deus, glória que Deus merecia, não ele. (GRUDEM, 2011, p. 363)

Satanás

O inimigo de nossas almas, Satanás, o acusador, também foi criado por Deus. Ele não foi criado como Satanás, mas se tornou assim porque decidiu que seria "semelhante ao Altíssimo" (Is 14.14). Como ele não conseguiu realizar seu projeto, decidiu, banido do céu, atacar a humanidade.

Ele é um ser inteligente, que sabe como se aproximar do ser humano e trazer questionamentos para contradizer o que Deus já nos revelou em sua Palavra. Diferente do que é apresentado na cultura popular,

> Satanás já foi tão caricaturado por vários escritores, artistas, atores e comediantes que a maioria das pessoas não acredita que ele existe de fato; ou, se acredita em sua existência, não o leva a sério. O romancista inglês Samuel Butler, por exemplo, escreveu: "E preciso lembrar que só ouvimos um lado da história, uma vez que Deus escreveu todos os livros".[2] E Mark Twain comentou: "Não podemos reverenciar Satanás, pois isso seria inconveniente, mas podemos, pelo menos, respeitar seus talentos".[3] Um famoso comediante da TV norte-americana sempre arrancava risadas do

público quando dizia: “Foi o diabo que me obrigou a fazer isso!”. Apesar de não termos detalhes sobre suas origens,[4] sabemos que Satanás é real, é nosso inimigo e é perigoso. Em Gênesis 3, Satanás é comparado a uma serpente, imagem esta que se repete em 2 Coríntios 11:3. Em Apocalipse 12, ele é chamado de dragão, e os dois nomes são usados em conjunto em Apocalipse 20:2. No entanto, Satanás não é apenas uma serpente enganadora, mas também um leão que ruge e devora (1 Pe 5:8). Em resumo, Satanás não é um frouxo, e o povo de Deus deve cuidar-se, a fim de não dar espaço para ele em sua vida (Ef 4:27). Por isso estamos estudando a Palavra de Deus e procurando compreender a estratégia de Satanás (2 Co 2:11). (WIERSBE, 2017a, p. 34)

O Pecado

O pecado é o quarto elemento do mundo invisível. Enquanto os três primeiros são pessoas, o pecado é uma ação que traz uma consequência. O ser humano foi criado sem pecado. Deus “Tudo fez formoso em seu tempo” (Ec 3.11). Mas mesmo em estado de perfeição, de inocência, o ser humano não deixou de ser tentado e, cedendo à tentação, terminou pecando contra Deus.

Para Roy Zuck

> A origem do pecado é um mistério que permanece fechado na revelação divina. O que está claro é que o pecado é uma realidade e que acompanhou duramente a criação do homem e o seu concerto com Deus e os homens, e entre eles e outras criaturas. O restante da história bíblica é o plano de Deus por meio do qual essa alienação pode ser vencida e os propósitos originais divinos ao homem — que ele tenha domínio sobre todas as coisas — sejam restabelecidos. (ZUCK, 2018, p. 31)

II – O QUE É A TENTAÇÃO

Um Convite ao Pecado

Podemos descrever a tentação como um impulso, um incentivo que move o ser humano a alguma ação que abrirá a porta para o pecado, ou para alguma situação que vai comprometer o seu futuro ou a sua comunhão com Deus. A tentação se dá tanto para com aqueles que creem em Jesus e já foram transformados por Ele quanto para com aqueles que ou não foram alcançados pela mensagem do evangelho ou já o rejeitaram de forma deliberada. Portanto, é possível dizer que a tentação é um fato da vida.

A tentação não é o pecado, mas um convite a ele. Uma pessoa que passa por um momento de tentação tem a escolha de ceder ou não, subjugando sua própria vontade ou sendo dominado por ela. Isso nos mostra que a tentação não é um fator determinante para que uma pessoa caia, ou seja, que uma pessoa tentada pecará. É certo que o Inimigo vai fazer de tudo para derrubar os servos de Deus, e isso tem um motivo: “Como Satanás não consegue fazer o próprio Filho de Deus cair, ele o persegue agora em seus membros, com toda a sorte de tentações” (BONHOEFFER, 2009, p. 34).

Uma Proposta para Satisfazer alguma Necessidade

Como todos os seres humanos possuem necessidades físicas, emocionais e espirituais, toda tentação tende, de forma inicial, a buscar preencher essas “lacunas”. Pode ser o desejo desenfreado por um tipo de comida, por um objeto, ou bem, ou um gasto

financeiro não adequado ou não planejado, ou ainda por *status*, posição ou mesmo pela busca de um relacionamento com outra pessoa. A lista varia de pessoa para pessoa.

A tentação que se baseia na possibilidade de satisfazer uma necessidade lícita tenta mostrar que o ser humano pode, por si, independente de Deus, buscar essas satisfações. Mas essa ideia implica crer que Deus não satisfaz as nossas necessidades, ou porque Ele não pode, ou porque Ele não quer. Se não pode, é porque não tem o devido poder para fazê-lo, ou que algo maior o impede de agir. Se não quer, é porque não tem interesse, não considera necessário interagir com a sua criação a fim de mostrar o seu poder e a sua presença. A questão é: Será que uma possível necessidade só pode ser satisfeita com a proposta que a tentação apresenta?

Uma Forma de Provar se Cremos que Deus É Suficiente para nós

A tentação é uma vitrine que fixa o olhar do ser humano. Ela direciona a pessoa a crer ou não que Deus é suficiente para satisfazer as suas necessidades. Quando uma pessoa cede à uma tentação, está manifestando uma forma de agir como se Deus não se importasse com suas demandas, ou que Ele não tivesse o poder de mudar a realidade de acordo com a vontade dEle. Quando somos tentados e cedemos, mostramos que não podemos confiar

realmente em Deus. Foi o caso de Adão e Eva, que se esqueceram de que Deus lhes era suficiente quando se depararam com a ideia de conhecer o bem e o mal. O preço da desconfiança e da desobediência foi definitivo.

A tentação é um teste do quanto confiamos em nosso interlocutor. Você confia na pessoa que está fazendo uma proposta que pode alterar de forma negativa a sua vida espiritual? Ou você confia que Deus é fiel para suprir suas necessidades, e que o que Ele disse é a verdade? Até que ponto quem está lhe oferecendo uma saída mais fácil realmente tem interesse no seu bem-estar espiritual e físico? Mais do que tomar um caminho mais rápido ou mais fácil, a tentação é um teste de confiança para todos nós, se realmente confiamos que Deus pode suprir nossas necessidades e se o que Ele disse é melhor para nós.

A Tentação não Resistida Faz com que uma Pessoa Caia de onde Deus a Colocou

Uma pessoa cede à tentação não a partir de um único momento, mas, sim, com base em um histórico de pequenas concessões. Pouco a pouco, pequenas tentações não resistidas dão origem a outras tentações maiores igualmente não resistidas, até que um mal maior toma espaço e destrói a pessoa, sua reputação, sua família e sua vida espiritual.

Quantas pessoas foram agraciadas por Deus e perderam suas posições por não terem resistido a uma ou mais tentações? Quantos há que cederam às tentações e perderam o que construíram?

> A raiz de quase todo fracasso espiritual é a desobediência nas pequenas coisas. Embora não pareça significativa no momento, cada desobediência, por menor que seja, é como uma fenda no muro da alma da pessoa. Através de cada pequena rachadura o ácido do mal penetra e começa a corroer os fundamentos do seu caráter espiritual. Ao longo do tempo sua vontade espiritual fica comprometida e, quando surge uma tentação, ela simplesmente não tem mais vontade de resistir. Para aqueles que não têm discernimento, pode parecer que a pessoa foi derrubada por aquela crise final, mas, na realidade, foi a raiz seca da desobediência que fez tudo. (EXLEY, 2000, p. 19)

III – COMO ELA SE MANIFESTA

Por uma Ação de Satanás

O Inimigo é descrito como um agente da tentação, haja vista ter ele tentado o próprio Senhor Jesus Cristo, quando o Senhor estava no deserto, em jejum. Se ele não deixou de tentar o Senhor Jesus, com certeza se empenhará em lançar iscas para seduzir os servos de Deus e tirá-los da presença do Senhor. Em seu desejo de corromper e destruir a raça humana, por exemplo, ele fez o possível para que Deus destruísse Jó, mas não conseguiu convencer o Eterno a dar cabo da vida do patriarca. Ele tentou “cirandar” com Pedro, mas o Senhor Jesus rogou pelo seu discípulo.

Ele vai observar o momento e o lugar em que estamos, e oferecerá ciladas a fim de que pequemos contra Deus. Ele poderá se utilizar de certas características nossas, como a autoconfiança,

como veremos que ocorreu com Nabucodonosor, ou até a falta de conhecimento sobre si mesmo. Ele poderá usar momentos de descuido espiritual, como a falta de momentos de oração e de comunhão com os irmãos. Esses são alguns dos fatores que costumam ser usados por Satanás para que a pessoa seja tentada e peque. Momentos de isolamento também tendem a fazer com que estejamos suscetíveis a tentações e, por isso, Satanás tem investido tanto para que servos de Deus deixem de congregar, de ter comunhão uns com os outros. Ele sabe que ovelhas que andam longe do rebanho e afastadas dos cuidados do pastor sempre são alvos fáceis.

Focando em nossas Necessidades

Todas as pessoas têm necessidades, e essas necessidades podem ser um canal para que a tentação acabe se apresentando como uma solução prática e fácil. A tentação por ter mais dinheiro pode levar uma pessoa a comprometer sua vida financeira ou destruir sua família trabalhando em excesso e deixando de assistir os seus. A necessidade por afeto pode fazer com que uma pessoa busque uma vida sexual desregrada e arque com consequências no seu corpo e na sua mente. A necessidade desenfreada de ter coisas pode deixar uma pessoa endividada e sem crédito para aquisições básicas necessárias. E a busca por títulos pode fazer com que uma pessoa comprometa sua fé, moldando-se ao espírito deste mundo.

As variedades são muitas, e o que atrai uma pessoa não necessariamente atrai outra.

Focando em algo de que não Precisamos

A tentação pode ganhar espaço em nossas vidas quando se apresenta como uma suposta oportunidade de um ganho ou de um benefício, caso venhamos a nos esquecer de Deus. Quem nunca se viu surpreendido por uma “oportunidade” ou por uma “promoção” que sem dúvida lhe proporcionaria de forma fácil um título, um bem, dinheiro ou uma posição de destaque?

Adão e Eva tinham uma vida no Paraíso e não precisavam desobedecer a Deus, mas o fizeram porque se deixaram convencer pela ideia de que precisavam ser como Deus, conhecendo o bem e o mal. Balaão tinha ouvido Deus falando para não amaldiçoar Israel, mas se deixou levar por um prêmio do qual não tinha necessidade.

IV – QUANDO CEDEMOS À TENTAÇÃO

Perdemos a Comunhão com Deus

A primeira consequência de se ceder à tentação é a perda gradativa da comunhão com Deus, advinda do pecado. Davi sentiu esse peso quando cedeu à tentação e adulterou com Bate-Seba, a ponto de, após ser confrontado por Deus, ter pedido: “Não me lances fora da tua presença e não retires de mim o teu Espírito

Santo. Torna a dar-me a alegria da tua salvação e sustém-me com um espírito voluntário" (Sl 51.11,12).

A tentação ainda traz o sentimento de culpa. Pessoas que temem a Deus e cedem à tentação acabam sendo fustigadas pelo sentimento de culpa, o que pode afastá-las da presença do Senhor.

Comprometemos o nosso Futuro

O ato de ceder a uma tentação pode fazer com que a imagem e o destino de uma pessoa sejam marcados para sempre. Quantos lares foram e são destruídos por um pai ou uma mãe que não consegue resistir a uma bebida ou a uma droga? Quantos relacionamentos profissionais ou de amorosos foram minados por contínuas quebras de confiança?

Isso nos mostra que a tentação envolve mais do que o momento em que ela está acontecendo. A tentação não se resume a um acontecimento que ocorre somente uma vez, e as suas consequências sempre serão vistas, de imediato ou no futuro. Seja a dependência de um vício, seja uma infidelidade ou um ato de desobediência, o preço da tentação sempre chega. De Deus não se zomba; o que o homem semeia, há de colher (Gl 6.7)

A Tentação É Humana

A Palavra de Deus nos diz que "não veio sobre vós tentação, senão humana" (1 Co 10.13). É impossível que qualquer pessoa deixe de ser tentada. Todos somos, de alguma forma ou de outra,

tentados em situações muito particulares. A tentação é humana porque atua na nossa humanidade, e porque são questões humanas que atraem o nosso olhar para a tentação. Quando imaginamos que nada poderá nos afetar, é ali que a nossa humanidade será testada. Com a tentação, se a pessoa ceder, percebe que vem a frustração, a baixa autoestima, o sentimento de culpa e a certeza de que Deus virou às costas para nós.

CONCLUSÃO

A tentação envolverá muito mais do que uma satisfação pessoal física ou emocional momentânea. Essa satisfação nunca será duradoura, e terá consequências que poderão ultrapassar gerações. Por isso, é necessário que entendamos e creiamos que Deus é mais do que suficiente para todos nós, e que seus mandamentos existem para que sejamos protegidos de pecar contra Ele, caindo em tentação.

Capítulo 2

ADÃO E EVA: QUERENDO SER COMO DEUS

Então, a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.

– Gênesis 3.4

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – UMA ORIENTAÇÃO DADA PELO PRÓPRIO CRIADOR

- A Criação
- Criados sem Pecado
- Uma Única Restrição

II – SERÁS COMO DEUS

- A Dúvida
- “Se Abrirão os vossos Olhos”
- “Sereis como Deus”

III – O CUSTO DA DESOBEDIÊNCIA

- O Afastamento de Deus

- Problemas entre o Casal
- A Morte como Consequência

CONCLUSÃO

Introdução

O assunto tentação é apresentado nas Sagradas Escrituras em diversos momentos e com diversas pessoas. Nem mesmo os primeiros seres humanos, criados em um estado de perfeição, escaparam de ser tentados e de ceder à tentação, e a sua história está relatada no livro de Gênesis, que narra o começo de todas as coisas, inclusive da Queda da humanidade. Neste capítulo, veremos de que forma o primeiro casal, ainda que orientado por Deus, decidiu romper princípios de confiança e obediência ao Eterno, e os resultados advindos dessa decisão, que perduraram até os nossos dias.

I – UMA ORIENTAÇÃO DADA PELO PRÓPRIO CRIADOR

A Criação

A Palavra de Deus nos informa que o Eterno criou o primeiro casal em um mundo que antes era sem forma e vazio. Deus não

apenas trouxe ordem ao caos existente, mas também preparou um local devidamente adequado para que o homem e a mulher pudessem existir sem padecer quaisquer necessidades.

Moisés nos ensina que Deus plantou um jardim no Éden e ali colocou o homem. Naquela localidade, Ele fez brotar árvores agradáveis à vista, cujos frutos eram bons para servir de alimento (Gn 2.8,9). A terra não era infértil nem padecia de estiagem, pois dela fluía um rio que se dividia em quatro afluentes. Pelo texto sagrado, o homem não foi criado no jardim, mas foi ali colocado por Deus não apenas para manter o ambiente cuidado, como para o guardar (Gn 2.15). A natureza criada por Deus não se confundia com o Criador. Tudo o que veio a existir é fruto da palavra de Deus, pois partiu do Eterno a ordem de que as coisas viessem a existir, e assim elas foram criadas. A natureza não é Deus, nem as árvores, ou rios, ou os astros, pois esses foram criados. O homem pode até, por cegueira espiritual, dar crédito aos elementos criados e fazer deles “criadores” ou objetos de veneração, mas isso não vai mudar o fato de que Deus criou todas as coisas e que somente Ele deve ser adorado e receber a glória pela sua criação.

> Deus não se limitou a tornar a terra habitável para os seres humanos, mas plantou um jardim no qual colocou o homem que havia formado (2:8). Essa dádiva do jardim é um sinal do amor de Deus, pois forneceu uma estrutura dentro da qual ele poderia ensinar os seres humanos e lhes dar os pontos de referência necessários para encarar o universo imenso a seu redor. O jardim não era um lugar de ignorância, criado para manter os seres humanos afastados da ciência e do aprendizado. Antes, era um lugar de

> iniciação à vida. Os seres humanos precisavam de um modelo para entender o que significava sujeitar a terra (1:28). O jardim continha todos os elementos necessários para esse aprendizado inicial. (ADEYEMO, 2004, p. 77)

O cenário da primeira tentação descrita na Palavra de Deus estava pronto. Não que Deus tenha feito o jardim e nele colocado o homem para o tentar, mas, sim, que Satanás se aproveitou da possibilidade de corromper o primeiro casal no ambiente mais propício para que eles fossem fiéis.

Criados sem Pecado

O pecado não fez parte da criação da humanidade. J. I. Packer aborda um pouco mais acerca dessa realidade:

> O pecado consiste na ruptura da correta relação entre o projeto máximo da criação de Deus – o ser humano – e o Criador. Embora a palavra “pecado” seja muitas vezes entendida como equivalente de “mal”, seu significado é bem diferente. Ela se refere à ruptura do relacionamento entre o ser humano e Deus, ruptura essa que afeta todos os aspectos das relações humanas. Como consequência do pecado, temos a tendência inata de querer seguir nosso próprio caminho, construir o nosso mundo individual e inventar deuses criados por nós mesmos.
>
> O relato de Gênesis sobre a queda de Adão e Eva (Gn 3) pinta com cores vivas o questionamento humano da sabedoria divina. Não estamos dispostos a aceitar o lugar que Deus nos reservou na criação; em vez disso, queremos ser como deuses, decidindo por conta própria o que é certo e o que é errado, rebelando-nos contra quem quer que procure tolher nossas ações. (MCGRATH; PACKER, 2018, p. 218)

O primeiro casal foi criado sem pecado, no estado de inocência. Deus lhes deu tudo o que era necessário para subsistirem no ambiente mais agradável conhecido. Eles foram criados para não

morrer. Tinham trabalho, residência, comida, a companhia um do outro e, o mais importante, a comunhão e a bênção de Deus. A Escritura nos mostra que, desde o princípio, Deus preparou o melhor para a humanidade ter seu desenvolvimento, com a proteção e a presença dEle.

De forma equivocada, há quem diga que o trabalho é o resultado da Queda. Ocorre que Deus não deixou o homem ocioso ou desocupado diante da criação. O trabalho já existia no paraíso, antes da Queda, pois Deus e deu um propósito na vida do homem e da mulher. Como diz Matthew Henry, “o próprio paraíso não era um lugar para dispensa do trabalho. [...] nenhum de nós foi enviado ao mundo para estar ocioso” (HENRY, 2010a, p. 14). A atividade laborativa honra a Deus. Deus criou o homem, e da sua costela fez a mulher. Ela foi um presente de Deus para Adão. Wiersbe fala da grandiosidade da mulher:

> De modo algum a mulher era uma “criatura inferior”. O mesmo Deus que fez Adão também fez Eva e criou-a à sua própria imagem (Gn 1:27). Tanto Adão quanto Eva exerciam domínio sobre a criação (v. 29). Adão foi feito do pó da terra, mas Eva foi feita de uma costela de Adão, osso de seus ossos e carne de sua carne (Gn 2:23). A verdade pura e simples é que Adão precisava de Eva. Nenhum animal que Deus havia criado realizaria o papel de Eva na vida de Adão. Ela era uma auxiliadora “idônea [adequada]” para ele. Quando Deus trouxe todos os animais para que Adão lhes desse nome, sem dúvida passaram diante dele em pares, cada um com sua companheira, e talvez Adão tenha se perguntado: “Por que eu não tenho uma companheira?”. Apesar de Eva ser a “auxiliadora idônea” de Adão, ela não foi criada para ser uma escrava. O conhecido comentarista bíblico Matthew Henry escreveu: “Ela não foi feita da cabeça para governar sobre ele, nem dos pés para ser pisada por ele, mas da sua costela para ser igual a ele, sob seu

> braço para ser protegida por ele, perto de seu coração para ser amada por ele". Paulo escreveu que "a mulher é glória do homem" (1 Co 11:7); pois se o homem é o cabeça (1 Co 11:1-16; Ef 5:22-33), então a mulher é a coroa que a enobrece. (WIERSBE, 2017a, p. 25)

Uma Única Restrição

Como em todo ambiente há regras de convivência, era necessário que o homem soubesse quais eram os limites que lhe seriam impostos. Uma pessoa que não conhece limites acaba usurpando espaços que não lhe pertencem, e as restrições existem para que haja um respeito mútuo e a continuidade sadia das relações. Então Deus determinou ao casal uma série de permissões e uma única restrição. Eles poderiam transitar pelo jardim e comer dos frutos que quisessem.

A única restrição que Deus determinou ao casal foi não comer do fruto que procedia da árvore que Ele chamou de "árvore da ciência do bem e do mal". Não nos é dito por Moisés o formato, aparência ou tamanho desse fruto nem dessa árvore, mas entendemos que o primeiro casal sabia onde essa árvore estava, como ela era e como era a aparência do seu fruto. Deus foi bem específico para com eles, de tal forma que jamais poderiam dizer que não tinham o perfeito entendimento das orientações que o Eterno lhes havia passado.

II – SERÁS COMO DEUS

Para que possamos avançar no estudo da tentação do primeiro casal, é interessante observar qual era a referência que eles tinham sobre Deus. Hoje temos o entendimento bíblico e teológico, fruto de mais de dois mil anos de história do pensamento cristão, e a Palavra de Deus, completa e de fácil acesso (pelo menos em países onde a liberdade religiosa permite que cristãos circulem livremente portando suas bíblias e usufruindo delas em sua vida diária). De forma extremamente resumida, podemos destacar os atributos de Deus, seu amor, seus planos para a salvação dos perdidos e o que aguarda os santos na eternidade. Entretanto, essa certamente não era a referência que o casal tinha sobre Deus, e não nos é dito de forma estrita que esse conhecimento lhes havia sido passado.

O que a Palavra de Deus nos diz é que:

- O homem soube que Deus criou o Éden. Adão não foi criado no paraíso, e sim colocado lá.
- O homem soube que Deus criou a mulher. Após formar a mulher, Deus a trouxe até Adão. O primeiro homem sabia que a primeira mulher não havia surgido do nada, mas que era obra de um Criador inteligente e bem intencionado.
- O homem e a mulher interagiam com Deus. Moisés nos diz que o Senhor Deus “passeava no jardim pela viração do dia” (Gn 3.8). O verbo passear é apresentado no pretérito imperfeito, ou seja, uma ação que não se concluiu no passado,

mostrando uma continuidade, algo que não foi terminado, que estava em andamento. Parece-nos que Adão e Eva sabiam dos frequentes momentos em que Deus passeava pelo jardim.

A Dúvida

Um dos maiores problemas no tocante à tentação é o fato de que ela não apenas serve de isca para o pecado, mas coloca em xeque o que pensamos sobre Deus, se confiamos nEle realmente para suprir as nossas necessidades e se, aos nossos olhos, Ele nos é suficiente. Não são poucas as tentativas de Satanás no sentido de nos fazer questionar o que Deus disse e nos levar a duvidar da veracidade das palavras divinas. O Inimigo escolhe um alvo, e a estratégia mais comum dele é se aproximar sem ser notado. Satanás se aproxima de forma sorrateira da mulher, e começa a conversar com ela por meio da serpente. Esse animal certamente já era conhecido do primeiro casal e, por isso, não deve ter despertado espanto quando se aproximou e iniciou a conversa. Não seria surpresa ter por perto mais um dos muitos animais do jardim. A surpresa foi o animal falar.

George Herbert Livingston comenta que

> A serpente se enfiou sorrateiramente no jardim tranquilo como um visitante sinistro. Por todo o antigo discurso semítico, os répteis estavam relacionados com influências demoníacas e este versículo descreve que a criatura era a mais astuta das alimárias do campo. À medida que a história progride, a serpente é apresentada em todos os lugares como instrumento de certo poder espiritual oculto. No Novo testamento, Jesus relaciona a

> serpente ao diabo (Jo 8.44), como também o faz Paulo (Rm 16.20; 2 Co 11.3; 1 Tm 2.14) e João (Ap 12.9; 20.2). Em todos esses exemplos, a fonte da tentação objetiva é distinta de Deus ou do ser humano. Em nenhum caso, a serpente é considerada apenas a “personificação da tentação” ou a representação do poder da tentação. (LIVINGSTON, 2014, p. 39)

Livingston continua:

> Esta primeira pergunta era aparentemente inocente, mas enganou a mulher, fazendo com que ela citasse erroneamente a ordem. Ela tornou a proibição muito mais forte do que realmente era. Deus não disse: Nem nele tocareis (3)... Ela tornou, sem perceber, a ordem irracional e o castigo, mera possibilidade, em vez de ser um resultado inevitável... Tivesse ela citado a ordem corretamente, e se aferrado a ela, o inimigo não teria podido prosseguir com seu intento. A serpente percebeu a vantagem e passou a negar categoricamente a verdade da declaração punitiva de Deus, declarando positivamente: certamente não morrereis (4). Ele concentrou seu ataque incitando ressentimento contra a restrição e suscitando desejo de poder. Deus não estava usando a finalidade da morte como dispositivo para sonegar ao gênero humano a descoberta de algo – se abrirão os vossos olhos (5)? (LIVINGSTON, 2014, p. 39)

Nas palavras da serpente, parece que o ser humano tinha o direito de conhecer a diferença entre o bem e o mal, e Deus estava agindo de forma egoísta ao privar o casal desse “saber”. Deus, nessa perspectiva, era o Criador, poderoso, e até dialogava com o casal, mas lhes negava um “presente” que os colocaria numa posição acima da que eles, em tese, ocupavam.

Saber a diferença entre o bem e o mal tornaria a pessoa “divina”, mas a que preço?

“Se Abrirão os vossos Olhos”

Satanás dá a entender, como diz Livingston, que a morte não seria a consequência da desobediência, e sim “uma vida completa e rica para o homem”. A fala da serpente não foi por meio de gritos ou manifestações assustadoras. Satanás precisava da atenção da mulher, não da repulsa dela, e, por isso, iniciou o diálogo que traria a morte para toda a raça humana. Ele precisava demonstrar confiança, e não medo. Dessa forma, sua tática de aproximação deu certo. A tática de levar a mulher a enxergar de forma errada uma perspectiva teve sucesso.

Se a aproximação de Satanás foi sorrateira, a mensagem deveria ser no mesmo nível da aproximação.

> A pergunta da serpente foi simples e diplomática e, ao que parece, feita em tom respeitoso: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? (3:1b). Mas o propósito por trás dessas palavras era fazer a mulher duvidar da bondade de Deus. Estava sugerindo a possibilidade de que Deus não havia sido justo ao impor essa restrição. Satanás costuma usar essa tática para impedir o crescimento espiritual. Quando Deus não responde a nossas orações da maneira como gostaríamos, ou quando algo desagradável acontece conosco, Satanás usa a situação para colocar dúvidas em nossa mente, levando-nos a questionar se o Deus ao qual servimos é verdadeiramente bom e, portanto, se a palavra do Senhor é confiável. (ADEYEMO, 2004, p. 77)

A serpente conseguiu manter o foco de Eva na possibilidade de ter mais conhecimento do que realmente era necessário. Uma pessoa que tem “olhos fechados” não enxerga, em tese, como convém. Saber mais do que era preciso, no caso do primeiro casal,

não estava atrelado a possuir um conhecimento diferenciado para a vida, e sim ao ato de desobedecer ao que Deus havia determinado.

Não é pecado buscar o conhecimento. A Palavra de Deus nos convida a buscar a sabedoria e o conhecimento. Entretanto, a mesma Palavra de Deus nos adverte a que não nos apoiemos somente na nossa própria experiência, mas que aprendamos a confiar no Senhor: “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento” (Pv 3.5).

“Sereis como Deus”

Satanás, ao tentar Eva, diz que ela e o marido seriam como Deus. Mas em que aspecto? Na glória que Deus manifestava ou no seu poder criador? Em nenhum dos atributos de Deus. Satanás ofereceu a eles uma promessa falsa, a de saber a diferença entre o bem e o mal. O que receberam foi justamente o que Deus disse que aconteceria com eles: a morte. O pai da mentira iniciava, assim, o seu projeto para destruir a obra-prima de Deus.

> As primeiras palavras da cobra podem ser traduzidas assim: “Deus certamente não disse a vocês que não poderiam comer de nenhuma árvore do jardim, certo?”. Ela falou como se tivesse ouvido um boato terrível. A resposta da mulher foi impecável, mas o seu tom de voz deve ter traído a sua disposição de duvidar da bondade perfeita de Deus. O fato de ela mencionar o tocar nas árvores deve provavelmente ser colocado sob a responsabilidade do homem, pois ele pensou que havia uma cilada no presente de Deus; assim, era melhor que ele fosse cuidadoso. Com a dúvida, veio a negação: não morrerão; Deus quer evitar que vocês se tornem como ele mesmo. A tradução “como deuses” (BJ, VA, NEB) é possível, mas não tão adequada como “como Deus”. A tentação era optar pela independência. A atratividade da árvore (v. 6) provavelmente era só

> subjetiva. Deus não fizera a tentação mais difícil de ser vencida. O mau desejo sempre irradia uma atratividade falsa sobre o que não é certo. (BRUCE, 2009, p. 160)

Comprometida a comunhão com Deus, bastava agora tratar das consequências do pecado.

III – O CUSTO DA DESOBEDIÊNCIA

O Afastamento de Deus

A primeira coisa que ocorreu com o primeiro casal foi se esconderem de Deus: “[...] escondeu-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus” (Gn 3.8). E quando isso ocorreu? Ao ouvirem a voz de Deus, logo depois de lhe terem desobedecido. Em sua onisciência, Deus sabia do ocorrido, e não pergunta a Adão: “Por que você pecou?”. Deus pergunta: “Onde estás?”. Deus já sabia do ocorrido. Ele desejava dar a Adão a oportunidade para que pudesse entender o que ele e sua mulher haviam feito: o “onde estás” representava uma posição de afastamento de Deus. E Ele não chama Eva, mas chama a Adão, pois ele era o responsável pelo jardim, por sua esposa e por obedecer, com ela, às orientações que havia recebido de Deus.

> A repercussão imediata foi o exílio permanente do homem e da mulher do jardim, um exílio que lhes simbolizava o estado caído e a exclusão dos privilégios das estipulações do concerto para as quais eles tinham sido criados. A vida fora do jardim falava da vida sem a intimidade da relação com Deus, uns com os outros e com a ordem criada. (ZUCK, 2018, p. 34)

Problemas entre o Casal

Com a desobediência por parte do casal, também veio o primeiro desentendimento entre eles. Adão, questionado por Deus por sua desobediência, aponta para sua esposa como a fonte que o induziu ao erro: “A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi” (Gn 3.12). É curioso como ele tentou transferir a culpa do seu erro para outra pessoa, sendo que ele mesmo não se opôs à proposta de desobedecer a Deus. Não raro, temos a tendência de buscar um culpado para a nossa própria torpeza. Acabamos surpreendidos pelo confronto de nossa consciência e da voz de Deus, e a primeira coisa que fazemos é arrumar uma pessoa ou uma situação para justificar nossa falha.

> O primeiro passo de Satanás foi interferir na comunhão entre o homem e a mulher. Ele escolheu não falar com os dois juntos, mas apenas com um deles, incentivando-o a agir de forma independente do outro. Não sabemos por que ele escolheu a mulher como alvo do ataque, mas é possível que tenha sido com a intenção de se aproveitar de sua maior sensibilidade e receptividade, virtudes que podem ser exploradas com fins malignos. (ADEYEMO, 2004, p. 77)

A Morte como Consequência

A advertência divina permanece valendo: “[...] te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas” (Dt 30.19). Deus não apenas nos proporciona uma avaliação justa, como também nos permite a escolha que determinará a direção que teremos. Pense em Deus como um professor que vai aplicar uma prova para você, com somente uma

questão de múltipla escolha. Sem fórmulas matemáticas, sem necessidade de estudar dias seguidos para resolver grandes enigmas. E Ele se põe ao seu lado e ainda o orienta a marcar a resposta certa. Mas Deus não vai fazer a prova por você. Costumo dizer que Ele é Deus do impossível, não do absurdo. O que depende de nós, nós devemos fazer.

CONCLUSÃO

O primeiro casal passou pela tentação e não conseguiu subsistir porque preferiu dar mais valor ao que Satanás disse do que ao que Deus havia ordenado. Adão e Eva não somente descreram do que Deus disse, mas também creram que poderiam ser semelhantes a Ele, e que não morreriam. Como vimos, o preço pago pela desobediência nunca compensa a perda da comunhão com Deus e as consequências que se seguirão.

Da mesma forma que o primeiro casal, estamos sujeitos à tentação, mas podemos escolher entre pecar contra Deus ou ser fiéis a Ele. Essa escolha certamente não se dá por meios próprios, mas, sim, com a ajuda do Espírito de Deus, por meio da observância da sua Palavra. Desejar ser como Deus e ficar livre da consequência dessa escolha foi a chave usada por Satanás para tentar Adão e Eva, e eles se deixaram levar por essa palavra.

Capítulo 3

JOSÉ: RESISTIR À TENTAÇÃO É POSSÍVEL

Quando aprendemos a ter temor de Deus, entendemos que é possível, pelo Espírito, resistir às tentações.

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – AS DIFICULDADES DE UM JOVEM DE DEUS

- Um Filho Nascido em uma Casa Dividida
- Um Filho Detestado por seus Irmãos
- Um Filho Fora de Casa

II – EGITO, O LUGAR DA TENTAÇÃO

- Escravo na Casa de Potifar
- A Tentação Ocorrida
- A Tentação Resistida

III – EGITO, O LUGAR DA RESTAURAÇÃO

- O Preço da Fidelidade
- A Recompensa da Fidelidade

- Fuja da Aparência do Mal

CONCLUSÃO

Introdução

Quando nos deparamos com o assunto tentação, é preciso destacar que ela acontece com todas as pessoas, de formas diferentes e que (o mais importante) é resistível. Se nos lembrarmos de que os homens e mulheres da Bíblia tiveram suas lutas, e que diante de si, ainda que por questões de segundos, puderam escolher ceder ou não à tentação, entenderemos que é possível e necessário resistir a ela. Ser alvo de uma tentação não implica que somos destinados ao fracasso. Este só será concretizado se realmente não resistirmos às investidas da carne e de Satanás.

Neste capítulo, veremos o exemplo de José, um jovem que resistiu à tentação e que foi grandemente recompensado por Deus. Sozinho, em uma terra distante e vivendo como um escravo, José permaneceu fiel ao propósito de Deus em sua vida e viu a retribuição divina por sua fidelidade.

I – AS DIFICULDADES DE UM JOVEM DE DEUS

Um Filho Nascido em uma Casa Dividida

A história de José se passa ainda no período dos patriarcas. Bisneto de Abraão, José nasceu em um lar em que o seu pai, Jacó, tinha a sua atenção disputada por quatro mulheres e dez outros filhos. Jacó vivenciou a poligamia e os seus males, demonstrando que, quando há uma quebra no padrão de Deus para a união entre um homem e uma mulher — seja essa quebra a poligamia, seja essa quebra um adultério — as consequências são sentidas por todos os membros da família. Sendo uma família grande e tão variada, com certeza, as disputas deveriam ser constantes.

A verdade é que arranjos feitos para acomodar certas tradições podem cobrar seu preço, como foi nesse caso. Um lar cheio de pessoas, dividido por concorrências internas, prenunciava que a família de Jacó era dividida. Vale ressaltar que a poligamia com a qual José conviveu em sua infância, como observador, não o impulsionou, posteriormente, a adotar esse mesmo modelo em sua vida.

Outros homens mencionados nas Escrituras adotaram a poligamia como uma prática em suas relações familiares. Lameque teve duas esposas (Gn 4.19). Ele também era um homem ímpio e um assassino. Abraão teve Agar como concubina, e teve

dificuldades na sua vida com Sara. Davi teve diversas esposas, e criou seus filhos em um lar dividido por disputas políticas, chegando a ver em sua casa um incesto e assassinato.

Quando Deus criou o homem e a mulher, não fez um trio com um Adão e duas “Evas”, nem dois “Adões” e uma Eva. Jamais foi o projeto de Deus que um homem partilhasse seu leito com mais de uma mulher, nem que uma mulher partilhasse seu leito com mais de um homem. Quando a bigamia ou a poligamia acontece, disputas se seguem. Basta lembrar que o pai de Samuel, Elcana, tinha duas esposas, Ana e Penina. E a Palavra nos diz que Penina perturbava Ana justamente quando iam à Casa do Senhor, em Siló (1 Sm 1.7). Nem mesmo o horário do culto, um momento sagrado, é respeitado quando um lar é dividido dessa forma. E Satanás irá usar quem lhe der espaço, mesmo que tal ação se dê no ambiente de adoração e oração.

Um Filho Detestado por seus Irmãos

Nascido em um lar dividido, José cresceu sendo o preferido de seu pai. O amor devotado a José logo foi observado pelos seus irmãos mais velhos, pois o tratamento que ele recebia era diferente: “E Israel amava a José mais do que a todos os seus filhos, porque era filho da sua velhice; e fez-lhe uma túnica de várias cores” (Gn 37.3). Por sua vez, os irmãos de José, por força dessa preferência

paterna de Jacó, “aborreceram-no, e não podiam falar com ele pacificamente” (Gn 37.4).

A Palavra de Deus nos dá a entender que eles não tinham forças para tratar José como um igual. A Bíblia não diz que eles não *queriam* falar com ele pacificamente; diz que eles não *podiam* falar com ele pacificamente. A Bíblia também não diz que Jacó tratava mal seus outros filhos, mas fala que tratava José de forma diferenciada. Tratar filhos de forma distinta desperta animosidade na família e um distanciamento afetivo entre os irmãos. O que Jacó fazia com José é algo que nenhum pai ou mãe deve fazer. Numa cultura que prezava geralmente o filho mais velho, José sendo honrado mais do que os seus irmãos era um desvio ao padrão. Aqui cabe uma palavra para que tratemos nossos filhos da mesma maneira, sem favoritismos.

Josefo conta que, por ocasião dos dois sonhos que José teve, e mais especificamente do segundo sonho,

> Jacó deu essa interpretação ao sonho e o fez sabiamente. Mas o presságio deixou aflitos os irmãos de José. Embora sendo-lhe muito próximo e devessem tomar parte na sua felicidade, sentiram maior inveja ainda, como se ele lhes fosse um estrangeiro. Assim, deliberaram fazê-lo morrer e com esse fim, quando terminaram os trabalhos do campo, levaram os rebanhos para Siquém, que era um lugar abundante em pastagens. Nada haviam dito ao pai, e a ausência deles afligiu Jacó. E para ter notícias deles, mandou José procurá-los. (JOSEFO, 2005, p. 116,117)

Um Filho Fora de Casa

Crescido nesse contexto, José se vê em uma trama que vai colocar em jogo a sua fé. Ele é vendido por seus irmãos, como uma mercadoria disponível para negócios. Pago o preço pela vida do rapaz de 17 anos, seus irmãos dão um acabamento sinistro à narrativa que precisarão contar ao velho Jacó: matam um animal, usam o sangue dele para manchar a capa que o pai lhe dera e a levam como prova do final infeliz que o moço teve na história. Numa época em que não havia exames de DNA para confirmar o que foi dito, Jacó passa a chorar a morte do filho que estava vivo, e seus irmãos fingem um luto, com corações exultantes por terem dado um fim ao sonhador.

Agora José estava longe de casa e da família, e se encaminhando para um destino desconhecido. Esse tipo de distanciamento, das pessoas que nos são próximas, pode abalar muito a forma como vivemos. Por força da predileção de seu pai, do tratamento que recebia e dos sonhos que teve, José foi vendido por seus irmãos, dado como morto e se tornou um escravo.

José não teve opção de escolher outro caminho. Ser afastado de seu pai não foi uma opção, mas lhe foi imposto. Não estava em seu poder se desviar da raiva de seus irmãos ou imaginar o que Deus lhe havia reservado nos anos seguintes. E, apesar dos dias sombrios pelos quais passaria, Deus estava forjando o caráter daquele que seria usado para trazer para o Egito os descendentes de Abraão, e fazer deles, naquelas terras, uma grande nação.

José precisou lidar com a solidão, os maus tratos, a ingratidão e a constante ameaça de perder a vida, pois, ao se tornar um escravo, na perspectiva dos povos orientais, ele deixava de ser uma pessoa para ser uma “mercadoria”. Para um adolescente de 17 anos, abandonado, longe de casa e escravo, somente a presença de Deus traria a certeza de que havia um plano melhor mais a frente.

II – EGITO, O LUGAR DA TENTAÇÃO

Escravo na Casa de Potifar

Apesar das adversidades pelas quais José passou, Moisés relata que “o Senhor estava com José, e foi varão próspero (Gn 39.2). A definição de prosperidade apontada na vida de José não se parece com a prosperidade que tem sido falada em nossos dias. José foi próspero, apesar das adversidades, porque Deus estava com ele. Em muitos púlpitos tem sido ensinada uma prosperidade que move o coração dos ouvintes a crer que uma vida regalada, sem adversidades ou lutas é o que Deus tem reservado para os seus filhos. Nessas mensagens não se fala de como Deus se faz presente em nossas provações, afinal, o “Deus” dessas mensagens não quer que passemos provações.

Os homens e mulheres da Bíblia nos dão exemplo de que a prosperidade não é o excesso de dinheiro, de bens, como disse Jesus: “E disse-lhes: Acautelai-vos e guardai-vos da avareza, porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que

possui” (Lc 12.15). Deus não tem a mesma ótica acerca de bens materiais, como os seres humanos têm. Nem tudo que impressiona os homens impressiona também a Deus.

Mesmo como um trabalhador não remunerado, sem hora para descansar, sem direitos, tendo sua vida colocada em xeque diariamente e servindo a pessoas ímpias, o Senhor estava com José.

A Tentação Ocorrida

Ao se dedicar ao seu trabalho, e se destacando como um gestor inteligente e trabalhador, José acaba atraindo a atenção da esposa de seu senhor. Numa sociedade em que os valores familiares eram relativizados, a esposa de Potifar deve ter entendido que José era propriedade dela também, e que os hábitos do Egito permitiam que ela se utilizasse sexualmente de um “escravo”. Warren Wiersbe comenta:

> José havia sofrido numa cisterna por causa da inveja dos irmãos, mas estava prestes a encarar um perigo ainda maior por causa da lascívia de uma mulher perversa. “Pois cova profunda é a prostituta, poço estreito, a alheia” (Pv 23:27). Ao convidar José para seu leito, a esposa de Potifar tratou-o de modo humilhante. É possível que tivesse pensado: “Afinal de contas, ele não é apenas um judeu e um escravo? Não trabalha para meu marido e, portanto, para mim? Tendo em vista que meu marido não está aqui, eu dou as ordens, e José é meu empregado. Sua obrigação é obedecer a ordens”. Ela tratou José como um objeto, não como um ser humano, e, quando seus convites foram recusados, voltou-se contra ele.[3]
> Não importa quanto as pessoas falem sobre “amor” e defendam o sexo fora do casamento, esse tipo de relacionamento é errado, vulgar e humilhante. O adultério transforma um rio de água cristalina num esgoto, pessoas livres em

> escravos e, depois, em animais (Pv 5:15-23; 7:21-23). Aquilo que começa como “doçura” logo se torna veneno (Pv 5:1-14). José não estava prestes a sacrificar sua pureza nem sua integridade só para agradar a esposa de seu senhor. Foi preciso um bocado de coragem e de determinação para José lutar, dia após dia, contra essa tentação, mas saiu vitorioso. Explicou-lhe por que não podia ceder: (1) Ela era esposa de outro homem, o qual era o senhor dele; (2) seu senhor confiava nele, e José não desejava trair essa confiança; (3) mesmo que ninguém ficasse sabendo, Deus saberia e não se agradaria dele. A esposa de Potifar pediu apenas um momento de prazer, mas, para José, aquilo seria uma grande maldade contra Deus (Gn 39:9). No dia em que desferiu seu maior ataque, é provável que a esposa de Potifar tenha providenciado para que os outros servos não atrapalhassem, mas, ao mesmo tempo, cuidou para que estivessem por perto de modo que ouvissem quando ela os chamasse para ver as vestes de José. Em certas ocasiões, fugir pode ser sinal de covardia (Sl 11:1, 2; Ne 6:11), no entanto, há momentos em que fugir é prova de coragem e de integridade. José foi sábio o suficiente para seguir o mesmo conselho que Paulo deu a Timóteo: “Foge das paixões da mocidade” (2 Tm 2:22). (WIERSBE, 2017a, p. 191)

Josefo, nessa mesma linha, por sua vez, conta que

> José cumpria o seu dever com a inteira satisfação do seu senhor: a mudança de condição não afetou absolutamente a sua virtude, e ele mostrou que um homem, quando é verdadeiramente sensato, ajuizado, procede com igual prudência na prosperidade e na adversidade.
> A mulher de Potifar ficou tão impressionada com o espírito e a beleza de José que se enamorou dele perdidamente. E, como o julgava pela condição a que a sorte o havia reduzido, imaginando que naquela situação de escravo ele se julgaria feliz por ser amado pela sua senhora, não teve dificuldade em decidir manifestar-lhe a sua paixão. José, porém, considerando um grande crime fazer tal afronta a um senhor ao qual era devedor de tantos favores, rogou-lhe que não exigisse dele uma coisa que não podia conceder sem passar como o homem mais ingrato do mundo. (JOSEFO, 2005, p. 119)

A Palavra de Deus nos diz que as investidas dela não aconteceram somente uma vez. Moisés relata que “José era formoso de aparência e formoso à vista” (Gn 39.6), e que a sua

senhora falava a cada dia com José, mas ele não lhe dava ouvidos (Gn 39.10). Muitas tentações se iniciam com uma simples conversa, que vai se aprofundando até achar guarida em corações desavisados. José tinha temor de Deus. Ele respeitava o seu senhor, muito mais do que a própria esposa de Potifar o respeitava. Devemos nos lembrar de que a casa de Potifar era o ambiente de trabalho onde José atuava, e que Deus era com José naquela casa. Contudo, o mal não descansa, e vai buscar um espaço mesmo onde está a presença de Deus.

A Tentação Resistida

Mesmo diante das investidas de uma mulher socialmente poderosa, José se manteve firme em sua dedicação ao seu trabalho, ao respeito por seu patrão e, acima de tudo, manteve seu temor a Deus: “como, pois, faria eu este tamanho mal e pecaria contra Deus?” (Gn 39.9). Por mais que José tivesse instintos como um homem normal, ele os sujeitava a Deus, e isso o manteve fiel.

Não foi fácil se manter íntegro. Em vez de ser recompensado por sua fidelidade, José foi acusado de um assédio sexual que não cometeu. Se cedesse à tentação, poderia ter sido tratado melhor na casa de seu senhor. Como essa tentação ocorreu na casa de Potifar, ambiente de trabalho de José, é possível imaginar que talvez o bisneto de Abraão recebesse uma promoção, uma condição de vida melhor e teria seus instintos sexuais satisfeitos. Mas ele

sabia que nenhum desses “benefícios” seria aprovado por Deus, e preferiu não se deixar levar pelas palavras da esposa de Potifar. A confiança que seu senhor havia depositado nele estava sendo honrada, e a um custo bastante alto. O caminho de Deus para a exaltação de José dava mais um passo, mas para baixo.

III – EGITO, O LUGAR DA RESTAURAÇÃO

O Preço da Fidelidade

Ser fiel a Deus tem um preço, e José pagou pela sua fidelidade a Deus e a Potifar. Acusado falsamente, foi parar na prisão do Egito. Se a situação dele já não era confortável como escravo, quem dirá como prisioneiro. Um escravo poderia sair da casa, comprar coisas para seus senhores e, de certa forma, se socializar com outras pessoas. Mas na prisão estariam as piores pessoas, acusadas de crimes contra a sociedade. Ser fiel a Deus custou alto para José. Mas a Palavra nos diz que “O Senhor, porém, estava com José, e estendeu sobre ele a sua benignidade” (Gn 39.21). Se por um lado ser fiel a Deus pode nos custar uma posição, recursos ou mesmo a boa fama, é certo que teremos a presença dEle conosco.

A Recompensa da Fidelidade

Deus não permitiu que José terminasse seus dias na prisão. Da mesma forma que ele havia honrado a Deus por meio de seu

testemunho, Deus, na prisão, começou a agir para exaltar José e lhe fazer justiça.

A tentação pode ser uma fonte de prazeres momentâneos, mas são prazeres que vão cobrar seu preço. É melhor ser fiel a Deus e ser exaltado por Ele do que pecar contra Deus e colher os frutos da desobediência.

> Os sonhos tinham um papel importante na vida dos governantes do Egito, e a capacidade de interpretá-los era uma aptidão extremamente respeitada. Até então, José havia refletido sobre seus próprios sonhos, sendo esta a primeira vez que interpretou o sonho de outros. O fato de ter notado o semblante perturbado daqueles homens mostra que José era um homem atencioso e de discernimento, e o fato de ter dado a glória a Deus (Gn 40:8) demonstra que era humilde.
> É elogiável a humildade de José e seu desejo de honrar o verdadeiro Deus vivo (v. 16; ver também Gn 40:8; Dn 2:27, 28). Ele ouviu enquanto o Faraó descrevia seus dois sonhos e, então, deu-lhe a interpretação. Era um assunto sério, pois Deus havia mostrado ao governante do Egito quais eram seus planos para os próximos quatorze anos, e o Faraó tinha consciência desse fato. Uma vez que passou a ter conhecimento do plano de Deus, o Faraó tinha a responsabilidade de colocar em prática o que Deus queria que ele fizesse. Sabendo disso, José foi além da interpretação e deu sugestões ao Faraó, o que requereu dele um bocado de fé e coragem. Porém, Deus estava usando José, e o Faraó aceitou suas sugestões. Em primeiro lugar, o Faraó devia nomear um homem inteligente e sábio para administrar a terra e suas colheitas. Em segundo lugar, devia dar a esse homem vários administradores para cuidar das diversas regiões daquela terra e entregar ao Faraó um quinto de cada colheita ao longo dos sete anos seguintes. Em terceiro lugar, toda a comida devia ser armazenada para quando viessem os anos de fome. (WIERSBE, 2017a, p. 192,194)

Fuja da Aparência do Mal

Quando o apóstolo Paulo orienta aos tessalonicenses acerca de ficar vigilantes diante do pecado, ele os orienta a fugir da aparência

do mal (1 Ts 5.22). Ele não orienta que fujamos do mal, mas da sua aparência, ou seja, se de longe é possível enxergar uma situação como uma porta aberta ao pecado, já devemos nos desviar imediatamente desse caminho. Não precisamos chegar perto para perceber o mal ou comprovar que ele existe. O que parece mal pode ser um indicativo sério de que algo pior está à espreita, e a orientação apostólica é que já estejamos na direção oposta do que parece ser mal. Infelizmente, não são poucos os que percebem a aparência do mal e, ainda assim, se deixam aproximar e se envolver com coisas que desagradam a Deus.

CONCLUSÃO

Como vimos, a tentação existe, mas é resistível. José provavelmente tinha os argumentos necessários para dar vazão ao pecado, mas permaneceu firme ante às investidas sexuais com que estava se deparando no seu trabalho. Mesmo tendo se tornado um escravo, distante de casa, das pessoas que amava, não estava distante do seu Deus, e essa convicção o sustentou quando ninguém estava perto para vigiá-lo em suas ações.

Deus está presente e sempre ao nosso lado, e, pela fé, podemos resistir às tentações mesmo quando ninguém está por perto para nos observar. A presença de Deus conosco deve ser suficiente para que confiemos nEle em todos os momentos. Podemos resistir às

tentações, pois temos o Espírito de Deus, que nos orienta para que não pequemos contra Deus.

Capítulo 4

DESAFIANDO A DEUS NO DESERTO

Precisamos entender que tanto o clamor quanto a murmuração chamam a atenção de Deus, mas os resultados para ambos os casos são sempre diferentes.

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – DESPREZANDO A PRESENÇA DE DEUS NA CAMINHADA

- As Águas Amargas em Mara
- O Envio do Maná
- As Águas de Refidim

II – INFAMANDO A TERRA QUE DEUS DISSE QUE ERA BOA

- Uma Honra Transformada em uma Vergonha
- Quando Príncipes se Veem como Insetos
- Desqualificando o que Deus Disse que Era Bom

III – UM ATRASO DE QUARENTA ANOS

- Quando a Promessa de Deus É Mudada

- Tentar a Deus É Perder Tempo
- Vale a Pena Desagradar a Deus?

CONCLUSÃO

Introdução

A palavra “deserto” costuma trazer, em nossos dias, a ideia de um lugar sem condições de abrigar a vida humana, não apenas por causa das altas temperaturas durante o dia como também por causa das baixas temperaturas à noite. Não é comum haver restaurantes, escolas, igrejas nem centros comerciais em lugares desertos. É, no máximo, um lugar de passagem quando não há outro caminho pelo qual possamos chegar ao destino que consideramos “final”.

Em nossos dias, dispomos de alguns recursos que nos facilitam a vida caso seja necessário trilhar esse tipo de terreno. Passar por um ambiente de deserto, quando se está com um veículo e suprimentos adequados, com instrumentos de orientação e uma equipe de apoio pode ser um passeio turístico diferente e radical, mas andar pelo deserto por quarenta anos, sabendo que jamais sairá dele vivo, e consciente de que não verá a promessa de Deus se cumprindo na sua vida é desanimador.

Esse foi o caso dos israelitas. Descendentes de Abraão, o amigo de Deus, chegaram livres ao Egito, mas foram escravizados e atormentados por muito tempo, até que Deus levantou um libertador para os redimir da escravidão. Porém, para chegar à Terra Prometida por Deus, precisaram passar pelo deserto e, por causa de sua rebeldia, os hebreus acabaram tornando o local de passagem em seu sepulcro, por duvidarem do poder e das promessas do Pai.

Esse foi o preço pago pelos israelitas, que anteriormente haviam recebido a promessa de Deus de entrarem numa terra onde seriam donos de sua própria liberdade, ainda por cima, garantidos pela proteção e a bênção de Deus, se fossem obedientes aos seus mandamentos.

I – DESPREZANDO A PRESENÇA DE DEUS NA CAMINHADA

As Águas Amargas em Mara

Moisés registra em Êxodo a libertação do povo de Israel. Os séculos no Egito fizeram os hebreus se multiplicarem, e posteriormente, serem perseguidos por Faraó. Ao ouvir o seu povo, Deus envia Moisés para libertá-los, e por “mão forte”, que após saírem do Mar Vermelho, andaram na direção do deserto de Sur por três dias, sem encontrarem o que beber (Êx 15.23). Ao chegarem a uma localidade chamada Mara, encontraram água, mas logo

descobriram que elas eram amargas. É possível matar a sede e se sentir saciado bebendo água com gás, água em temperatura ambiente e até água com algum tipo de suco de frutas misturado, mas não se consegue matar a sede em um deserto bebendo uma água com sabor amargo e desagradável. Na prática, provavelmente se tratavam de águas com um sabor diferenciado pela presença de minerais, o que pode ter causado estranheza aos israelitas sedentos.

Aquelas águas não eram realmente agradáveis, mas o que chama a atenção é o espírito de revolta com que os hebreus trataram Moisés e Deus. Os mesmos israelitas que bebiam das águas nada saudáveis do Nilo reclamavam das águas amargas de Mara. Mais do que isso, eles ainda não haviam entendido a grandeza do livramento que o Eterno lhes dera, e também não entenderam que passar pelo deserto era, na verdade, uma forma de Deus lhes dar continuidade do livramento e de provar o caráter daqueles que estavam destinados a ser os novos habitantes de Canaã.

Na escravidão, não reclamavam do que eram obrigados a beber, mas bastou ficarem livres que passaram a reclamar de tudo. De qualquer forma, a postura deles não foi buscar a ajuda de Deus em oração, mas, sim, murmurar contra Moisés (Êx 15.24). Curiosamente, parece que há entre o povo de Deus pessoas que se portam dessa maneira. No mundo, sofrem adversidades, são

escravizadas, não têm as bênçãos de Deus e nada reclamam da sorte que tinham. Mas basta aceitar a Jesus que passam a reclamar das mesmas adversidades pelas quais passavam antes.

Em sua graça, Deus ouve o seu servo Moisés clamando por ajuda, e o orienta a lançar um pedaço de madeira nas águas, que as tornou doces. Ali, naquela situação, Deus os provou (Êx 15.25). Além de tornar as águas agradáveis, Deus lhes garantiu que, se lhe obedecessem, não teriam com eles nenhuma das enfermidades que foram vistas nos egípcios.

> Depois de viajar três dias sem encontrar água, o povo finalmente chega a uma fonte, mas fica profundamente decepcionado, pois descobre que suas águas não são potáveis (15:22-23), mas, sim, amargas (daí o nome “Mara”, isto é, “amarga”). É possível que tenham se lembrado da refeição de Páscoa, na qual as “ervas amargas” simbolizavam a amargura da escravidão (12:8). As memórias ainda são recentes, o que talvez explique o fato de, neste episódio, o povo não expressar arrependimento de ter deixado o Egito, como fez em 14:11 e voltaria a fazer com frequência ao criticar Moisés por tê-los conduzido para o deserto.
>
> O povo se mostra incoerente: num instante está cantando louvores a Deus e, no dia seguinte, está murmurando a seu respeito. Talvez esse tipo de comportamento tenha levado Tiago a ressaltar que a mesma boca não deve proferir palavras contraditórias: “De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim. Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?” (Tg 3:10-11). Ao mesmo tempo que provê a solução para o problema de falta de água, Deus lembra o povo da importância de manter o compromisso com ele a fim de receber suas bênçãos, as quais ele compara a uma cura, dizendo: Eu sou o SENHOR que te sara (15:26). O contexto dessa declaração é indicado pelas palavras: Nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios. O Senhor lembra seu povo de que não apenas havia lançado e removido as pragas sobre o Egito, como também havia impedido que afetassem o povo de Israel. Agora, os israelitas se veem sem água, uma necessidade que o Senhor provê como parte de

> seu ministério de cura. Como esse gesto, ele está prometendo cuidar de seu povo. Se eles lhe obedecerem, experimentarão suas inesgotáveis bênçãos, representadas aqui pela abundância que encontram em Elim: Doze fontes de água e setenta palmeiras (15:27). (ADEYEMO, 2004, p. 320, 321)

O Envio do Maná

Passados mais alguns dias, os hebreus novamente murmuraram contra Moisés, e acrescentaram Arão às suas queixas. Por qual motivo? Por não terem o que comer. Eles não pediram a Deus alimentos. Era mais fácil colocar a culpa em Moisés do que se lembrarem de que haviam sido escravos de Faraó. As suas memórias não estavam nos milagres que haviam presenciado, mas nas panelas com carne e nos pães, que comiam “até fartar”. É importante observar que o esquecimento é muito próximo da ingratidão.

Entendemos que os milagres realizados por Deus, por intermédio de Moisés, não trariam alimentos para o povo, mas serviam como uma chave para entenderem que o Senhor que os livrou da escravidão estava se colocando como uma garantia para que eles cressem que poderiam contar com Ele até a chegada na Terra Prometida. O mesmo Deus Eterno que com mão forte os livrou era o Deus que lhes garantiria sustento e provisão no deserto. Da mesma forma que eles sofreram no Egito sendo escravizados, vendo seus meninos recém-nascidos sendo mortos e os seus algozes no Egito aumentando os castigos, e clamaram ao Senhor, e Deus os ouviu (Êx 2.23-25), bastava que clamassem ao Senhor para que fossem

ouvidos. Precisamos entender que tanto o clamor quanto a murmuração chamam a atenção de Deus, mas os resultados para ambos os casos são sempre diferentes.

Em suas queixas, os hebreus não agradeceram a Deus pela liberdade nem pela provisão recebida. Eles preferiram permanecer escravos bem alimentados e murmuraram contra Deus (Êx 16.7). Apesar dessa postura, em sua bondade, Deus proveu a carne e o pão, enviando codornas à tarde e o maná pela manhã. E, mesmo com a orientação de Deus, de nos dias da semana pegarem somente o maná necessário, houve israelitas que se apropriaram de mais do que precisavam, tentando estocar alimentos, e isso lhes rendeu bichos e mau cheiro. A lição necessária para que confiassem no Senhor e na sua fidelidade seria aprendida com bastante dificuldade.

As Águas de Refidim

Como se fossem poucas essas duas ocorrências anteriores, Moisés registra uma nova murmuração dos israelitas contra Deus. Ao chegarem a Refidim e perceberem que não havia ali água, logo se puseram a reclamar contra Moisés: “Por que contendeis comigo? Porque tentais ao Senhor?” (Êx 17.2). Nesses relatos, entendemos duas coisas: que era comum que o povo reclamasse de Moisés e que essas murmurações eram tidas por Deus como uma tentação contra o próprio Deus. Eles chegaram a dizer: “Está o Senhor no

meio de nós, ou não" (Êx 17.7). Duvidar da presença de Deus junto a nós pelo fato de faltarem um ou mais elementos essenciais para a vida é uma tentação no sentido de se acreditar que, se Deus está conosco, não passaremos por dificuldades. Na verdade, tanto a fartura quando a escassez devem nos levar a Ele.

> Contendeu o povo com Moisés. "Discutiram" com Moisés. Este verbo é a palavra-chave da passagem, explicando por que o nome "Meribá" ("contenda", "discussão") foi usado dali em diante para se referir àquele lugar. Alguns comentaristas apresentaram explicações alternativas, baseadas no ponto de vista de que o nome surgiu das "decisões judiciais" tomadas junto às fontes do local, como em En-Mispate (Cades), "Poço do Julgamento" (Gn 14:7) ou porque os pastores contenderam por causa da água (cf. Gn 26:16-22). Sem sombra de dúvida, ambas as ocorrências são comuns, mas não são mencionadas neste contexto como razões para o uso de tal nome. Moisés faz eco à "discussão" em sua resposta, e faz associação com uma segunda raiz que subjaz o nome Massá ("testar", "colocar à prova"). 3. Nossos rebanhos. Com a costumeira atribuição de motivos ridículos a Moisés, há aqui um toque de caracterização. Quem, a não ser um criador de gado, se preocuparia com a probabilidade de seu gado morrer de sede se já estivesse prestes a morrer de sede ele próprio? Aqui transparece o típico fazendeiro israelita. 4. Só lhe resta apedrejar-me. Este é o último estágio de rejeição para um líder em Israel. Ver o caso de Davi em Ziclague (1 Sm 30:6) e de Adorão em Siquém (1 Rs 12:18). Moisés deve ter-se lembrado aqui da reação inicial dos israelitas à sua vinda (5:21). Cristo (Jo 10:31), Estêvão (At 7:58) e Paulo (At 14:19) enfrentaram a possibilidade de apedrejamento pelas mãos do povo de Deus, aqueles mesmos a quem haviam sido enviados. (CARSON, 2009, p. 130)

> Moisés interpretou a querela de Israel contra ele como uma querela contra Deus. Em palavras que podiam pretender ser uma repreensão, ele usou a mesma palavra que o Senhor havia usado anteriormente a respeito de Israel: "Para que eu o prove" (*nasah*) (16:4). Israel inverteu o processo; em vez de ser provado pelo Senhor, ele o provou. (ALLEN, 1986, p. 474)

II – INFAMANDO A TERRA QUE DEUS DISSE QUE ERA BOA

Uma Honra Transformada em uma Vergonha

Para que os hebreus pudessem entrar na terra que Deus lhes havia prometido, era preciso saber quem estava residindo nela. Um trabalho de inteligência precisava ser montado, para que eles pudessem ser bem-sucedidos na conquista daqueles territórios. O fato de Deus estar com eles não os isentava de ser inteligentes, precavidos e, acima de tudo, observadores.

Homens inteligentes, experimentados, com uma liderança reconhecida e conhecimento estratégico precisavam ser enviados nessa missão. Então Moisés escolhe representantes das tribos, homens tidos por “cabeças”. Isso significa que eram influentes, e tinham poder de convencimento diante de seus irmãos. Sua missão era saber “que terra é, e o povo que nela habita; se é forte ou fraco; se é pouco ou muito” (Nm 13.18). Certamente, Deus poderia revelar todos esses detalhes a Moisés, sem que fosse necessário escolher homens para uma missão tão arriscada. Mas eis a questão: Deus, em sua sabedoria, não segue sempre os mesmos critérios que achamos que Ele deve seguir. Deus desejava honrar líderes em Israel. Uma nação sem líderes fortes e tementes a Deus seria um desastre na Terra Prometida.

Aqueles homens, chamados de “doze espias”, que teriam a honra de cooperar com o plano de Deus, são lembrados justamente por terem cumprido a sua missão e influenciado negativamente a

opinião do povo diante daquilo que Deus havia falado. Desse seleto grupo, somente Josué e Calebe são lembrados de forma positiva, não somente por terem cumprido a missão, mas por terem visto que, apesar das dificuldades pelas quais passariam, Deus estava com eles e lhes daria a vitória que havia prometido.

Parece-nos que em nossos dias essa cena se repete: pessoas que deveriam ser úteis na obra de Deus, cooperando com o Senhor, acabam influenciando outras pessoas para direções opostas, tornando-se, assim, inúteis, e entrando para a história como um tropeço, e não como um instrumento de Deus. Não basta cumprir uma missão: é preciso crer que, apesar das dificuldades, o mesmo Deus que nos comissionou estará conosco, abrindo o caminho para que a vontade dEle seja realizada por canais limitados, como nós.

Quando Príncipes se Veem como Insetos

“[...] éramos aos nossos olhos como gafanhotos e assim também éramos aos seus olhos” (Nm 13.33). Quem fez essa declaração? Os mesmos homens que a Bíblia diz que eram os cabeças dos filhos de Israel (Nm 13.3). A orientação divina era que homens capacitados na liderança fossem enviados para espionar a terra. Eles a espionaram, mas, ao retornarem da missão, falaram coisas ruins da terra que Deus havia dito que era boa. Eles chegaram a dizer que se pareciam com gafanhotos diante dos moradores de Canaã, apresentando igualmente uma opinião do povo da terra sobre eles.

Como é triste obedecer a Deus no início da caminhada e perder a visão do que Ele quer fazer no percurso. Quem disse aos espiões hebreus que eles eram como gafanhotos aos olhos dos moradores de Canaã? Devemos nos ver como Deus nos vê, e não como os homens podem nos ver. Há pessoas que inicialmente obedecem a Deus, mas depois tentam a esse mesmo Deus quando deturpam a sua Palavra. Há aqueles que se deixam influenciar pelos desafios que acham que não conseguirão vencer, e acreditam que Deus se enganou em seus planos. Para eles, há um erro na logística celeste. Mas, para Deus, esses eram sinais claros de que aquele grupo de pessoas precisava ser disciplinado.

Desqualificando o que Deus Disse que Era Bom

“[...] A terra, pelo meio da qual passamos a espiar, é terra que consome os seus moradores; e todo o povo que vimos no meio dela são homens da grande estatura” (Nm 13.32). Da mesma forma que Satanás, no Éden, enganou de forma proposital o primeiro casal, desqualificando o que Deus disse, os espias, exceto Josué e Calebe, desqualificaram a terra que Deus por séculos estava preparando para os filhos de Abraão. Toda tentação, em algum nível, busca tornar inútil ou de pouco valor aquilo que Deus disse que era bom, e tenta tornar valioso o que Deus disse que não deveria ser valorizado.

No Éden, Satanás conseguiu inverter para o primeiro casal o valor do que Deus havia dito. Em Êxodo, os homens enviados por Deus inverteram para o povo aquilo que Deus havia garantido aos hebreus, como cumprimento de uma promessa a Abraão. Ainda que as Escrituras não mencionem Satanás nessa narrativa, o seu modo de operar está aparente no pensamento dos hebreus que se esqueceram da promessa divina.

III – UM ATRASO DE QUARENTA ANOS

Quando a Promessa de Deus É Mudada

Os israelitas descobriram, ao longo dos quarenta anos seguintes, que desprezar a Deus e a sua Palavra tinha um preço terrível. O deserto não havia sido escolhido para que eles perdessem suas vidas. “Deus não os levou pelo caminho da terra dos filisteus, que estava mais perto; porque Deus disse: Para que, porventura, o povo não se arrependa, vendo a guerra, e tornem ao Egito” (Êx 13.17). Em sua sabedoria, Deus sabia que os hebreus não tinham experiência de combate e, por isso, os conduziu por outro caminho. O caminho era mais longo, mais árido, porém, ao mesmo tempo, mais seguro. O que muitas vezes acreditamos ser uma provação de Deus pode ser, na verdade, uma forma de livramento que Ele nos está dando, para que a sua promessa se cumpra em nossas vidas.

Mas por causa da rebeldia do seu povo, e as constantes murmurações com a quais tentaram ao Senhor, Deus reverteu sua

promessa para aquela geração. Deus não falhou com seus desígnios. Uma geração de hebreus libertos entrou na Terra Prometida, mas foi a geração que saiu do Egito como crianças e que cresceram no deserto. Eles, sim, valorizariam a terra que Deus disse que era boa. Às vezes, Deus nos permite passar por dificuldades para que possamos entender o valor da bênção que Ele reservou para nós.

Deus usou aquela situação para depurar do seu povo aqueles que não entrariam na terra. Uma nova geração, sem as referências do Egito, mas com as vivências do deserto, entraria na Terra Prometida. Os hebreus vinham de um Egito que, em tese, lhes dava "tudo", mas lhes cobrava a liberdade. A geração do deserto, acostumada à escassez, mas livre, ansiava por uma terra. Essa geração teria a sua recompensa.

Tentar a Deus É Perder Tempo

O que devemos entender, diante das narrativas que tratam dos primeiros dias do povo no deserto, é que tentar ao Senhor é perder tempo e que quem sai perdendo é quem se deixa levar pela murmuração não somente contra Deus, mas também contra aqueles a quem Ele escolheu para guiar o seu povo. Por não verem a Deus, os israelitas queixavam-se do homem que Ele havia escolhido para libertá-los. Moisés não era um homem perfeito, mas havia obedecido a Deus atendendo ao seu chamado, e o Senhor não

toleraria qualquer pessoa se levantando contra o homem que Ele escolhera. Basta lembrar que a irmã de Moisés, Miriã, ficou temporariamente leprosa por desacatar seu irmão. Deus valoriza a autoridade e o respeito a ela.

A geração que saiu do Egito teve todas as oportunidades de vivenciar duas experiências marcantes: a liberdade da escravidão e a chegada ao lugar que Deus lhes reservara. Mas, por causa da tentação, os homens que infamaram a terra “morreram de praga perante o Senhor” (Nm 14.37), e os demais hebreus, que se deixaram levar, perderam suas vidas no deserto.

Vale a Pena Desagradar a Deus?

Os hebreus precisavam confiar no que Deus havia prometido. Eles já tinham visto o poder de Deus contra os egípcios, mas mesmo assim preferiram atentar para as circunstâncias e tentaram ao Senhor com sua incredulidade.

Já fomos alcançados pela salvação, mas precisamos aprender a agradar a Deus com nossas ações. Agradamos a Deus dando crédito ao que Ele nos diz. O apóstolo Paulo resume as consequências de desagradar a Deus usando justamente o exemplo dos hebreus no deserto:

> Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem; e todos passaram pelo mar, e todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar, e todos comeram de um mesmo manjar espiritual, e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo. Mas Deus não se

> agradou da maior parte deles, pelo que foram prostrados no deserto. (1 Co 10.1-5)

Há uma clara distinção entre o amor de Deus e o seu agrado. Como filhos, podemos desagradar a Deus com nossas ações e colher as devidas consequências.

CONCLUSÃO

Da mesma forma que Deus não tenta a ninguém, não podemos tentar a Deus com nossas palavras, pensamentos ou ações, pois essas são formas de ingratidão contra aquEle que nos salvou e nos tirou da escravidão do pecado. Que jamais sejamos ingratos ou esquecidos das bênçãos que temos recebido dEle.

Capítulo 5

BALAÃO: QUANDO DEUS DIZ NÃO

Balaão é um exemplo clássico de profeta ou vidente místico capaz de confundir o povo com suas práticas divinatórias... Em nenhum lugar na Bíblia ele é considerado profeta do Deus vivo, mas, sim, encantador de encantamentos, de adivinho.

– Esequias Soares

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – UM HOMEM QUE OUVIU A VOZ DE DEUS

- Um Homem que Ouvia a Voz de Deus
- Um Homem diante de um Negócio
- Povo Bendito É

II – INSISTINDO NO ERRO

- Obedecendo a Deus, mas com o Coração Ambicioso
- Livrado por um Animal
- A Insistência que Mina a Resistência

III – QUANDO A AMBIÇÃO VENCE O DISCERNIMENTO

- Mudar de Lugar não Muda o que Deus Disse
- A Insistência no Erro
- Lançando Tropeço
- A Consequência Final do Erro
- Espiritualidade Equivocada

CONCLUSÃO

Introdução

Algumas pessoas se destacam por seus talentos naturais, profissionalismo, intelecto ou recursos financeiros. Tais talentos podem ser uma vantagem estratégica para essas pessoas, mas também podem se tornar um caminho para o qual a ambição e o amor ao dinheiro ultrapassem limites e destruam reputações. Isso se torna ainda mais grave quando tais pessoas se utilizam de seus talentos ou aptidões para desafiar a Deus.

Uma das maiores tentações que cercam as pessoas que conhecem a Deus é, justamente, tentar contornar o que Deus disse, seja para fazer alguma coisa, seja para deixar de fazer alguma coisa. A vontade de Deus pode impulsionar pessoas para a obediência, mas quando essa vontade confronta o que desejamos, como reagimos para conseguir realizar algum projeto pessoal ou receber algum prêmio? Não raro, o anseio por conseguir mais coisas ou mais posições, ou mesmo até impor para Deus a nossa

vontade, podem ignorar as orientações expressas do Eterno, levando-nos a lugares onde Ele jamais planejou que estivéssemos.

Neste capítulo, veremos o quanto a tentação pelo dinheiro levou um homem chamado Balaão a contrariar orientações divinas, a forma com que contornou a situação para desobedecer a Deus e o custo da sua desobediência. Por fim, veremos o quão caro é desafiar a Deus quando Ele nos dá orientações claras e diretas.

I – UM HOMEM QUE OUVIU A VOZ DE DEUS

Um Homem que Ouvia a Voz de Deus

A Palavra de Deus nos apresenta um homem chamado Balaão. Ele é descrito na Bíblia como um homem que, de alguma forma que não nos é explicada, ouviu a voz de Deus. Moisés não entra em detalhes sobre a fé de Balaão, nem como ele começou a ouvir a Deus, muito menos se Balaão tinha por hábito obedecer ao que Deus lhe dizia, mas deixa claro que ele não apenas ouviu a Deus, mas soube também distinguir que Deus estava falando com ele.

O pastor Esequias Soares aponta que

> Balaão é um exemplo clássico de profeta ou vidente místico capaz de confundir o povo com suas práticas divinatórias. Até hoje é um personagem bíblico controvertido, apesar de a Bíblia não deixar dúvidas de seu caráter corrompido. Em nenhum lugar na Bíblia ele é considerado profeta do Deus vivo, mas sim encantador de encantamentos, de adivinho: “Não foi desta vez como dantes ao encontro de encantamentos” (Nm 24.1). A versão Almeida Atualizada emprega “agouros”, no lugar de “encantamentos”, para traduzir o termo hebraico *nahash*, “adivinhação”. (SOARES, 2010, p. 72)

Eis a questão: Como veremos, não basta ouvir a voz de Deus e saber que é Ele que está falando conosco. Ouvir e obedecer são dois verbos que implicam ações, mas que podem ser conexas ou não. Há quem pense que, na vida cristã, Deus se nega a falar conosco de uma forma pessoal. Hoje temos a sua Palavra escrita, onde os princípios gerais para comunhão com Ele já estão apresentados. Ela nos mostra o plano de Deus para seus filhos, a forma como eles devem se portar neste mundo e o que está reservado para nós na eternidade.

Temos também respostas de Deus quando oramos, e podemos não somente ouvir sua voz nos orientando, mas igualmente nos direcionando em situações nas quais Ele mesmo está nos dirigindo. A oração não somente muda as situações, mas muda também a pessoa que está orando.

Ele também fortaleceu a sua igreja com os dons espirituais, dotações sobrenaturais do Espírito que não substituem a Palavra de Deus nem devem se sobrepor a ela, mas que auxiliam os santos. Esses dons não têm data de validade no Novo Testamento, nem se sujeitam ao pensamento humano que entende terem sido extintos no primeiro século da era cristã. Mas de nada adiantaria todas essas formas de Deus falar conosco se decidirmos que ouvir e obedecer ao que Ele diz não é necessário.

Um Homem diante de um Negócio

Balaão entra na história sagrada durante a caminhada do povo em direção à Terra Prometida. Midianitas e moabitas se uniram em torno de uma causa que julgaram ser um problema em comum: o acampamento dos israelitas nas campinas de Moabe (Nm 22.1,2).

É certo que a multidão de hebreus deixou os moabitas assustados, pois os filhos de Abraão eram numerosos: “E Moabe temeu muito diante deste povo, porque era muito; e Moabe andava angustiado por causa dos filhos de Israel” (Nm 22.3). Talvez fosse mais fácil, para os inimigos do povo de Deus, se cercarem de forças espirituais que pudessem dar fim àquele povo, poupando, dessa forma, uma possível guerra e a perda de vidas humanas moabitas. Dessa forma, os midianitas e moabitas enviam representantes para falarem com Balaão. Ele era uma “autoridade” em consultar os deuses e utilizar dessas consultas para atender aqueles que o procuravam com recursos financeiros.

> Seu nome em hebraico era (*bil‘ām*), “devorador, engolidor”. Balaão é identificado nessa narrativa como filho de um certo Beor, natural de Petor, cidade da Mesopotâmia, em Arã (22.5). Era um feiticeiro, cartomante, prognosticador, conhecido nos países vizinhos pelos sortilégios e adivinhações e por essa razão foi contratado pelo rei Balaque, dos moabitas, para amaldiçoar a Israel. (SOARES, 2010, p. 73)

Uma vez apresentado Balaão, é preciso que vejamos o povo ao qual Balaão estava sendo contratado para amaldiçoar: os filhos de Israel.

Povo Bendito É

Após receber os representantes dos dois reinos, Balaão consulta ao Senhor: “E ele lhes disse: Passai aqui esta noite, e vos trarei a resposta, como o Senhor me falar; então, os príncipes dos moabitas ficaram com Balaão” (Nm 22.8). Ao que parece, Balaão não tinha conhecimento de que os hebreus tinham a proteção de Deus. O Eterno sabia o que estava acontecendo, mas se dirige a Balaão e pergunta quem eram os homens que estavam com ele. Deus deixou que ele explicasse quem eram e o que estavam fazendo, e, de forma objetiva, deixa claro a Balaão que ele não deveria entrar naquele negócio: “Não irás com eles, nem amaldiçoarás a este povo, porquanto bendito é” (Nm 22.12).

É curioso o fato de que Deus considera seu povo um povo bendito. O mesmo povo que murmurou contra Deus, que se rebelou contra Moisés, que reclamou da falta de água e de comida, e que deixou Deus “indignado”, foi considerado bendito pelo próprio Deus. É provável que isso se deva não apenas porque Deus trata com o seu povo de forma doméstica, mas também que somente Ele pode julgar os seus. Ele não permitiria que seu próprio povo fosse alvo de alguma maldição rogada por um ser humano.

Como veremos, Balaão não aprendeu essa lição. Ele até entendeu, em um momento inicial, que não deveria agir de forma contrária ao que Deus lhe orientou: “Então, Balaão levantou-se pela manhã e disse aos príncipes de Balaque: Ide à vossa terra, porque o Senhor recusa deixar-me ir convosco” (Nm 22.13). Mas logo ele

sucumbiria à constância dos apelos daqueles povos. Os recursos financeiros que os dois reinos lhe ofereceram falaram mais alto que a orientação inicial de Deus.

II – INSISTINDO NO ERRO

Obedecendo a Deus, mas com o Coração Ambicioso

Podemos ver que Balaão, em um primeiro momento, obedeceu a Deus: “E levantaram-se os príncipes dos moabitas, e vieram a Balaque, e disseram: Balaão recusou vir conosco” (Nm 22.14). Entretanto, o rei dos moabitas não se deu por vencido. O povo de Israel ainda estava acampado no mesmo lugar, e a recusa de Balaão não resolveu o problema do rei. Ele insiste com Balaão, a fim de conseguir o seu objetivo: “Assim diz Balaque, filho de Zipor: Rogo-te que não te demores em vir a mim, porque grandemente te honrarei e farei tudo o que me disseres; vem, pois, rogo-te, amaldiçoa-me este povo” (Nm 22.16,17). Balaque tinha uma nação, recursos e poder, mas não precisou recorrer a uma pessoa conhecida por trazer maldições a outras pessoas.

Aquela era uma oferta tentadora: um rei disposto a premiar um homem apenas para que ele lançasse pragas contra um grande grupo de pessoas. Bastavam algumas palavras, alguns gestos e talvez algum derramar de sangue para que aquele trabalho fosse realizado.

O v. 7 mostra que Balaão tinha transformado os seus poderes em um negócio (cf. 2Pe 2.15). Ele convida os líderes a passar a noite com ele. Talvez ele esteja esperando que Deus lhe fale por meio de um sonho (cf. Gn 20.3,6). O v. 12 é bem claro, e Balaão não teria precisado de mais orientações, v. 13. O Senhor não permitiu. Balaão parece estar bem disposto. Ele omite todas as menções às maldições e ao motivo da proibição. Isso os leva a pensar que ele quer uma quantia mais alta.
Líderes, em maior número e mais importantes do que os primeiros, e com promessas maiores (v. 15,16), foram enviados a Balaão, mas ele responde que não pode desobedecer à ordem do Senhor, mesmo que Balaque desse o seu palácio cheio de prata e de ouro (v. 18). Observe que ele diz: Senhor, meu Deus (v. 18). Apesar da proibição tão clara do v. 12, Balaão pede a eles que passem a noite na casa dele, para descobrir melhor a vontade de Deus (v. 19; cf. o v. 8). Deus permite que ele vá, desde que obedeça implicitamente às suas ordens (v. 20). Mas por que essa diferença entre os v. 12 e 20? No v. 12, temos o desejo mais sublime de Deus para Balaão, isto é, que ele não tivesse nada que ver com os mensageiros de Balaque. Mas Balaão não estava preparado para isso; assim, a proibição de ir foi retirada, e a proibição de amaldiçoar, mantida, para que Israel pudesse ser exaltado e o próprio Balaão tivesse a oportunidade de aprender mais acerca de Deus. (BRUCE, 2009, p. 335, 336)

Ainda tratando de Balaão, Gordon Wenham comenta:

O que pode ser dito acerca do caráter de Balaão? Mais precisamente, como o escritor de Números 22–24 considerava Balaão? À primeira vista, Balaão parece ser retratado de maneira muito positiva. A despeito da pressão das persuasões financeiras para amaldiçoar Israel, ele insiste firmemente em ouvir de Deus e finalmente os abençoa abrangentemente, para grande pesar do seu patrocinador (22:18; 24:10-13). Baseando-se nisso, Coats argumentou que “A história de Balaão apresenta-o... como um santo que desde o princípio não pensa em outra coisa que não seja obedecer a palavra de Javé”. 186 No entanto, outras passagens da Bíblia pintam Balaão de maneira bem diferente: como adversário de Israel, que o teria amaldiçoado se Deus não interviesse, um homem que preferia dinheiro a servir a Deus (31:8-16; Dt 23:4-5; II Pe 2:15; Jd 11; Ap 2:14). Tão grande é o contraste entre Nm 22–24 e estas passagens que tem sido sugerido que elas representam uma tradição alternativa a respeito de Balaão, ou que a avaliação positiva inicial daquele homem foi mais tarde substituída por este ponto de vista negativo. (WENHAM, 1985, p. 174)

Livrado por um Animal

Advertido por Deus a não dar prosseguimento ao seu plano, Balaão passa por uma experiência sem precedentes: ouvir um animal falando. A jumenta com a qual ele costumava viajar conversa com Balaão. Em nossos dias, é comum pessoas dizerem, de forma jocosa, que se Deus usou a mula para falar com Balaão, pode usar qualquer outra pessoa também. Ocorre que a Bíblia não diz que Deus “usou” a mula para falar com Balaão.

A Palavra de Deus é enfática em deixar claro que Deus falou aos pais, de diversas maneiras, pelos profetas (Hb 1.1). A mesma Bíblia diz que Deus abriu a boca do animal, e ele questionou Balaão por ter apanhado. A partir desse “diálogo”, o Senhor abriu os olhos de Balaão, e ele viu o anjo do Senhor. O anjo, sim, tratou com Balaão. A mula não trouxe nenhuma palavra profética nem outras expressões vocabulares que indicassem uma direção ao homem que já se negava a ouvir a Deus de forma completa. Por isso, é preciso que tenhamos cuidado nesse aspecto, de não atribuir à Palavra de Deus coisas que ela não nos manda dizer ou fazer.

A Insistência que Mina a Resistência

Apesar de ter resistido inicialmente, os convites recebidos com a promessa de uma recompensa foram minando os bloqueios na mente e nas atitudes de Balaão, bloqueios esses revelados pelo próprio Deus. Mesmo Deus permitindo que ele fosse com os

mensageiros, deixou claro que só falasse o que o Eterno ordenaria. Isso Balaão obedeceu. É possível que Balaão imaginasse que Deus mudaria de opinião se o local onde a palavra deveria ser lançada fosse modificado.

Tendo chegado aonde estava Balaque, Balaão foi a três lugares diferentes: Quiriate-Huzote, Pisga, Peor, e em todos esses lugares suas palavras foram dirigidas por Deus, que abençoou o seu povo. Apesar dessas experiências, Balaão ainda estava desejoso de ser "honrado", remunerado para que Israel fosse punido de alguma forma.

III – QUANDO A AMBIÇÃO VENCE O DISCERNIMENTO

Mudar de Lugar não Muda o que Deus Disse

É curioso o fato de que o homem sem Deus, por desprezar a revelação divina, tende a adquirir crendices que irão nortear suas ações e sua fé. Balaque conduziu Balaão para mais de uma localidade, imaginando que, de alguma forma, conseguiria fazer com que um deus pudesse inspirar o vidente a lançar pragas contra os hebreus. Em Quiriate-Huzote, a Palavra de Deus foi: "Como amaldiçoarei o que Deus não amaldiçoa?" (Nm 23.8). Em Pisga, "Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura, diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria? Eis que recebi mandado de abençoar; pois ele tem

abençoado, e eu não o posso revogar" (Nm 23.19,20). Em Peor, "Que boas são as tuas tendas, ó Jacó! Que boas as tuas moradas, ó Israel!" (Nm 24.5). Por mais que desejasse, Balaão não conseguia amaldiçoar a Israel.

A Insistência no Erro

A Palavra de Deus nos diz que em Quiriate-Huzote "o Senhor pôs a palavra na boca de Balaão" (Nm 23.5). Em Pisga, "encontrando-se o Senhor com Balaão, pôs uma palavra na sua boca" (Nm 23.16). E em Peor, "veio sobre ele o Espírito de Deus" (Nm 24.2). Com todas essas intervenções sobrenaturais, como um homem como Balaão acaba insistindo no erro?

Parece-nos que ao perceber que Deus não mudou seu posicionamento, Balaão deixou de tentar amaldiçoar o povo de Deus por meio de imprecações. Mas ele não desistiu de receber a sua recompensa dos moabitas e midianitas. Quando se pôs a ir com os mensageiros de Balaque, Balaão ouviu do anjo de Deus: "Eis que eu saí para ser teu adversário, porquanto o teu caminho é perverso diante de mim" (Nm 22.32). Essa fala por si já deveria ter convencido Balaão, mas ela não foi suficiente para mover o coração daquele homem ambicioso.

Lançando Tropeço

O vidente ensinou Balaque "a lançar tropeços diante dos filhos de Israel para que comessem dos sacrifícios da idolatria e se

prostituíssem” (Ap 2.14). Se tentar espraguejar o povo de Deus não deu certo, com certeza apelar para a carnalidade dos filhos de Israel trouxe a recompensa que Balaão buscava. Mulheres orientadas a desviar os israelitas os seduziram, conduzindo-os à idolatria e à prostituição, causando a morte de vinte e quatro mil pessoas (Nm 25.9). Deus sempre valorizou a pureza, a castidade e a adoração somente a Ele, e os hebreus não somente se prostituíram, mas também buscaram adorar os deuses de Canaã.

Dessa forma, o Deus que era o protetor dos filhos de Abraão se tornou o opositor do seu povo, por causa dos pecados que eles haviam cometido.

A Consequência Final do Erro

Balaão encontrou o destino final daqueles que desobedecem a Deus: a morte. Mas antes fez desviar o povo de Deus. Mesmo tendo sido avisado, Balaão fez pouco caso das orientações que teve o privilégio de receber de Deus e pagou com a vida pelo seu pecado, e sua história nos mostra que de nada adianta ouvir as orientações que Deus tem para nos dar se nosso coração não está disposto a sujeitar a nossa vontade pessoal para obedecer à vontade de Deus.

> Balaão teria se salvado se tivesse ficado nas visões de Deus, mas ele queria o dinheiro e a honra que Balaque prometera. Assim, ele disse ao rei como vencer Israel. Seu plano era simples: convidar os judeus para participar das festas sacrificiais pagãs e corrompê-los com idolatria e luxúria. As cerimônias envolvidas na adoração a Baal eram muito pecaminosas, e Balaão sabia que os judeus sentir-se-iam tentados a juntarem-se às

> mulheres moabitas. Foi exatamente isso que aconteceu. Na verdade, um israelita teve coragem suficiente para trazer uma mulher pagã para casa, bem à vista de Moisés (v. 6). As mulheres de Moabe e de Midiã conseguiram o que os exércitos de outras nações não puderam fazer. Se Satanás não consegue conquistar o povo de Deus como um leão (1 Pe 5:8), então ele vem como serpente. Acautele-se contra a amizade dos inimigos de Deus! O sorriso deles é uma armadilha. Finéias, neto de Arão, assumiu uma posição definitiva em favor do Senhor e opôs-se a essa concessão do povo de Deus aos pagãos (2 Co 6:14-18). A praga do Senhor já começara. Quando Finéias matou o homem e a mulher culpados, a praga cessou, mas não antes de 24 mil pessoas morrerem. Veja Números 31:16. Precisamos de mais homens corajosos como Finéias, que se candidatem à separação e à santidade nesta era em que as pessoas dizem aos cristãos que se tornem amigos de seus inimigos espirituais. (WIERSBE, 2017a, p. 198)

Espiritualidade Equivocada

Um dos maiores equívocos existentes na vida cristã é a imaginação de que a abundância de manifestações espirituais representa igualmente uma manifestação proporcional de santidade ou de vivência cristã madura.

> Por toda a Bíblia a profecia e outros dons espirituais de revelação são considerados como sinais de inspiração, mas não necessariamente de santidade ou de uma posição correta em relação a Deus da parte do profeta. Falsos profetas podem prever o futuro com exatidão (Dt 13:1-5). Embora condenado a perder o trono, Saul ainda profetizou (I Sm 19:23-39; At 19:13-16). A igreja de Corinto era perita em experiências espirituais de êxtase, mas falhava em amor, santidade e sã doutrina (I Co 1–15). Nosso Senhor advertiu que nos últimos dias nem profecia, nem exorcismo nem milagres garantiriam a entrada no reino do céu, mas apenas “aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7:21-23). Estas considerações pelo menos deixam aberta a possibilidade de que o autor de Números 22–24 não pretendia retratar Balaão como um santo. Ele considerava Balaão como um homem inspirado pelo Espírito para declarar a vontade de Deus, mas isso não significa necessariamente que ele pensava que Balaão era um homem bom ou um crente verdadeiro em Javé. (WENHAM, 1985, p. 175, 176)

É possível que uma pessoa se utilize de forma carnal de um dom dado por Deus. Por outro lado, não se pode generalizar, por causa de um mau exemplo, todos os demais dons espirituais. Corremos o risco de errar bastante se tomarmos “a parte pelo todo”. Da mesma forma que houve um Balaão, houve Elias, Eliseu, Jesus e Ágabo, e estes devem nos servir de exemplos positivos sobre a forma sobrenatural com que Deus fala com seus filhos. Profecias, exorcismos e milagres não são indicativos de que quem os manifesta é realmente um servo de Deus, mas tal situação não pode nos fazer descrer dessas manifestações, como se fossem inúteis.

Citei Wenham como exemplo de pensamento que, na crítica aos dons espirituais na Igreja em Corinto, acabou esquecendo que os dons foram dados por Deus, e que os coríntios precisavam aprender a lidar com eles.

CONCLUSÃO

Seria possível imaginar que Balaão começou sua história como uma pessoa que ouvia a Deus, mas que se tornou depois um mercenário. A tentação de fazer a nossa própria vontade sempre terá seu preço. Balaão poderia ter entrado para a história como um personagem que aprendeu a ser fiel a Deus, mas passou a ser conhecido como um vidente maligno, cujo conselho matou a ele e mais milhares de pessoas.

Capítulo 6

Olhando para a Direção Errada

O sucesso tem um efeito desorientador sobre a maioria de nós. Depois de lutar tanto tempo para chegar à tão sonhada posição no topo, deixamos de fazer as coisas que nos levaram até ela. Depois de tanto sacrificar os prazeres presente em busca de um ganho futuro, é difícil não deixar tudo de lado só para aproveitar o sucesso.

– Richard D. Phillips

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – NO TEMPO DA GUERRA, OCIOSO

- O Homem segundo o Coração de Deus
- Um Homem de Ação
- No Tempo em que os Reis Saem para as Guerras

II – OLHANDO NA DIREÇÃO ERRADA

- Passeando pelo Terraço
- O Adultério Consumado
- Matando um Marido e Soldado Honrado

III – CONSEQUÊNCIAS DA AÇÃO DE DAVI

- O que Davi Fez Pareceu Mau

- A Espada nunca mais se Separará da tua Casa
- O Contínuo Cuidado que Precisamos Ter

CONCLUSÃO

Introdução

A forma como olhamos as coisas que nos cercam, como também a ocasião em que estamos, pode ser um meio pelo qual seremos tentados. Entretanto, poder ser é diferente de ser. Ocasião e lugar não podem se tornar um elemento que facilite a ação de Satanás Mesmo sendo pessoas a quem o Eterno salvou, não estamos isentos de ocupar nossa mente com aquilo que agrada a Deus.

Davi é um exemplo intrigante de como uma pessoa que ama a Deus pode se deixar levar pelo esquecimento de suas obrigações e pecar contra o Eterno. Um momento de descuido, somado a pequenos hábitos, podem nos conduzir a caminhos sem volta.

I – NO TEMPO DA GUERRA, OCIOSO

O Homem segundo o Coração de Deus

Para tratar de Davi como um homem que foi tentado, é preciso dizer que, na época de sua tentação, ele não era um jovem com pouca experiência de vida, e sim um rei coroado e experiente em

batalhas. Ao longo de sua vida, Davi foi, entre outras coisas, um homem dedicado ao combate, pois Israel estava cercada de inimigos, e Davi daria continuidade às conquistas que não foram terminadas.

Richard D. Phillips comenta que, nessa fase da vida de Davi,

> A lista de inimigos derrotados por Davi durante esses primeiros anos é um rol dos adversários históricos de Israel. Os primeiros, naturalmente, foram os filisteus, do Oeste. Em seguida, ele derrotou os moabitas, do Leste, quase aniquilando suas forças armadas. Voltando-se para o Norte, os israelitas atacaram os arameus, de Damasco, dominando esse sítio estratégico, estabelecendo ali uma guarnição armada e colocando toda a Síria sob o seu domínio. O resultado dessas campanhas foi uma segurança nacional sem precedentes na história de Israel. Na verdade, o que Davi conquistou estava um pouco aquém da Terra Prometida a Moisés, uma campanha sagrada iniciada por Josué e que permanecera inacabada por muitas gerações.
> Poucos de nós um dia verão nossos sonhos da juventude se tornarem realidade. Desde o início da carreira, logo depois que sua vitória sobre Golias lhe deu a proeminência, Davi iniciou a grande tarefa inacabada que era, ao mesmo tempo, uma promessa e uma obrigação para o povo. Durante o longo período de lutas para chegar ao trono, ele jamais se afastou desse propósito, e, quando surgiu a oportunidade, não perdeu tempo nem esforços para realizá-lo. A Bíblia resume esse ponto alto da sua carreira com justificada satisfação: "... e o Senhor dava vitórias a Davi, por onde quer que ia. Reinou, pois, Davi sobre todo o Israel; julgava e fazia justiça a todo o seu povo (2º Sm 8.14, 15). (PHILLIPS, 2002, p. 192)

A Palavra de Deus se refere a ele como "um homem segundo o meu coração" (At 13.22, NVI). Em seu histórico, ele tinha diversas vitórias contra seus inimigos, vários livramentos da parte de Deus, o hábito de consultar a Deus para tomar certas ações e o fato de congregar sob sua liderança homens desajustados, transformando-os em homens valorosos.

Davi era um homem que se dedicou a Deus de uma forma especial. Para ele, o lugar de Deus não era somente em sua vida pessoal, mas deveria ser também na vida da nação. Ele trouxe de volta a Arca de Deus em uma imensa procissão que reuniu os hebreus, além de buscar fazer com que o povo adorasse ao Senhor, e foi chamado de profeta. Esse é, sem dúvida, um currículo diferenciado para um rei daqueles dias. Se compararmos Davi ao seu antecessor, Saul, veremos uma grande diferença no que se trata da relação com Deus. Davi se importava com Deus. Saul fazia pouco caso da sua vida espiritual.

Um Homem de Ação

A Palavra de Deus nos mostra que a tentação de Davi aconteceu em um momento de guerra. Naás, rei dos amonitas, faleceu, e seu filho, Hanum, reinou em seu lugar. Davi se lembra de que Naás o havia tratado com bondade (2 Sm 10.2), e decide enviar mensageiros para consolar o novo rei. Hanum, inexperiente, ouve seus conselheiros, que acusam os mensageiros de Davi de serem espiões. O rei rapa metade da barba dos homens enviados por Davi, além de cortar-lhes as roupas de maneira que ficaram muito envergonhados. Como esses homens retornariam a Israel naquele estado? Davi, sabendo do ocorrido, pede que os homens fiquem em Jericó, até que suas barbas cresçam. Esse foi um ato de grande humilhação para com os mensageiros enviados por Israel.

O novo rei dos amonitas certamente não aprendeu acerca do respeito a enviados estrangeiros, e isso lhe custou uma guerra desnecessária. Pelo que nos parece, Davi não tinha os amonitas como inimigos, mas a partir do momento em que desonraram os embaixadores enviados por ele, o cenário de uma nova guerra estava formado.

Não nos é dito sobre o efetivo de homens do exército dos filhos de Amom, mas nos parece que não era tão grande, pois eles contrataram mercenários siros para atacar Israel, num total de 33.000 homens. A guerra estava a caminho. E Davi precisava se preparar para esse momento. Ele era um homem de guerras, e se a sua nação estivesse sendo ameaçada, ele responderia de tal forma que os seus inimigos não teriam chance de se erguer novamente.

No Tempo em que os Reis Saem para as Guerras

É notório que o rei Davi tinha sido generoso para com a memória do rei Naás, mas como sua ação foi interpretada de forma errada pelos amonitas, isso lhes custaria caro. Davi vencera muitos inimigos na sua jornada. Deus o havia preservado de ser morto por Golias e Saul. Ele derrotou os filisteus, moabitas e também os arameus. Suas vitórias lhe deram prestígio como rei e paz para a nação. Mas logo todas essas benesses podem ter deixado o rei em uma situação de despreparo para o que haveria a seguir. O tempo

da guerra não era um momento de descanso, mas de alerta, pois vidas estariam em jogo, e o nome do Senhor, numa guerra, seria glorificado ou blasfemado.

II – OLHANDO NA DIREÇÃO ERRADA

Passeando pelo Terraço

A Palavra de Deus nos diz que Davi estava passeando pelo terraço do seu palácio e, naquele lugar, se viu observando uma mulher tomando banho. Geralmente, as pessoas com juízo se limpam em lugares privados, onde estarão livres de olhares indesejados. É possível que a residência de Urias fosse murada, mas que um espaço da casa, desprovido de um telhado, fosse usado para que seus residentes se banhassem. Isso certamente deixaria exposta às visões de prédios mais altos qualquer pessoa que estivesse tomando banho na parte de baixo. Conjecturas à parte, a descrição apresentada não insere Bate-Seba como a pessoa que estava com intenções de ser alvo do olhar do rei.

Por sua vez, Davi estava em um lugar alto, e quem está em um andar mais alto em um prédio consegue ver quem está nas partes mais próximas do nível do chão. Aquela visibilidade chamou a atenção de Davi, e foi o começo de sua queda. Bate-Seba é descrita como uma “mulher mui formosa à vista” (2 Sm 11.2). Davi já tinha diversas esposas quando chegou a Jerusalém, mas se deixou levar pelo desejo pela esposa de um de seus combatentes.

Para os homens, o olhar pode ser uma enorme fonte de tentação. Jesus mesmo disse que se o teu olho te escandalizar que seja retirado (Mt 18.9). Sabemos da importância dos nossos olhos e do quanto uma pessoa sem visão tem uma existência mais limitada. Ainda que o Senhor Jesus tenha usado uma linguagem metafórica para explicar a importância de manter o olhar puro, livre de desejos pecaminosos, a imagem de uma pessoa se mutilando para poder entrar no Reino dos céus é realmente forte.

O texto nos dá a ideia de que a contemplação de Davi não foi por um momento rápido, acidental, mas uma ação que encheu o seu coração, que durou tempo suficiente para que ele desejasse a mulher de outro homem. A Bíblia não diz quanto tempo Davi ficou observando Bate-Seba, mas, independentemente dessa informação, foi tempo suficiente para que ele fosse enlaçado por Satanás e consumasse um adultério.

O Adultério Consumado

Antes de dar prosseguimento ao seu plano, Davi pergunta a algumas pessoas do palácio quem era aquela mulher, e lhe disseram que era “Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias, o heteu” (2 Sm 11.3). Ele soube que ela tinha uma família, e um marido. Mesmo assim, essas informações não frearam o ímpeto do rei.

Ele envia mensageiros para falarem com a mulher. Mas a fala não era para que ela fosse se banhar no interior de sua casa, com privacidade e recato, ou que se desse ao respeito, pois sua exposição poderia ser muito ruim para a fama de sua família. A fala dos mensageiros foi para que ela se dirigisse ao palácio, onde o rei a esperava. Ali, Davi consumou um dos seus pecados. Davi teve a oportunidade de se desviar de seus ímpetos quando tornou público para os seus servos a ordem de chamar Bate-Seba ao palácio. Mas tal informação não era importante para Davi naquele momento.

Havia duas guerras sendo travadas nessa história: uma, o campo de batalha, onde os hebreus e Urias estavam lutando por Israel. A outra guerra estava sendo travada no palácio, onde Davi estava envergonhando o nome do Senhor.

Falando de Bate-Seba, podemos observar:

> O cerco bem-sucedido de uma cidade poderia demorar meses. Não obstante, o comentário do narrador sobre o que os reis fazem na primavera (NVI) estabelece o cenário para o caso de Davi com Bate-Seba e implica que a ausência nessa batalha era incomum (11.1). Uma característica típica da arquitetura israelita, o telhado reto do palácio de Davi permitia as temperaturas mais amenas e o sopro da brisa da noite; para Davi, a altura de sua vista provavelmente possibilitava uma visão de grande parte de Jerusalém. Ele observou uma mulher que estava se lavando, possivelmente em seu pátio, e percebeu que ela era mui formosa. Um mero olhar de relance deve ter se tornado uma longa mirada.
>
> Bate-Seba é com frequência culpada por seduzir Davi. Essa interpretação depende do pressuposto de que ela sabia que era possível que ele a visse se banhando em seu pátio e de que ela não protestou contra cometer o adultério com Davi. Tal afirmação, no entanto, é altamente especulativa, pois o texto não revela nem a intenção nem a resposta de Bate-Seba, nem tampouco descreve a localização da sua casa. O texto também indica que

> Davi não sabia quem era ela (v. 3). Como seu marido, Urias, o heteu, era um dos soldados da elite do rei, um dos “trinta e sete guerreiros” (23,39), é muito provável que Bate-Seba não tenha suspeitado de início da razão para o rei mandar chamá-la e não estivesse inclinada a considerar os avanços de Davi como traição. Além disso, o escritor chama a atenção para a culpa de Davi (11.26-12.10). (PATTERSON; KELLEY, 2022, p. 554, 555)

Nessa mesma toada,

> A mulher de Urias: ela é mencionada não pelo nome, mas por sua condição nesta passagem. Assim, o escritor distancia-se do novo caso e presta tributo a Urias... seu marido, que era morto. Em momento algum se permite que o leitor conclua que a morte de Urias foi considerada com indiferença. Terminado o período de luto, Davi mandou buscá-la, como fizera anteriormente (2 Sm 11.4), e trazê-la para o palácio, mas desta vez tornou-se ela sua mulher. O filho deles nasceu; o tempo passou e, pelo menos aparentemente, tudo seguia como antes. Os ministros próximos do rei sabiam da injustiça cometida e, mesmo assim, aparentemente não houve nenhuma punição, embora não por muito tempo, porque isto que Davi fizera foi mal aos olhos do Senhor (*cf* a própria palavra de Davi a Joabe no v. 25). O Senhor, em Sua graça infinita, tinha deixado que caísse por terra a tentativa de dissimulação empreendida por Davi e estava a ponto de confrontá-lo. O escritor pode fazer tal afirmação com toda segurança, por causa do fato que irá registrar. (BALDWIN, 1996, p. 266)

Matando um Marido e Soldado Honrado

Não bastou que Davi houvesse ficado com a mulher de outro homem. Aquela relação sexual ilícita gerou uma vida, e Bate-Seba vai falar com Davi que estava grávida. O período fértil de Bate-Seba é relatado: “e já ela se tinha purificado de sua imundícia” (2 Sm 11.4). Sabendo que o esposo dela estava na guerra, Davi tentou ocultar seu pecado trazendo o homem de volta para casa.

A estratégia de Davi, de reconduzir Urias para os braços de sua esposa, não deu certo. Urias era um homem focado em sua tarefa

de defender Israel. Ele não se deitou com sua esposa grávida de Davi. Para deixar clara a sua índole, Urias chega a mencionar a Arca de Deus, que estava em uma tenda, e não vai para sua casa. A mesma Arca de Deus, que Davi trouxe em uma procissão diante do Senhor, estava sendo usada por Urias como uma referência de como uma luta deveria ser travada pelo exército do Deus Santo.

Davi intencionou que seu filho ilegítimo fosse considerado filho de Urias, mas, para sua surpresa, mesmo tendo o rei embebedado Urias, o soldado se manteve em seu propósito. A integridade de Urias incomodou Davi, e ele decidiu tornar Bate-Seba viúva. Urias logo seria morto em combate, lutando em prol do reino de Israel e da Arca de Deus, e Davi poderia ganhar mais uma esposa, dessa vez, já grávida. Esse foi o segundo pecado do rei.

Deus não ficou calado com o pecado de Davi. Ele envia Natã, um profeta, para dizer o que o rei não gostaria de ouvir.

III – CONSEQUÊNCIAS DA AÇÃO DE DAVI

O que Davi Fez Pareceu Mau

A narrativa de 2 Samuel parece ser focada totalmente no ato de Davi, sem que houvesse qualquer intervenção divina. Para um leitor desavisado, Deus aparenta não estar atento aos atos de Davi. Todavia, o Eterno não estava ausente da narrativa, e, mesmo amando Davi, julgou-o por três motivos:

(a) Deus ungiu Davi, e deu a ele posses, bens e o reino de Israel. O Eterno fez o nome de Davi se destacar já na época de Saul. Davi foi ungido e Deus se encarregou de fazer cumprir tudo o que havia dito ao filho mais novo de Jessé, por intermédio do profeta Samuel. Mesmo assim, por causa de seu instinto sexual, Davi desprezou “a palavra do Senhor, fazendo o mal diante de seus olhos” (2 Sm 12.9).

(b) Davi havia matado Urias e tomado a viúva. Essa parecia ser uma prática dos tempos antigos, em que homens que tinham poder, para não incorrerem em adultério, matavam ou mandavam matar o esposo da mulher casada para depois ficarem com ela. Esse foi o temor de Abraão para com Sara quando chegaram a Gerar (Gn 20.1,11). Quando Davi percebeu o seu erro, não buscou a ajuda de Deus. Ele “recorreu ao seu poder, à sua prerrogativa de ordenar os fatos e realidade. E fazendo isso, afundou ainda mais no problema” (PHILLIPS, 2002, p. 195). Vale lembrar que Urias foi o próprio mensageiro da sua sentença de morte, levando a carta do rei a Joabe.

(c) Davi tinha matado um de seus melhores e mais íntegros soldados, e fez isso a traição, ordenando que Urias fosse colocado na frente da batalha e deixado para trás, sem possibilidade de resgate. Para quem já foi militar, sabe que a unidade entre a tropa é

de fundamental importância, e que deixar um amigo para trás no combate, para ser morto, é uma crueldade indescritível.

A falta de controle sobre seus instintos fez de Davi um homem digno de uma séria punição. A gravidade do ato de Davi se conclui desta forma: “porquanto com este feito deste lugar sobremaneira a que os inimigos do Senhor blasfemem” (2 Sm 12.14). Quando um servo de Deus peca, o nome do Senhor é blasfemado, e se ele está na liderança, a repercussão é ainda maior.

> Natã veio apresentar o juízo de Deus e, por isso, não ousa suavizar o impacto de suas palavras. Na verdade, ele fala na primeira pessoa as exatas palavras do próprio Deus. É um momento terrível tanto para o profeta quanto para o rei. Mas o caminho foi aberto pelo apelo da parábola à consciência do rei, a qual demonstrou estar em ordem, dando sentença de morte ao rei. Agora, Davi tem de deixar que a palavra do Senhor faça-lhe um exame profundo para trazer à luz o lado oculto e obscuro de sua personalidade, de forma que Davi o admita.
> O rei responde pela segunda vez ao profeta, agora com um veredicto sobre si mesmo, intimamente ligado ao veredicto que deu sobre o rico (vv. 5, 6), mas esta segunda sentença é muito mais difícil de expressar do que a outra. Agora, Davi assume plena responsabilidade e encara o fato de que não há desculpa, tendo incorrido em pena de morte. Embora seja rei, confessa a culpa diante do profeta que, a despeito de ser porta-voz de Deus, é de qualquer maneira um dos súditos de Davi. Tal humilhação é incrivelmente difícil de suportar e poderia ter sido considerada um suicídio político, mas o rei, convencido da integridade de Natã como profeta, rebaixou-se em confissão. Imediatamente, veio a surpreendente resposta: ... o Senhor te perdoou o teu pecado; não morrerás. Esse foi o momento decisivo na vida de Davi e a indicação mais clara de que ele era diferente de Saul no relacionamento mais essencial de todos, o de submissão ao Senhor Deus. Por isso, encontrou perdão, ao passo que Saul jamais aceitou a culpa e a rejeição que a acompanhava. (BALDWIN, 1996, p. 268, 269)

A Espada nunca mais se Separará da tua Casa

As duas consequências do pecado de Davi, equiparáveis aos dois pecados cometidos por ele, foram a perda da criança que iria nascer, e a contínua guerra que haveria em sua família. O bebê de Bate-Seba faleceu após sete dias de nascido, ainda que Davi tenha buscado ao Senhor pela vida da criança. Deus tem seus mistérios, e, em sua soberania, não deixou que aquela criança vivesse. Ainda que a dor de Davi fosse grande pela perda do filho, outras dores se sucederiam ao homem segundo o coração de Deus.

> Quando Deus proíbe algo e chama de pecado, não devemos procurar descobrir mais sobre o assunto. “Quero que sejais sábios para o bem e símplices para o mal” (Rm 16:19). Davi conhecia a lei sobre adultério, então por que enviou mensageiros para investigar a mulher?3 Porque, em seu coração, já havia tomado Bate-Seba para si e estava ansioso para se encontrar com ela. Descobriu que Bate-Seba era uma mulher casada, fato que deveria ter sido suficiente para impedir que prosseguisse com seu plano perverso. Quando soube que ela era esposa de um de seus soldados valentes, que se encontrava no campo de batalha (23:9), deveria ter se dirigido à tenda da congregação, se prostrado com o rosto em terra e suplicado pela misericórdia de Deus. Pela breve genealogia apresentada, Davi deveria ter percebido que Bate-Seba era neta de Aitofel, seu conselheiro predileto (23:34; 16:23). Não é de se admirar que Aitofel tenha tomado o partido de Absalão quando este se rebelou contra o pai e usurpou o reino! (WIERSBE, 2017a, p. 326)

A seguir, a Bíblia nos mostra que houve no lar do rei um incesto, um irmão matando outro irmão e Absalão, um dos filhos de Davi, deu um golpe de Estado e por pouco o rei não perde a vida. Nem sempre grandes reis têm sucessores à altura, e Davi, tendo um lar com várias esposas e muitos filhos, não teve o tempo necessário para fazer um sucessor sem que houvesse disputas dentro de sua

casa. Amnom violentou sua meia-irmã, Tamar, e por Davi não ter feito nada para disciplinar seu filho, Absalão, outro filho de Davi, justiçou a honra de sua irmã matando Amnom dois anos depois. A seguir, após enfrentar um exílio, Absalão retorna para tomar de Davi o reino.

Como vemos, custou caro para o rei ceder à tentação sexual. Entendemos que Davi não planejou cair em tentação, nem pensou em matar alguém no dia em que cometeu o adultério. Entretanto, um pecado tende a atrair outro, numa contínua sucessão de erros. Ele não pôde evitar os acontecimentos que se sucederam. Para aqueles que creem em Deus, é preciso escolher viver de glória em glória ou de abismo em abismo.

O Contínuo Cuidado que Precisamos Ter

Davi era um homem segundo o coração de Deus. Isso significa duas coisas: a primeira, que ele era uma pessoa que fazia o possível para agradar a Deus, que amava a Deus e que havia sido escolhido por Deus para uma grande obra. Davi representa claramente a bondade de Deus em nos convocar para uma tarefa no seu Reino, e providencia para que sejamos munidos de todos os meios para concluir a nossa vocação.

A segunda coisa é que, mesmo sendo segundo o coração de Deus, ele era um homem. Isso significa que estava sujeito a situações que poderiam deixá-lo vulnerável, e foi justamente isso

que o fez cair. Ser um homem ou uma mulher de Deus não tira de nós a nossa humanidade e a tendência a fraquejar. Por isso, precisamos vigiar sempre. Eliseu também era “um santo homem de Deus”, mas quando a Sunamita construiu um cômodo para que ele passasse a noite, ela não o fez dentro de sua própria casa, e sim junto ao muro (2 Rs 4.9,10).

Ser um homem ou uma mulher de Deus não nos isenta de falhar, e deve nos fazer andar cada vez mais vigilantes para não desonrar o nome do Senhor.

CONCLUSÃO

A tentação de Davi e a sua queda nos mostram que ninguém está imune aos desejos do coração, e que um momento de falta de vigilância é suficiente para manchar toda uma história de vida. Estar ociosos, quando deveríamos estar ocupados dando continuidade ao que Deus nos ordenou a fazer, pode nos aproximar de problemas e de pecados, e por isso não podemos baixar a guarda em nossa vida espiritual. Também aprendemos que certos pecados têm consequências duradouras e mortais, e que podem ser evitadas se tais pecados não forem cometidos. Em vez de estar ociosos, se estivermos fazendo o que fomos chamados para realizar, com certeza, fixaremos nosso olhar naquilo que Deus espera que façamos.

Que aprendamos a olhar na direção certa, e purificar nossos olhos e ouvidos daquilo que nos conduz ao pecado.

Capítulo 7

Construindo Tudo para a Minha Glória

Eu sou o Senhor; este é o meu nome; a minha glória, pois, a outrem não darei, nem o meu louvor, às imagens de escultura.

– Isaías 42.8

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – UM HOMEM QUE SE TORNOU GRANDE

- Um Homem a quem Deus Honrou
- O Primeiro Aviso
- O Segundo Aviso

II – OS AVISOS DE DEUS

- O Terceiro Aviso
- A Revelação Divina
- O Orgulho do Rei
- A Queda de Babilônia

III – O PREÇO DO ORGULHO

- O Julgamento Divino
- Nada É para a nossa Glória
- Deus Tem Misericórdia

CONCLUSÃO

Introdução

Deus, em sua soberania, decide honrar pessoas e lhes dá poder, recursos e inteligência a fim de que venham a se lembrar dEle, honrando-o e reconhecendo que tudo vem dEle. Nessa toada, pessoas sem Deus podem ser exaltadas para fazer a vontade do Senhor, de forma geral. Mas há pessoas que são tentadas a acreditar que sua própria mão, talentos e esforços foram responsáveis por realizar grandes feitos, não glorificam a Deus pela oportunidade dada e ainda desejam que esses feitos durem para sempre. E além de não reconhecerem a Deus por tudo que o Eterno lhes deu, essas pessoas expressam um orgulho que será julgado no devido tempo. É sobre a tentação do orgulho que trataremos hoje.

I – UM HOMEM QUE SE TORNOU GRANDE

Um Homem a quem Deus Honrou

Nabucodonosor, cujo significado é “Nebo, proteja a minha fronteira”, é um nome usado por quatro reis que governaram a

Babilônia. A Palavra de Deus menciona um Nabucodonosor que interagiu com o profeta Daniel, e que certamente seria Nabucodonosor II. Este teria sido filho de Nabopolassar, um rei babilônico que derrotou a Assíria. Ao longo da História, vemos que impérios e nações se levantam e depois de certo tempo caem, e os assírios precederam os babilônios.

O certo é que houve um tempo em que Deus permitiu que a Babilônia tivesse o protagonismo na História, e nessa época, mais particularmente com Nabucodonosor II, como se entende, Deus insere a Babilônia na história do povo hebreu. O maior protagonismo relacionado à junção momentânea desses dois povos se dá com o profeta Daniel, que, levado para a Babilônia com mais três amigos, é grandemente usado por Deus em solo estrangeiro. Se para alguns pensadores Deus só poderia falar em solo hebreu, o profeta Daniel nos mostra que Deus fala mesmo em terras onde outros deuses são cultuados.

Nabucodonosor se saiu vitorioso em diversas batalhas, e foi um grande construtor. Ele é lembrado na história como um homem que trouxe esplendor e desenvolvimento para sua nação. Cremos que tais registros sobre ele se devem, primeiramente, à permissão de Deus. O triunfo humano em qualquer área não ocorre sem que Deus o permita, ainda que aos nossos olhos tal permissão não seja completamente compreendida.

Nabucodonosor vai se tornar o protagonista de uma história de orgulho e derrota, mas que não se dá sem os devidos avisos da parte de Deus. Ele terá uma importância tão grande na história sagrada que é para ele que Deus vai revelar, em sonho, o futuro dos impérios que seriam posteriores ao da Babilônia.

O Primeiro Aviso

Devemos observar que Deus não permite que nos sobrevenham determinadas consequências às nossas ações sem antes nos dar as devidas advertências. Nabucodonosor teve um sonho no segundo ano do seu reinado e, nesse sonho, viu uma estátua composta de diversos elementos, como ferro, ouro, prata e barro. Esses elementos representavam diversos reinos que seriam conhecidos ao longo da História, que teriam igualmente sua ascensão e seu declínio.

Deus reservou somente para si um Reino que não terá fim (Lc 1.33). Enquanto o Reino de Deus não se manifesta em sua completude a grandiosidade, está determinado aos homens terem, ao longo dos tempos, a alternância nos impérios que se destacaram nos registros históricos.

O sonho deixa o rei intrigado. Há sonhos que são resultados de atividades humanas, mas há outros que têm uma intervenção sobrenatural, na qual os homens não têm qualquer ingerência. E o sonho da estátua, dado a Nabucodonosor, trazia um forte conteúdo

que mostraria ao rei da Babilônia o futuro ordenado por Deus. O reino de Nabucodonosor era grande, mas não era infinito. Ele um dia teria seu fim.

O próprio Daniel deixou claro para Nabucodonosor que o reino dele, em que pese ser grandioso, era temporário: “E, depois de ti, se levantará outro reino, inferior ao teu, e um terceiro reino, de metal, o qual terá domínio sobre toda a terra” (Dn 2.39). Deslumbrado com a interpretação do sonho que tivera, Nabucodonosor reconhece que o Deus de Daniel é Deus acima dos deuses da Babilônia, mas se esquece de que não depende do rei a perpetuação do reino, e que essa não aconteceria, pois Deus já lhe dera a data de validade.

O Segundo Aviso

A Bíblia não diz quanto tempo se passou após o sonho do rei e a revelação do significado por Daniel, mas ela nos diz que Nabucodonosor fez uma estátua. Se a estátua do sonho era feita de vários elementos, a que o rei mandou construir era de ouro, e grande (Dn 3.1). Não era incomum os reis fazerem deuses para si, em forma de estátuas. As civilizações que não tinham o Deus de Israel como seu Deus representavam suas divindades com elementos que pudessem ser notados e identificados.

Uma celebração foi feita a fim de que essa estátua pudesse ser reverenciada. Daniel não é mencionado como estando nessa reunião, mas seus amigos sim. Os três jovens hebreus tiveram de

estar presentes naquele evento, e quando lhes foi imposto, como a todas as pessoas, o ato de reverenciar a grandiosidade da estátua se ajoelhando diante dela, eles se recusaram a fazê-lo.

A notícia não demorou a chegar ao rei. Três de seus conselheiros não entenderam como correta a proposta de culto imposta por Nabucodonosor, mas tiveram ao menos uma chance de se retratar de sua atitude “impenitente”. Após serem advertidos pelo imperador e se manterem firmes em seu propósito de não se ajoelhar diante da estátua, foram lançados em uma fornalha. Para a surpresa de todos, o rei viu quatro homens na fornalha, estes não estavam sendo afetados pelo fogo, e o quarto homem tinha uma aparência sobrenatural. Aquele era o segundo aviso de Deus para o rei, que, após tirar os jovens hebreus do fogo, faz um decreto ordenando que todas as pessoas adorassem ao Deus dos hebreus.

II – OS AVISOS DE DEUS

O Terceiro Aviso

Após o episódio com os amigos de Daniel, o rei tem um novo sonho, interpretado pelo profeta Daniel. Dessa vez, ele se lembra do sonho, mas não consegue interpretá-lo. Uma árvore enorme e forte crescia até chegar ao céu. Não faltavam folhas nem frutos nessa árvore, e havia sustento para todos debaixo dela. Até os animais do campo e as aves do céu estavam abrigados sob a sua sombra. Entretanto, nesse mesmo sonho, um “vigia, um santo”, descia do

céu e ordenava um desarranjo na ordem estabelecida, mandando derrubar a árvore, afastar todos que nela se abrigavam e espalhar os seus frutos (Dn 4.14). Somente o tronco, com as raízes, seria preservado.

Se o sonho da estátua composta de vários elementos passou despercebido, e se o evento da fornalha também não foi considerado uma advertência para Nabucodonosor, Deus ainda enviou mais um sonho ao monarca.

Curiosamente, a ordem do ser celeste incluía uma orientação que não se aplicava a uma "árvore", mas a uma pessoa: que o seu coração fosse mudado em um coração de animal por sete tempos. Esse foi um sonho intrigante para o rei, e Daniel foi chamado para trazer luz à situação. Mais uma vez, Deus se vale de seus servos para elucidar situações que Ele coloca no coração de homens que se esquecem dEle.

A Revelação Divina

Daniel, usado por Deus, traz a revelação àquele sonho: a árvore era o rei Nabucodonosor, a quem Deus dera poder, honra e fizera crescer o reino da Babilônia. Deus decretara que Nabucodonosor passaria por uma experiência de humilhação, a fim de reconhecer que quem ordena os reinos do mundo é Deus, e que a glória pertence a Ele. O rei seria contado entre os irracionais, comeria erva

como os bois e viveria ao relento, até que pudesse entender que o Altíssimo tem domínio sobre todos.

Mas Daniel dá ao rei um aviso antes que tal ocorrência se concretize: “[...] desfaze os teus pecados pela justiça e as tuas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres, e talvez se prolongue a tua tranquilidade” (Dn 4.27). Mais do que um profeta e intérprete, Daniel foi um conselheiro para o rei. É possível que tais ações movessem o coração do rei, de tal maneira que ele viesse a se tornar uma pessoa mais humilde. Daniel, como intérprete do sonho e profeta, sabia que aquela revelação se cumpriria, e que era somente uma questão de tempo, tendo em vista que ele escreve: “Todas essas coisas vieram sobre o rei Nabucodonosor” (Dn 4.28).

> O juízo não aconteceu imediatamente, e por isso Nabucodonosor ignorou o sonho. Doze meses mais tarde, ele passeava no terraço do palácio, admirando seus feitos. A informação que temos é que o muro externo do palácio tinha 9.600 metros de extensão. Havia duas outras muralhas do lado de dentro, uma grande torre e três portões de bronze. Nabucodonosor atribuía tudo quanto tinha alcançado ao seu poder e viu que todas essas coisas contribuíam para a própria glória, sem nenhum reconhecimento de Deus. Como Lúcifer, seu orgulho o levou à queda (Is 14:12-15). De repente, o veredicto veio do céu: A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Já passou de ti o reino (4:31). Não poderia haver dúvida quanto à ligação entre o crime e a punição. (ADEYEMO, 2004, p. 2848)

O Orgulho do Rei

Nabucodonosor era um grande estrategista e administrador, e também passou a ser conhecido como um homem que marcou seu governo pelas grandes construções que desenvolveu, como uma

rua suspensa para que por ela passasse uma procissão ao deus Marduque. Também é atribuída a ele a construção dos jardins suspensos da Babilônia, uma das sete maravilhas do mundo antigo. Por todo esse histórico, esse rei é lembrado como um destaque por Daniel: “Tu, ó rei, és rei de reis, pois o Deus dos céus te tem dado o reino, e o poder, e a força, e a majestade” (Dn 2.37).

Daniel registra que, passados 12 meses desde que o rei teve o sonho da árvore (Dn 4.29), aconteceu o que havia sido sonhado. O rei estava caminhando sobre o seu palácio, quando disse: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder e para a glória da minha magnificência?” (Dn 4.30).

A glória da Babilônia nos dias de Nabucodonosor era memorável. Ela havia sido estabelecida como um império com a permissão de Deus, e o rei, além de ter tornado um império poderoso, tinha vencido batalhas e recebido o devido mérito por seus feitos. A nação crescia a olhos vistos, e as construções eram monumentais. Por que não reconhecer que um pouco daquelas realizações deveria ser atribuída a um homem? Por que não trazer para si um pouco daquela glória?

> É surpreendente a lista de obras públicas que o rei empreendeu para a melhoria da Babilônia. Elas compreendiam mais de 20 templos, com fortificações reforçadas, a escavação de canais, grandes diques junto ao rio e os célebres jardins suspensos. Outra inscrição em dois cilindros em forma de barril no Museu Britânico fornece um relato bastante similar das obras

> arquitetônicas com que esse grande monarca enriqueceu sua metrópole e seu reino. A descoberta, em toda a Babilônia, de tijolos gravados com o nome de Nabucodonosor confirma assim seus empreendimentos, como sua opulência e seu bom gosto. (BAXTER, 1985, p. 68)

É notório que a grandeza das construções da Babilônia se destacam na história:

> Babilônia era circundada por um sistema duplo de defesas, cada um composto de dois muros. O muro interno, Imgur-Bêl, tinha c. 6,40 m de largura e era reforçado por torres a intervalos de c. 18m. O muro exterior (NimitEnlil), de c. 3m de largura, também tinha torres de guarda salientes. A cerca de 2m de distância desse círculo de muros, do lado de fora, havia um cais de tijolos usado para conter as águas do rio Eufrates, que formava uma defesa complementar. Os muros foram construídos inicialmente pelos reis amorreus da primeira dinastia, mas foram fortificados pelos últimos reis assírios a dominar a Babilônia, Esar-Hadom e Assurbanipal, e pelos sucessivos governantes da linhagem dos caldeus. Dentre estes, foi Nabucodonosor quem acrescentou um muro externo a leste do Eufrates para circundar seu Palácio de Verão (“Bâbil”) ao norte, estendendo-se por c. 27 km para o norte, a fim de proteger a planície entre a cidade e seus arredores, formando assim uma área cercada, dentro da qual a população local podia se refugiar e acampar em tempos de guerra. Escritores posteriores descrevem os muros externos da cidade como tendo 67 km de extensão, e o muro interno estendendo-se respectivamente por 4, 7 e 11 km (Ctesias); o muro do meio tinha c. 90 m de altura, com suas torres elevando-se a quase 130 m de altura. Diz-se que o muro atrás do fosso tinha 50 cúbitos reais. (TENNEY, 2008, p. 657)

> Inscrições mostram que oito portões davam acesso ao interior da cidade, e quatro deles foram escavados: o Portão Istar ao norte; Marduque (Urash) e Zababa a leste; e Urash ao sul. Havia também os portões de Sin (N), Enlil e Shamash (S) e Adad (O), os quais até hoje não foram descobertos. Assim, havia três portões principais, aos quais se devem acrescentar quatro menores, ao norte e ao sul. Pelo lado oeste havia apenas um portão de acesso para a Cidade Nova, pela margem direita do Eufrates, construído por Nabucodonosor II.

> A cidade foi planejada de forma simétrica, com as vias principais ligando os portões, correndo paralelas ou perpendiculares umas às outras. Cada rua

> tinha um nome expressivo; a mais importante delas era o “Caminho da Procissão” (Ai-ibür- sabü, “o inimigo não prevalecerá”), que começava no Portão Istar e corria a leste da cidadela sul por mais de 900 m antes de virar para oeste, na direção da área sagrada de Esagila, Templo de Marduque, para a ponte das sete colunas, que atravessava o rio e em direção à Cidade Nova. Essa rua tinha cerca de 12 a 15m de largura e era pavimentada com pedras, algumas com a inscrição: “Eu sou Nabucodonosor, rei da Babilônia... Pavimentei a estrada da Babilônia com pedras da montanha para a procissão do poderoso senhor Marduque. Que Marduque, meu senhor, me conceda vida eterna!”. Tais inscrições são típicas na Babilônia, na época de Nabucodonosor, comprovando o orgulho que demonstrou em Daniel 4.30. (TENNEY, 2008, p. 659)

A Queda de Babilônia

Como se pode esperar, a obra dos homens perdura até o momento que Deus diz que chegou o fim, por mais que tentem imortalizá-las.

> A Crônica Babilônica registra que, no último ano do reinado de Nabonido, os deuses das cidades ao redor da Babilônia (exceto Borsippa, Kutha e Sippar) foram levados para dentro dela, uma ação tomada somente ao sinal de guerra iminente. Houve um confronto estrepitoso entre persas e babilônios em Opis, enquanto na cidade Nabonido parece ter sufocado um levante popular com muito derramamento de sangue. Sippar caiu ante o exército persa, liderado por Ugbaru, governador distrital de Gutium, e no dia seguinte Ugbaru entrou na Babilônia sem nem uma só batalha. Essa facilidade de entrar pode ter sido devida à ação de quinta coluna (dissidentes babilônicos), ou, como afirma Heródoto, a um desvio feito no rio Eufrates, o que inutilizou as defesas e permitiu que os invasores marchassem pelo leito seco do rio e entrassem na cidade durante a noite. Belsazar foi morto (Dn 5.30) e soldados gutianos guardaram a área do templo de Esaglia, onde os cultos continuaram sem interrupção. Dezesseis dias mais tarde, em 29 de outubro de 539, o próprio Ciro entrou na cidade, em meio a grande aclamação popular. Rapidamente foi feito um acordo de paz e Gubaru (Ugbaru) foi nomeado subgovemador. A queda da Babilônia e a vinda de Ciro são mencionadas muitas vezes no AT (Is 13.14; 21.1-10; 44.28; 47.1-5; Jr 50; 51). Ciro decretou a liberdade religiosa e a restauração dos santuários

> nacionais. Já que Judá não tinha estátuas para serem restauradas, foi concedida uma compensação aos judeus (Ed 1). (TENNEY, 2008, p. 665)

III – O PREÇO DO ORGULHO

O Julgamento Divino

Ao passear pelo seu palácio, Nabucodonosor ficou impressionado com o que havia conseguido fazer, e “falou o rei e disse: Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder e para glória da minha magnificência?” (Dn 4.30). Ele realmente não se lembrou do que Daniel havia dito, sobre o rei ser julgado pela sua impiedade e pela sua arrogância. Nabucodonosor sequer terminou o que estava dizendo, quando uma voz vinda do céu declarou que naquele momento o rei seria julgado: “Passou de ti o reino” (Dn 4.31). O julgamento do rei orgulhoso, que cedeu à tentação de crer que era o responsável por toda a glória que estava diante de seus olhos, havia começado.

Nabucodonosor entra para a história do livro de Daniel como um homem que foi avisado por Deus, por pelo menos três vezes, mas não deu ouvidos às orientações vindas dos céus. É provável que os deuses da Babilônia não tivessem problema em dividir a sua glória com um ser humano, afinal, eles eram uma representação superlativa dos seus próprios adoradores. Mas o Deus de Israel, que comanda a História, não deixaria passar incólume aquela

transgressão e, de imediato, após o rei manifestar em palavras o seu orgulho, ele foi julgado.

Nada É para a nossa Glória

Mesmo sendo avisado por Deus sobre a transitoriedade do seu reinado, Nabucodonosor não ouviu as orientações divinas e entendeu, a duras penas, que a glória dos homens é insignificante diante da glória de Deus. O rei teve de aprender que o futuro do cenário mundial não dependia do que ele faria, e sim do que Deus havia ordenado em sua soberania. E mesmo as grandes obras que ele havia feito na Babilônia eram méritos seus como administrador, mas a glória era somente para Deus. O Senhor exerce sua glória e seu poder mesmo em uma nação que não o conhece, como foi o caso. Ele levanta e derruba reinos no seu tempo determinado, “E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1 Jo 2.17).

O homem que exercia todo o poder na Babilônia agora estava sem seu intelecto e sem a sua glória real. Em vez de comer dos pratos do palácio e de dormir em uma boa cama debaixo de um teto seguro, estava como os bois comendo ervas e vivendo ao relento, como um animal. Sua gloriosa aparência se converteu numa visão do julgamento divino, o lembrete de que Deus não o julgou sem antes trazer os avisos necessários para que ele não pecasse.

Deus Tem Misericórdia

Algo que sempre devemos nos lembrar é que Deus sempre estende a sua misericórdia para aqueles que, aos nossos olhos, não merecem. Ele estendeu sua graça ao monarca que havia sido tornado um animal, fazendo com que o castigo pela sua arrogância chegasse ao fim. Foi notório a todos que o rei estava sendo punido por sua arrogância, e uma vez voltada a sua razão, ele conseguiu entender que o Eterno “pode humilhar aos que andam na soberba” (Dn 4.37).

Nada mais nos é dito sobre a forma como Nabucodonosor e Deus se relacionaram. O certo é que o aviso dado por Deus vale até os nossos dias. Nenhum homem consegue construir qualquer coisa sem a permissão de Deus. E nada do que venhamos a receber, administrar ou construir pode ser considerado como glória nossa. Se viermos a receber um elogio, esse deve ser um indicativo de que podemos estar no caminho certo, mas a glória sempre pertence a Deus.

CONCLUSÃO

Quando olhamos para as coisas que temos à nossa volta, podemos ser tentados, de alguma forma, a imaginar que nossos méritos, talentos e esforços foram suficientes para nos proporcionar tais conquistas. Entretanto, Nabucodonosor nos mostra que esse é um pensamento injusto e perigoso, pois tudo o que temos vem de Deus. Também vimos que nada escapa do controle de Deus, e por

mais que alguém acredite que é autossuficiente, somente de Deus vem a realização da nossa vocação.

Capítulo 8

A Tentação de Fugir do Julgamento de Deus

Assim diz o Senhor: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor!

– Jeremias 17.5

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – O CENÁRIO EM JUDÁ

- Jeremias e seu Ministério
- Deus Adverte ao seu Povo sobre o Juízo
- O Discurso do Evangelho Nominal
- A Busca pela Ajuda dos Egípcios

II – MALDITO O HOMEM QUE CONFIA NO HOMEM

- Contando com a Ajuda dos Homens para Fugir do que Deus Determinou
- Maldito o Homem que Confia no Homem
- Para se Afastar do Senhor

III – É MELHOR CONFIAR NO SENHOR

- O Coração É Enganoso
- Aquele que Confia no Senhor
- O Senhor É Juiz

CONCLUSÃO

Introdução

Em alguns círculos cristãos, pessoas se utilizam de um verso da Bíblia para colocar em xeque a amizade entre irmãos em Cristo, dando a entender que, se confiamos uns nos outros, nos decepcionaremos profundamente e deixaremos de ser abençoados por Deus.

Essa forma jocosa de brincar sobre a questão da confiança remonta outra época, quando a nação de Israel, tentando fugir do julgamento que lhe estava destinado por causa de seus pecados, buscou a ajuda de homens estrangeiros para uma guerra, tentando preservar sua soberania e se esquecendo de que a sua proteção era o Senhor.

Jeremias, um dos profetas de Israel, contextualiza essa fala mostrando o perigo de abandonar ao Senhor e ceder à tentação de pedir ajuda aos homens. Veremos que Israel tentou fugir do julgamento de Deus por seus pecados, imaginando que o que estava por vir era somente uma nação tentando subjugá-los.

I – O CENÁRIO EM JUDÁ

Jeremias e seu Ministério

Para que se entenda a profecia trazida por Deus, é preciso que se veja o profeta que foi usado por Deus para trazer essa mensagem de advertência: o profeta Jeremias. Matthew Henry realça cinco pontos acerca desse profeta:

1. Que ele foi, desde muito cedo, um profeta. Ele começou jovem, e assim pôde dizer a partir de sua própria experiência: “Bom é para o homem suportar o jugo na sua mocidade”, Lamentações 3.27. Jerônimo observa que Isaías, que era mais velho que Jeremias, teve a sua língua tocada com uma brasa viva para ter a sua iniqüidade tirada (Is 6.7), mas que quando Deus tocou a boca de Jeremias, que era bastante jovem, nada foi dito quanto a tirar a sua iniqüidade (Is 1.9), porque, devido à sua tenra idade, não tinha tantos pecados pelos quais responder.

2. Que Jeremias continuou por muito tempo como um profeta. Alguns calculam cinqüenta anos, outros mais de quarenta. Ele começou no décimo terceiro ano de Josias, quando as coisas iam bem sob o reinado deste bom rei, mas continuou durante todos os reinados maus que se seguiram. Nisto vemos que quando nos empenhamos para realizar a obra de Deus, embora então o vento possa ser bom e favorável, não sabemos quando ele pode mudar e tornar-se tempestuoso.

3. Que ele foi um profeta reprovador. Enviado em nome de Deus para anunciar a Jacó a respeito dos seus pecados e para adverti-los dos juízos de Deus que

se aproximavam deles. E os críticos observam que, portanto, o seu estilo ou maneira de falar é mais claro e rude, e menos gentil, do que o de Isaías e alguns dos outros profetas. Aqueles que são enviados para revelar o pecado devem se manter à distância das atraentes palavras de sabedoria do homem. Quando estamos tratando com pecadores, a abordagem direta é a mais indicada, se a intenção é levá-los ao arrependimento.

4. Que ele foi um profeta que chorava muito. Assim ele é comumente chamado, não só porque escreveu o livro de Lamentações, mas porque desde o princípio foi um triste espectador dos pecados do seu povo e dos juízos desoladores que se aproximavam deles. E talvez por esta razão, aqueles que imaginavam que o nosso Salvador era um dos profetas, pensavam que Ele era mais semelhante a Jeremias (Mt 16.14), porque Ele era um “homem de dores e experimentado nos trabalhos” (ou nos pesares).

5. Que ele foi um profeta sofredor. Ele foi perseguido pelo seu próprio povo mais do que qualquer um deles, como veremos na história relatada neste livro. Ele viveu e pregou pouco antes da destruição dos judeus pelos caldeus, quando o temperamento deles parece ter sido semelhante aquele encontrado pouco antes de sua destruição pelos romanos, quando eles mataram o Senhor Jesus, e perseguiram os Seus discípulos, desagradando a Deus, e sendo contrários a todos os homens, pois a ira tinha vindo sobre eles ao extremo, 1 Tessalonicenses 2.15,16. O último relato que temos de Jeremias em sua história é que os judeus remanescentes o forçaram a descer com eles ao Egito, enquanto a tradição atual entre os judeus e os cristãos é que ele foi

martirizado. Hottinger, de Elmakin, um historiador árabe, relata que, continuando a profetizar no Egito contra os egípcios e outras nações, Jeremias foi apedrejado até a morte. E que muito tempo depois disso, quando Alexandre entrou no Egito, ele tomou os ossos de Jeremias que estavam enterrados em obscuridade, levou-os para Alexandria, e os enterrou ali. As profecias dos primeiros dezenove capítulos deste livro parecem ser os pontos culminantes dos sermões no que se refere à reprovação geral do pecado e ao anúncio de juízo. Depois disso, elas são mais específicas e ocasionais, e mescladas com a história daqueles dias, mas não estão colocadas na devida ordem cronológica. Com as ameaças estão misturadas muitas promessas bondosas de misericórdia ao penitente, do livramento dos judeus do seu cativeiro, e algumas que fazem uma clara referência ao reinado do Messias. Entre os escritos apócrifos existe uma epístola que é considerada como tendo sido escrita aos cativos da Babilônia por Jeremias, advertindo-os contra a adoração aos ídolos, expondo a inutilidade dos ídolos e a loucura dos adoradores dos mesmos. Trata-se do livro de Baruque, capítulo 6. Mas acredita-se que não seja autêntica. Além disso, a meu ver, eu acho que ela não possui qualquer semelhança com a vida e o espírito dos escritos de Jeremias. Também é narrado a respeito de Jeremias (2 Macabeus 2.4) que, quando Jerusalém foi destruída pelos caldeus, Jeremias, por direção de Deus, levou a arca e o altar do incenso e, transportando-os para o Monte Nebo, os guardou em uma caverna vazia, e lacrou a entrada. Mas alguns que o seguiram, e que pensavam ter marcado o lugar, não conseguiram encontrá-la. Ele os culpou por a terem procurado, dizendo-lhes que o lugar deveria ficar

> desconhecido até que Deus congregasse o Seu povo outra vez. Mas eu não acredito que deva ser dado qualquer crédito a esta história, embora ali seja dito que ela é encontrada nos registros. Na leitura das profecias de Jeremias, devemos observar que elas eram muito pouco consideradas pelos homens daquela geração. Mas elas também foram escritas para o nosso aprendizado, e como advertências a nós e à nossa terra. Então devemos considerar esse fato como um motivo para tê-las em elevada consideração. (HENRY, 2010, p. 333, 334)

Trazidas essas observações sobre o profeta, vejamos sua mensagem. Sua mensagem não é descrita de forma agressiva, e sim com um tom de pesar. Tal sentimento vem do fato de que Jeremias viu o pecado do seu próprio povo: “Jerusalém gravemente pecou; por isso, se fez instável; todos os que a honravam a desprezaram, porque viram a sua nudez; ela também suspirou e voltou para trás” (Lm 1.8). Mais do que o pecado do seu povo, Jeremias viu que o juízo de Deus havia chegado: “Devorou o Senhor todas as moradas de Jacó e não se apiedou; derribou no seu furor as fortalezas da filha de Judá e as abateu até à terra; profanou o reino e os seus príncipes” (Lm 2.2). Seu lamento se dá não apenas porque o seu povo não creu no que Deus dissera, mas também porque Jeremias viu o julgamento divino acontecendo diante de si. Da mesma forma que Elias profetizou um período de ausência de chuvas em Israel, e foi alcançado por sua própria

profecia quando o ribeiro de Querite se secou, Jeremias presenciou o julgamento de Deus, numa mostra de que o Senhor julga os pecados do seu povo.

Deus Adverte ao seu Povo sobre o Juízo

A situação do povo de Deus era bem difícil no aspecto espiritual. A liderança espiritual de Israel deveria colaborar com Deus no sentido de preservar os seus mandamentos, mas eles mesmos sequer consideravam válida a fé em Deus. Como se fosse pouco, a liderança e o povo de Deus trocaram o Eterno por outros deuses, prestando-lhes um culto devido somente a Deus:

> Os sacerdotes não disseram: Onde está o Senhor? E os que tratavam da lei não me conheceram, e os pastores prevaricaram contra mim, e os profetas profetizaram por Baal e andaram após o que é de nenhum proveito. Portanto, ainda pleitearei convosco, diz o Senhor; e até com os filhos de vossos filhos pleitearei. Porquanto, passai às ilhas de Quitim e vede; e enviai a Quedar, e atentai bem, e vede se sucedeu coisa semelhante. Houve alguma nação que trocasse os seus deuses, posto não serem deuses? Todavia, o meu povo trocou a sua glória pelo que é de nenhum proveito. (Jr 2.8-11)

O Discurso do Evangelho Nominal

Nem sempre o que Deus diz tem um caráter tão agradável aos ouvidos humanos. Antes de ouvirmos as Boas Novas do evangelho, disse certo escritor, é preciso ouvir as más novas sobre nós mesmos. Antes de os hebreus entrarem na Terra Prometida, Deus os havia advertido a que não seguissem os mesmos caminhos dos povos que estavam sendo desalojados de Canaã. Deus prometeu

ao seu povo bênção e proteção se eles lhe obedecessem, mas igualmente juízo de não andassem nos seus caminhos.

Quem não gosta de ouvir palavras que abençoam? Preferimos naturalmente um discurso que massageia o ego e que nos garante que Deus está sempre ao nosso favor. Um evangelho sem responsabilidades, baseado em um pacto entre Deus e o homem no sentido de este ser abençoado sem restrições nem contrapartidas.

Somente homens interesseiros buscam pregar e ensinar esse tipo de evangelho, e Paulo comenta que já em seus dias havia falsificadores da Palavra, que pregavam por interesses (2 Co 2.17). O mesmo ocorre em nossos dias, em que pregadores desprezam mensagens que exigem arrependimento de pecados e uma submissão ao senhorio de Jesus Cristo.

Sempre é bom ouvir sobre bênçãos da parte de Deus, e essas bênçãos são para os que o temem e lhe obedecem. Mas para os que andam em desobediência para com Deus, como esperar que Ele estenda a sua mão para abençoar, como se não permitisse que as consequências dos atos do povo se materializassem nos julgamentos que Ele havia advertido séculos antes?

Com o passar do tempo, os hebreus não somente deixaram a Deus, mas também passaram a perseguir os profetas de Deus, enviados para trazer advertências e cobrar dos hebreus um arrependimento genuíno de seus pecados, mas esses profetas não foram ouvidos. O próprio Senhor Jesus disse acerca da Cidade

Santa em seus dias: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados!” (Lc 13.34a). O juízo que viria, nos dias de Jesus, era que aquela casa ficaria deserta. O Senhor Jesus se deparou com um povo de difícil trato na Cidade Santa, e com Jeremias não foi diferente:

> A gravidade do pecado de Judá é expressa pelos termos escrito e gravado (17:1a), que nos fazem lembrar que a lei do Senhor foi gravada em tábuas de pedra (Êx 32:15-16). Aqui é o pecado do povo que está gravado, não na pedra, mas no coração. O uso de um ponteiro de ferro e de um diamante pontiagudo para fazer as gravações mostra quanto é duro o coração do povo! Mais tarde, Jeremias mencionará algo mais que estará gravado no coração deles — a lei do Senhor (31:33-34). (ADEYEMO, 2004, p. 2498)

Depois de tantas advertências, não haveria mais espaço para a generosidade. O povo seria julgado por seus pecados.

A Busca pela Ajuda dos Egípcios

Quando o povo de Deus se viu na iminência do julgamento divino, por meio dos babilônios, tentaram buscar ajuda com outras nações. Para eles, a chegada da Babilônia era somente um movimento das nações. Eles não perceberam como real o castigo que lhes estava reservado, da mesma forma que o Reino do Norte foi punido por sua impiedade. Isaías comenta: “Ai dos que descem ao Egito a buscar socorro e se estribam em cavalos! Têm confiança em carros, porque são muitos; e nos cavaleiros, porque são poderosíssimos; e não atentam para o Santo de Israel e não buscam ao Senhor” (Is 31.1).

Se o povo de Deus se afasta do Senhor, vai ver no seu entorno uma ajuda para passar por momentos difíceis. Da mesma forma que olharam para outros deuses quando chegaram à Terra Prometida, voltaram seus olhares para o Egito a fim de se livrarem do julgamento de Deus. O Egito era uma opção militar que certamente poderia fazer frente à Babilônia, na ótica dos hebreus. Já que Deus se tornara um opositor, os hebreus buscariam ajuda nos homens. Se Deus vai enviar a Babilônia, os hebreus se defenderiam com a ajuda dos egípcios.

II – MALDITO O HOMEM QUE CONFIA NO HOMEM

Contando com a Ajuda dos Homens para Fugir do que Deus Determinou

Jeremias havia escrito uma carta para o povo, orientando-os a se sujeitar aos babilônios. A Babilônia já havia invadido Judá, obrigando-os a pagar impostos e oferecer reféns da casa real para serem levados (entre esses reféns, encontram-se Daniel e seus amigos). Após três anos, o rei Jeoaquim decidiu se rebelar, mesmo tendo sido advertido pelas profecias de Jeremias. Então veio o segundo cativeiro de Judá, quando Nabucodonosor colocou como Zedequias para governar. Zedequias, então, vai buscar apoio no Egito.

Isso nos mostra que a liderança do povo estava disposta a pagar o preço de sua falta de fé e de sua desobediência a Deus. A sujeição à Babilônia deveria ser vista como uma sujeição à disciplina de Deus. Mas um povo que não ouvia Deus, também não perceberia que o julgamento deveria ser aceito por ter sido enviado pelo Juiz de toda a terra. Devemos observar ainda que o julgamento de Deus foi uma retribuição prevista pelo Eterno aos hebreus quando entraram em Canaã, e que, por amor à sua Palavra, pois Deus não pode mentir, Ele exerceu o juízo contra o seu próprio povo. Eles fugiram de Deus seguindo outros deuses, e agora tentavam fugir de Deus para não serem julgados.

Maldito o Homem que Confia no Homem

Deus usa Jeremias e diz: “Assim diz o Senhor: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor!”. Esse verso é bem claro e deve ser interpretado em seu devido contexto: é maldito aquele que precisa passar pela disciplina de Deus, mas busca ajuda em recursos e capacidades humanas para fugir do julgamento de Deus.

Dentro desse contexto, vemos que a maldição determinada por Deus não é para qualquer pessoa, mas para aqueles que são desobedientes, que não aceitam a repreensão divina e que buscam uma solução humana para um problema de cunho espiritual. Deus julgaria Israel de forma ainda mais grave, e o Egito seria derrotado

também. Quando Deus determina um juízo, seja individual, seja coletivo, até quem se aproxima para ajudar a fugir desse juízo é derrotado.

Os hebreus não seriam malditos somente por desobedecerem a Deus, mas por buscar auxílio em pessoas de carne e osso, contando com exércitos e carros de combate que seriam inócuos ao que Deus já havia determinado. A palavra “maldito” traz a ideia de uma pessoa que foi alcançada por uma maldição. Em dias em que as pessoas só querem ouvir palavras de bênçãos e nenhuma reprimenda por seus pecados, “maldito” é uma palavra que fere os ouvidos, mas que espelha a realidade de como Deus enxerga essas situações e essas pessoas.

A advertência permanece a mesma. Confiar em homens em vez de confiar em Deus sempre nos conduz a destinos infrutíferos.

> Com relação ao desapontamento e ao tormento com os quais certamente se depararão aqueles que confiam nos homens para obter êxito e alívio quando estão em dificuldades (vv. 5,6): “Maldito o homem que confia no homem”. Deus o declara maldito pela afronta que ele lhe infringiu. Ou: Maldito (isto é, desgraçado) é o homem que age assim, pois ele se apóia em uma cana quebrada, que não apenas lhe falhará, mas lhe entrará pela mão e a furará. Observe: 1. O pecado condenado aqui é confiar no homem; é depositar na sabedoria e no poder, na bondade e na fidelidade dos homens, aquela confiança que só deve ser depositada nos atributos de Deus. Jamais devemos transformar os nossos apelos aos homens em forças principais que aumentem as nossas expectativas em relação a eles. Precisamos estar conscientes de que eles são apenas instrumentos nas mãos da Providência. O pecado condenado aqui é fazer da carne o braço sobre o qual nos apoiamos, o braço com o qual trabalhamos e com o qual esperamos colocar os nossos objetivos em prática, o braço sob o qual nos abrigamos e do qual esperamos obter a nossa proteção. Deus é o braço do seu povo (Is 32.2).

> Não devemos pensar em fazer com que qualquer homem seja para nós aquilo que Deus se incumbiu de ser. O homem é chamado de carne para mostrar a loucura daqueles que depositam nele a sua confiança. Ele é carne, fraco e frágil como a carne sem ossos ou músculos, que não tem em si nenhuma força. Ele é inativo como a carne sem espírito, que é uma coisa morta. Ele é mortal e corruptível como a carne, que logo se deteriora e apodrece, e está constantemente se estragando. Além do mais, o homem é falso e pecaminoso, e perdeu a sua integridade. Este é o significado de ser carne (Gn 6.3). (HENRY, 2010, p. 433)

Para se Afastar do Senhor

Não bastava ser mal-visto por Deus pelo fato de desobedecer-lhe e depositar sua confiança nos homens. Os israelitas ainda se afastaram do Senhor. É curioso como as pessoas vivem de abismo em abismo, ou de glória em glória. Os habitantes de Judá deveriam aceitar o cativeiro como um ato da misericórdia de Deus, mas se distanciaram do Senhor. Eles não somente rejeitaram os mandamentos de Deus, mas também os seus juízos.

A ajuda humana sempre será bem-vinda quando há união entre os irmãos, e se essa união não estiver em desacordo com o que Deus determinou. Mas, no caso dos hebreus, que já haviam perdido a proteção do Senhor, aquela confiança não apenas ia contra o que Deus havia determinado, mas acrescentava um juízo ainda maior.

Os homens podem ser auxiliadores uns dos outros, no entanto jamais podem substituir o lugar de Deus para ser a força de outras pessoas. Cabe aqui outra observação: É preciso ouvir a Deus não somente quando Ele nos chama a atenção, mas principalmente no início da vocação com a qual fomos contemplados, a fim de que não

sejamos reprovados, ou considerados indignos da generosidade de Deus. Quantas pessoas em nosso meio desenvolvem amizades que se tornam ruins aos olhos de Deus?

III – É MELHOR CONFIAR NO SENHOR

O Coração É Enganoso

O interior do ser humano pode abrigar diversos pecados, e, entre eles, o da rebeldia é um dos principais. Deus sonda os nossos corações (Jr 17.10) e sabe o que vai em nosso interior.

Jeremias nos alerta a que nunca confiemos uns nos outros? Não. A advertência de Jeremias não é para que deixemos de confiar uns nos outros, mas, sim, quanto a confiar nos homens como nosso recurso, quando deveríamos confiar em Deus, e nos afastamos dEle.

> O coração de todo problema é o problema no coração, e o coração humano é enganoso (Jacó, em hebraico) e incurável. Costumamos dizer: “Se eu me conheço bem...”, no entanto, não conhecemos de fato nosso próprio coração. Deus sabe o que há dentro de nós, pois sonda o coração e a mente e também sabe exatamente como recompensar cada pessoa. Se quisermos conhecer nosso coração, devemos ler a Palavra e deixar que o Espírito nos mostre. O coração dos líderes judeus estava longe do Senhor e de sua verdade. Consequentemente, tomaram decisões insensatas e levaram a nação à ruína. O povo judeu possuía um longo histórico de incredulidade. Foi a falta de fé que impediu Israel de entrar na Terra Prometida (Nm 13—14). Foi sua falta de fé que os fez adorar a ídolos e, assim, chamar sobre si a disciplina de Deus no tempo dos juízes. No tempo do reino, foi a incredulidade que impediu os líderes de se arrependerem e de se voltarem para o Senhor em busca de ajuda, fazendo com que se emaranhassem em dispendiosas negociações políticas envolvendo a

> Assíria, o Egito e a Babilônia. Quando iriam aprender? (WIERSBE, 2017a, p. 128)

Aquele que Confia no Senhor

“Bendito o varão que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. Porque ele será como a árvore plantada junto às águas...” (Jr 17.7, 8a). Da mesma forma que Deus considera maldito o que se afasta dEle e busca auxílio nos homens, como Israel buscou ajuda no Egito para desobedecer a Deus, considera bendito aquele que confia nEle e cuja esperança vem dEle.

A profecia de Jeremias nos mostra que existem dois tipos de homens: aqueles que confiam em Deus e os que não confiam. Ou a pessoa confia em Deus e é abençoada, ou não confia em Deus. O Senhor compara aquele que o busca e nEle confia a uma árvore que foi plantada junto a ribeiros de águas. Diferente dos processos naturais, em que uma planta nasce e se desenvolve em um determinado terreno, a árvore à qual Deus se refere não nasceu naquele lugar, mas foi colocada ali, plantada, para crescer e se desenvolver até dar frutos. Sua existência não é um acidente de percurso, uma obra do acaso, mas a concretização do plano de Deus.

O Senhor É Juiz

“Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isso para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o

fruto das suas ações” (Jr 17.10). Uma das verdades mais rejeitadas em nossos dias é que Deus é um juiz. O amor de Deus não anula a verdade de que Deus exerce o seu juízo no mundo, e mesmo entre os santos. O apóstolo Pedro deixa claro que “já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?” (1 Pe 4.17).

Deus não deixaria de julgar o seu povo por causa de seus pecados, e o julgamento se concretizou quando a fortaleza de Jerusalém e o Templo do Senhor foram destruídos, e o povo levado cativo.

Notemos que tentar fugir do que Deus determinou como consequência de nossas próprias ações sempre terá o seu preço, pois é uma fuga inglória. Uma pessoa que não cuida de sua saúde pode imaginar que Deus vai impedir que as leis da natureza cumpram seu dever na fisiologia humana. Uma pessoa que gasta sem necessidade e sem planejamento pode crer que o Senhor vai ser obrigado a suprir suas necessidades financeiras por ser essa pessoa um filho de Deus. Devemos ter esse nível de cuidado em nossa vida, para não nos envolvermos em situações nas quais Deus não nos ordenou a entrar.

CONCLUSÃO

Deus sempre nos adverte, por meio de sua Palavra, sobre o que devemos e o que não devemos fazer, e mesmo quando permite que as consequências de nossos pecados nos atinjam, Ele espera que acatemos a sua disciplina e aprendamos com ela. Entretanto, quando rejeitamos a sua Palavra e os seus juízos, buscando apoio em homens mortais para nos afastarmos de Deus, caímos não apenas em tentação, mas também em um juízo ainda mais sério.

Tentar fugir do julgamento predito por Deus, buscando a ajuda de homens, custou muito caro aos hebreus rebeldes. E o exemplo deles nos serve de lição, primeiramente para que andemos da forma como Deus deseja que andemos, obedecendo à sua Palavra. Portanto, jamais desobedeçamos a Deus, e jamais nos associemos com pessoas que não amam a Deus nem respeitam os seus estatutos.

Capítulo 9

Pedras poderiam se Tornar Pães

A primeira tentação de Jesus tem a ver com a possibilidade de usar nossas prerrogativas em Deus para satisfazer nossas próprias necessidades.

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – O INÍCIO DA TENTAÇÃO

- O Batismo de Jesus
- Conduzido pelo Espírito
- Satanás Entra em Cena

II – A CHEGADA DO INIMIGO

- Jesus Teve Fome
- “Se tu És o Filho de Deus”
- Pedras e Pães

III – NEM SÓ DE PÃO

- O Povo no Deserto
- Está Escrito

→ Nem só de Pão

CONCLUSÃO

Introdução

Como vimos nos capítulos anteriores, a tentação atinge os seres humanos e pode ser advinda de desejos pessoais ou por conta da ação satânica. E nessa lista de pessoas tentadas, está o próprio Senhor Jesus Cristo, que foi tentado no início de seu ministério. Em três ocasiões, o Senhor foi colocado à prova em situações que atingem a nossa humanidade, e nas três ocasiões foi vencedor.

Diferente do que muitas pessoas pensam, Jesus foi tentado, e pelo próprio Inimigo, mas nos deu as lições mais preciosas para entender que a tentação é resistível, e que podemos glorificar a Deus dando ouvidos à sua Palavra e resistindo ao Diabo. O exemplo de Jesus nos ensina que é possível vencer a tentação, ainda que seja trazida pelo próprio Satanás. Não estamos imunes à tentação, mas também não precisamos ceder a ela independentemente da hipótese em que se manifesta.

I – O INÍCIO DA TENTAÇÃO

O Batismo de Jesus

Mateus inicia seu Evangelho com o objetivo de ligar Jesus às pessoas de Davi e Abraão, e o faz por meio da apresentação da genealogia do Senhor. Prossegue narrando os fatos sobre o nascimento do Filho de Deus e do aparecimento do seu arauto, João Batista. O primo de Jesus o batiza, mas antes que o ministério de Jesus seja registrado em sua inteireza, ele precisa passar pela experiência da tentação.

A tentação de Jesus, portanto, não acontece sem que haja um contexto. João Batista já exercia seu ministério como profeta e batizava pessoas no rio Jordão. Ao ver Jesus, vindo entre aqueles que chegavam para ser batizados, João “opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?” (Mt 3.14). A pergunta de João mostra o reconhecimento da realidade do Senhor Jesus: o maior dos profetas se sentiu inadequado para batizar o seu Senhor. Apesar da resistência inicial do batista, ele acata a orientação do Senhor: “Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3.15).

Ainda assim, o batista o fez o que Jesus pediu, e Jesus foi batizado. Mas a experiência desse batismo foi diferente dos demais batismos realizados por João: Ao sair das águas, Jesus ouviu a declaração inegável de que Ele era o Filho de Deus, e essa audição não foi em particular, pois Mateus comenta que “eis que uma voz

dos céus dizia...” (Mt 3.17). Nenhuma outra pessoa batizada por João Batista teve a honra de ouvir a declaração que veio do céu acerca de Jesus.

Em pouco tempo, essa mesma declaração que Deus havia feito acerca de Jesus seria usada como um trampolim para a primeira tentação por Satanás. Portanto, não devemos nos surpreender que se por um lado Deus pode dizer algo sobre nós, Satanás pode entrar no circuito para colocar à prova o que Deus disse a nosso respeito.

Conduzido pelo Espírito

Após ser batizado, e de publicamente haver o reconhecimento do Pai e do Espírito Santo no batismo, o Senhor é conduzido pelo Espírito ao deserto. Ele não decidiu ir por conta própria a um lugar ermo. Ele se submeteu ao controle do Espírito para se retirar e passar um período em jejum. Diferente de alguns pregadores que desprezam a prática do jejum, relegando-o a uma prática vinculada ao período da Lei de Moisés, Mateus nos mostra que Jesus jejuou. Essa é uma prática que nos aproxima de Deus, um momento em que deixamos de nutrir nosso corpo para nos dedicar à meditação e à oração. O jejum também foi usado não só por Jesus, mas também pela igreja (At 13), mostrando que é uma prática também para os nossos dias.

Lucas destaca que “cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto” (Lc 4.1). Nem sempre pessoas cheias do Espírito são dirigidas a lugares onde há multidões, onde poderão manifestar seus dons e talentos e obter notoriedade. O Espírito não conduziu Jesus ao Templo em Jerusalém ou a outro lugar onde seria visto por centenas de pessoas. O Espírito o levou a um lugar de solidão, para meditar e orar. Ele precisava passar um tempo a sós com Deus. Ele não agiu por impulso, nem desrespeitou a vontade de Deus. Conduzido pelo Espírito, o Senhor Jesus precisava passar pela experiência do jejum por quarenta dias e, depois, pela experiência da tentação. Poderíamos estar imunes aos ataques das trevas após períodos de consagração? Claro que não. A Palavra de Deus nos mostra que Satanás buscou alguma fragilidade ao se aproximar de Jesus após o período de quarenta dias.

Satanás Entra em Cena

Observemos que quem conduziu Jesus ao deserto foi o Espírito Santo, mas quem tentou a Jesus foi o Diabo, pois Deus não tenta a ninguém. “Ninguém, sendo tentado, diga: de Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta” (Tg 1.13). O Eterno não pode ser movido pelo mal para dar prosseguimento ao mal, visto que Deus é bom, justo e

misericordioso. Somente Satanás é descrito nas Escrituras como o agente da tentação de Jesus.

> Imediatamente após o batismo, Jesus foi levado pelo Espírito Santo ao deserto, para ser tentado pelo diabo (4:1). A princípio, pode parecer estranho que a primeira parada após a consagração ao ministério seja o deserto. A experiência de muitos cristãos, porém, diria que é comum passar por tentações imediatamente após uma experiência espiritual rica e repleta de alegria. A verdadeira obra de Deus pode atrair a atenção nociva de Satanás, o inimigo de Deus. Ao mesmo tempo, as maiores experiências espirituais precisam ser testadas para que possamos sair da névoa de euforia e enxergar a dura realidade por trás da experiência. (ADEYEMO, 2004, p. 3160)

II – A CHEGADA DO INIMIGO

Jesus Teve Fome

Ao se aproximar de Jesus, Satanás tem em mente tratar de um assunto que é uma necessidade humana: alimentação. De forma natural, quando uma pessoa passa por um período de privação voluntária ou obrigatória de alimentos, ela sente fome. Cremos que jamais foi pecado ter fome, muito menos se alimentar. Deus colocou em nosso corpo o senso da preservação, e a fome nos lembra de que precisamos estar alimentados para nossa subsistência. Foi com base nessa necessidade que Satanás imaginou achar o caminho para o coração de Jesus, afinal, pessoas com fome desejam comer.

Havia abundância de pedras naquele ambiente desértico, e Satanás se utilizaria de um elemento natural para tentar Jesus em uma necessidade natural. Como provavelmente o terreno “ajudava” com farto material para a tentação, talvez não fosse tão difícil

convencer Jesus a agir usando o seu poder para satisfazer uma necessidade física lícita.

O *site* Infoescola traz uma ideia dos efeitos da fome no ser humano:

> A fome ocasiona uma série de alterações no funcionamento normal do organismo. As principais estão relacionadas abaixo:
>
> • Perda intensa de massa muscular e dos tecidos gordurosos, provo cando debilidade física e emagrecimento brusco.
>
> • Desaceleração, interrupção do crescimento.
>
> • Mudanças psicológicas e psíquicas, deixando o indivíduo apático e depressivo.
>
> • Perda de cabelo e de sua tonalidade.
>
> • Pele com aspecto enrugado.
>
> • Anemia, e diversas outras alterações sanguíneas.
>
> • Raquitismo, devido à falta de vitamina D.
>
> • Sistema Nervoso deficiente, diminuindo o número de neurônios.
>
> • Danificação do bom funcionamento de todos os órgãos do corpo humano.
>
> • Baixa imunidade, onde o indivíduo está sujeito a contrair doenças viróticas, bacterianas, entre outras. (Disponível em

https://www.infoescola.com/fisiologia/fome-carencia-alimentos/)

A fome que Jesus sentiu era natural, pois Ele era o Deus encarnado. Entretanto, o estímulo que estava recebendo para pecar contra Deus não era natural.

> É evidente que a tentação veio de fora: “o tentador veio a ele”. Como já foi indicado, somente desse modo se nos permite pensar de Cristo como sendo tentado. Em lTs 3.5, o príncipe do mal é igualmente chamado “o tentador”, e assim, por implicação, também em Mt 4.1; Mc 1.13; Lc 4.2; e 1Co 7.5. Sua vileza consiste especialmente nisto: primeiro ele leva um homem a pecar; em seguida, quando o tentado segue seu conselho, o tentador se transforma em acusador! Além disso, ele prosseguirá acusando o caído mesmo depois de este já ter sido perdoado (Zc 3.1-5; Ap 12.10). (HENDRIKSEN, 2001, p. 315)

“Se tu És o Filho de Deus”

Após se aproximar de Jesus, Satanás começa a tentação colocando à prova não a fome de Jesus, mas a sua natureza como Filho de Deus. Há quarenta dias Jesus acabara de passar pelo batismo e o próprio Deus disse que Jesus era o Filho Amado. Enquanto o Senhor faz uma afirmação, Satanás traz a dúvida.

O discurso da tentação pode começar de forma um tanto simpática, mas objetiva a desobediência, e com ela vem o pecado e à morte: Satanás “foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8.44).

Não devemos ficar espantados pelo fato de Satanás sempre colocar em xeque o que Deus fala. Foi assim no Éden, e tem sido assim em nossos dias. Se Deus falou, e se cremos que Ele é verdadeiro (Rm 3.4), podemos crer que o que Ele disse não precisa ser colocado à prova. Deus não abre sua boca em vão. Tentar contradizer o que Deus disse, inverter alguma ordem em suas palavras, sem dúvida nos conduzirá a caminhos tortuosos.

> É uma tentação muito refinada com a qual Satanás se achega a Jesus. É mais perigosa a tentação que nem se parece com uma tentação. Mostrando um interesse comovedor, aquele simpático desconhecido se aproxima de Jesus, que estava totalmente esgotado pela fome. Dá-lhe a sugestão de que, por força de sua condição de Filho de Deus, transforme pedras em pães. Do mesmo modo como as palavras no paraíso: “Teria Deus realmente dito?”, a expressão se és Filho de Deus formula uma dúvida. Seu significado é: “Se realmente és o Filho de Deus, não tens necessidade de passar fome”. Fome e esgotamento atestam contra a filiação divina. A existência da filiação somente pode ser comprovada se forem utilizadas as capacidades milagrosas contidas na condição de Filho de Deus. Fome e exaustão precisam, portanto, ser eliminadas imediatamente, com ajuda dessas capacidades. Somente quando isso acontece, comprova-se como autêntica a filiação divina. Do contrário não! – Assim insinua o tentador. Jesus sente seu esgotamento. A sensação da fome é avassaladora. Por que, pois, não usar os dons que possui, ainda mais que há necessidade? Afinal, os dons são dados para que os empreguemos! Este é o sentido da tentação satânica. – O que se pode contrapor a ela? Sem dúvida é da vontade de Deus que trabalhemos com os dons, porém aqui temos um perigoso “mas”. Os dons e as forças que Deus concedeu aos seus nos são dadas não para que as usemos segundo o nosso próprio arbítrio, somente para nós mesmos, mas estão aí para que sejam colocadas a serviço daquele que é o doador de todas as dádivas. Satanás queria induzir Jesus a utilizar arbitrariamente, de acordo com seu próprio interesse, as capacidades milagrosas que Deus lhe confiou para erigir o reino de Deus. Se Jesus tivesse cedido a esses ataques de Satanás, cometeria um abuso de seus dons. (RIENECKER, 2020)

Pedras e Pães

O Senhor está sozinho no deserto, com fome, e Satanás dá a entender que Ele pode resolver o seu problema sem consultar a Deus. Já bastavam os quarenta dias em jejum. Não seria “pecado” Jesus ter suprida a sua necessidade de comer após todo esse tempo em abstinência. Mas usar a sua prerrogativa de Filho de Deus para manipular os elementos da natureza e transformá-los para benefício próprio, sim, seria o pecado.

O objetivo de Satanás era conduzir Jesus a usar o seu poder para satisfazer uma necessidade pessoal, mas fazer isso era usurpar o que Deus havia conferido a Jesus. Deus nos concede prerrogativas e talentos para serem usados na sua obra, mas quando as utilizamos para satisfazer nossas necessidades, estamos nos desviando do propósito para o qual fomos chamados.

Mesmo que aparentemente pequeno, um desvio nessa área conduz a outros desvios em outras áreas da vida. Essa tentação, de aproveitar do poder de Deus para benefício próprio, conduz a pessoa que se deixa levar e acabará se acostumando a usar de forma errada o que Deus lhe concedeu. O Eterno não nos concede dons ou talentos para serem usados de forma equivocada, pois daremos conta do que fizemos com aquilo que Deus nos deu.

III – NEM SÓ DE PÃO

O Povo no Deserto

Jesus, tentado não somente para “confirmar” por si mesmo a sua natureza como Filho de Deus, mas também a usar o seu poder para satisfazer uma necessidade física, cita Deuteronômio 8.

Os cinco livros de Moisés narram a origem da vida e do povo de Deus. Nesses livros, mesmo com os percalços, vemos o cuidado de Deus para com o seu povo. Desde a formação da família de Abraão até o seu crescimento em uma nação, séculos depois, o Eterno jamais deixou de se fazer presente na história dos hebreus. Ele livrou os filhos de Abraão da fome quando foram para o Egito, e depois os livrou da escravidão para os conduzir a uma terra promissora. Esse caminho não se deu em estradas pavimentadas e seguras, mas por um deserto.

A cada dia, o Eterno provia o necessário para o seu povo. Eles passaram décadas sendo alimentados por Deus, mesmo quando se rebelavam contra Ele. Não havia restaurantes, lanchonetes nem comida no deserto. Eles a cada dia viam Deus providenciando o que era necessário para a sua subsistência. Mas quando vão entrar na Terra Prometida, deveriam se lembrar que o que lhes era “natural”, na verdade, era a bondade de Deus em ação. O deserto não oferece alimentos de forma natural para milhões de pessoas. Somente Deus poderia fazer uma intervenção dessa monta para preservar seu povo.

O grande perigo para o qual Deus alerta é que eles estavam tão acostumados aos milagres que poderiam imaginar que tudo o que

presenciavam era normal, e não uma dádiva divina. Milagres são uma interferência sobrenatural no mundo natural, e o homem não pode fazer milagres.

Está Escrito

Ao ser tentado, o Senhor Jesus se utilizou das Escrituras, e de forma correta, para responder a Satanás. Ele não se baseou na sua força de vontade ou na sua divindade, mas na Palavra de Deus. O Novo Testamento ainda não estava pronto, e levaria décadas para que ele fosse concluído, mas o Senhor já tinha em mãos o que era necessário para enfrentar a Satanás.

Jesus não mencionou estudos rabínicos comuns em seus dias, nem quaisquer outras fontes de estudos. Ele mencionou a fonte direta, a Lei de Moisés. Não é errado ler e mencionar fontes das quais tiramos nossos estudos e ideias, pois isso é honroso e justo. Mas, no caso de Jesus, pelo menos nessa primeira tentação, percebemos que Satanás sequer tentou ponderar com Ele acerca da sua declaração de que o homem não viveria só de pão. A simples citação da Palavra encerrou a tentação. Se cremos que a Palavra de Deus tem as respostas de que necessitamos hoje, entenderemos também que é possível ser tentado e resistir a Satanás meditando no que Deus disse e praticando.

Nem só de Pão

Comer não é pecado. Quando Jesus diz que “nem só de pão viverá o homem” não está dizendo que os alimentos são inúteis para a vida. Ele não está condenando o ato de comer, mas alerta que o alimento para o corpo não é a única coisa que sustenta o ser humano.

Os hebreus que entraram na Terra Prometida cresceram no deserto e, ao longo de quarenta anos, se acostumaram com a provisão diária de Deus. Mas eles foram lembrados por Moisés de que era Deus que os sustentava. A provisão diária de maná não era natural, e isso servia de lição para o povo: o sustento diário não é o mais importante. Eles haviam sido mantidos vivos porque Deus prometeu levá-los à Terra Prometida e, por isso, viveram “de toda a palavra que sai da boca de Deus”. O que precisamos é da Palavra diária de Deus para nos sustentar. O Senhor não condena que nos preocupemos com o sustento necessário, mas nos adverte que é preciso estar diariamente debaixo da vontade de Deus.

> A reposta de Jesus foi: “O ser humano não vive só de pão”. Ela expressa primeiramente que, como verdadeiro homem, Jesus quer se alinhar total e plenamente ao lado das pessoas. Não quer ocupar agora qualquer tipo de posição privilegiada. Usar as dádivas de Deus para libertar-se pessoalmente de privações e sofrimentos é antidivino! A expressão o ser humano lembra Satanás que, apesar de sua dignidade de Filho de Deus, Jesus está decidido a suportar integralmente as condições da existência humana. A seguir, citando Dt 8, Jesus esclarece: Deus também é capaz de sustentar a vida humana com outros meios que com o pão, p. ex., também com o maná! Sim, Deus até pode alimentar e sustentar o ser humano sem qualquer meio material, apenas pela mera força de sua vontade. Por conseqüência, Jesus se compromete, pelas palavras “o ser humano não vive só de pão”, a deixar

> unicamente na mão de seu Pai a satisfação de suas necessidades terrenas durante a sua atuação messiânica. Como qualquer ser humano, quer pedir diariamente ao Pai pelo pão. Quer suportar cansaço, fome e nudez, sem refugiar-se em quaisquer métodos autocráticos de alívio, e muito menos quando o maligno o convida para isso. Schlatter afirma: “Um Filho de Deus que se afastasse da dependência de Deus e agisse por conta própria traria revelações satânicas”. O mesmo vale para a comunidade de Jesus. Sair da dependência de Deus é aniquilar a confiança em Deus, é desonrar a Deus, é exaltar a vontade própria como causa determinante de tudo. Assim como o Batista, afirmando radicalmente a Deus, anunciava a negação de toda vontade própria humana e cristã, também Jesus sabia com toda a certeza: “O Filho nada pode realizar de si próprio”. A vinculação de Jesus tão somente ao Pai torna impossível atender ao menor desejo egoísta. Em outras palavras: A consciência de que é Filho de Deus jamais o levará a negar que, como ser humano, tem feições de servo. (RIENECKER, 2020)

CONCLUSÃO

O próprio Senhor Jesus foi tentado pelo Inimigo, e em um momento em que seu corpo estava fragilizado, precisando se alimentar depois de um período extenso de privação de alimentos. Entretanto, Ele não cedeu à tentação de usar a sua glória para satisfazer uma necessidade pessoal, nem se voltou contra Deus, pois sabia que o Eterno sempre supre as nossas necessidades.

Recebemos de Deus dons e talentos, e Satanás deseja que os utilizemos de forma ilícita para satisfazer nossas necessidades lícitas. Cremos que Deus supre as nossas necessidades sem que precisemos recorrer aos incentivos malignos.

Capítulo 10

INTERPRETANDO ERRONEAMENTE AS ESCRITURAS

A segunda tentação pela qual Jesus passou nos remete a interpretar e aplicar mal um texto das Escrituras, tentando forçar Deus a fazer a nossa vontade, e não a dEle.

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – MUDANDO O CENÁRIO DA TENTAÇÃO

- Na Cidade Santa
- “Se tu És o Filho de Deus”
- “Lança-te daqui abaixo”

II – DISTORCENDO A PALAVRA DE DEUS

- Anjos Vão Guardar Você
- Os Milagres São Obrigatórios?
- Posso mesmo Fazer o que eu Quiser?

III – O POVO NO DESERTO

- Deus Está conosco mesmo?
- Não Tentarás ao Senhor
- Pôr Deus à Prova É uma Tentação
- Cuidado com a Interpretação das Escrituras

CONCLUSÃO

Introdução

APalavra de Deus vem sendo lida, ensinada e pregada em praticamente todo o mundo. Ela tem o poder de mudar a vida das pessoas, e nos revela o que Deus deseja que saibamos para sermos salvos e igualmente nos tornarmos cidadãos dos céus. Entretanto, essa mesma Palavra de Deus pode ser mal interpretada e mal aplicada, e Satanás nos mostra isso quando tenta pela segunda vez ao Senhor Jesus.

Em nossos dias, tem proliferado, principalmente com o advento das tecnologias que conectam pessoas, diversos palestrantes e pregadores que, por falta de sabedoria ou por má intenção, diluem as verdades das Sagradas Escrituras, tornando-as adaptáveis às escolhas dos ouvintes e criando um grupo de pessoas que busca adaptar a Palavra de Deus às suas necessidades e desejos. Jesus foi tentado a utilizar a Palavra de Deus de forma equivocada, para atender a um desafio que colocava em xeque a sua comunhão com Deus. Entretanto, o Senhor Jesus venceu a tentação de aplicar mal

a Palavra de Deus para a vida e agir de forma direcionada nessa aplicação, pois Ele conhecia a Palavra, e não agiu de forma independente, sem consultar a Deus, nem fazendo seus próprios planos e saindo do projeto para o qual Deus o havia chamado.

I – MUDANDO O CENÁRIO DA TENTAÇÃO

Na Cidade Santa

Mateus registra que, após a primeira tentação, no deserto, Jesus é transportado à Cidade Santa, e levado ao pináculo do Templo. Portanto, entendemos que a segunda tentação não se deu no deserto, conforme a fonte primária, Mateus. Respeitamos opiniões que caminhem em sentido oposto, de que a segunda tentação ocorreu no deserto, mas reforçamos que Mateus trata dela como ocorrendo na Cidade Santa, e não no deserto. É preciso dizer também que o Senhor Jesus é a fonte direta dessa história, pois nenhum outro ser humano presenciou a tentação, de forma que o evangelista Mateus, discípulo do Senhor, se valeu do que o próprio Senhor Jesus disse.

A segunda tentação, portanto, de acordo com a fonte primária, se deu em Jerusalém. Parte do ministério de Jesus ocorreu na Cidade Santa, onde foi apresentado no Templo (Lc 2.22) e para onde ia todos os anos celebrar a Páscoa com seus pais (Lc 2.40,41). A Cidade Santa, então, não era um lugar desconhecido para o Senhor, nem para o Inimigo.

O pináculo do Templo era a parte mais alta do santuário construído por Herodes. A arquitetura e a obra feitas pelo idumeu causavam admiração nas pessoas que iam a Jerusalém, e até os discípulos de Jesus, em uma das idas ao Templo, foram mostrar a estrutura da construção para o Senhor (Mt 24.1). Era um lugar suntuoso e atraía a atenção das pessoas, tanto para cultuarem quanto para fazerem negócios, pois até vendilhões usavam o espaço do santuário.

Em todas as culturas, os santuários costumam atrair as atenções. Nem sempre na antiguidade tinham os mesmos formatos e dimensões, mas objetivavam a mesma coisa: prestar, naquele lugar, a reverência a uma deidade.

Devemos observar que, para os hebreus, o Templo deveria ser considerado um lugar de oração, e o próprio Jesus falou isso: “E entrou Jesus no templo de Deus, e expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração. Mas vós a tendes convertido em covil de ladrões” (Mt 21.12,13). Mas Deus não reservou a sua presença somente para o Templo em Jerusalém ou a Israel. Como vemos no Antigo Testamento, Deus operou em outras nações como Babilônia, com Daniel e seus amigos.

O Templo em Jerusalém era, portanto, um lugar tão estratégico para a fé em Israel que qualquer pessoa que se destacasse no

Templo ou no seu entorno, ensinando, contribuindo ou operando algum milagre, seria lembrada por toda a população. Basta dizer que Pedro e João estavam indo orar no Templo quando se depararam com um paralítico pedindo esmolas, e, pelo poder de Deus, os apóstolos foram usados para trazer a cura daquele homem. O resultado dessa cura foi notório em toda a região.

Observemos que Satanás se utilizou do santuário, ainda que a parte exterior, como cenário da tentação. Ele não respeita locais de culto e pode se utilizar deles para gerar confusão entre os crentes.

“Se tu És o Filho de Deus”

Já foi dito que a tentação, mais do que uma prova da nossa fé, é uma prova da nossa confiança em Deus. A segunda tentativa do Inimigo contra Jesus traz novamente a fala de Satanás, questionando o que Deus havia afirmado. Já bastava para Deus falar no batismo de Jesus que Ele era o seu Filho amado. Mas, pela segunda vez, o Inimigo condiciona a natureza de Jesus a uma confirmação que Satanás pedirá. Isso nos mostra que, de forma contínua, a tentação vai tratar não apenas da possibilidade de sermos conduzidos ao pecado contra Deus, mas também seremos tentados a duvidar do que Deus disse acerca de nós. Jesus é o Filho de Deus, e o próprio Deus já o havia dito por ocasião do batismo de Jesus. Entretanto, Satanás tenta “condicionar” o

reconhecimento da natureza de Jesus a uma ação inusitada: jogar-se do pináculo do Templo.

Essa é uma lição que precisamos guardar: Veremos, com Jesus, que se Deus já se pronunciou sobre o que somos nEle, não precisamos dar ouvidos aos que duvidam daquilo que Ele falou a nosso respeito.

> A obediência à proposta de Satanás era tentadora, porquanto, que homem existe que, ao ser solicitado que comprove um argumento que fizera, não sinta que deve fazê-lo imediatamente sem primeiro perguntar a si mesmo: "Que direito tem o meu incitador de pedir-me que faça tal comprovação?" Jesus, contudo, não cai nessa armadilha. Ele percebe que fazer o que Satanás está pedindo equivaleria a trocar a fé pela presunção, a submissão à orientação divina pela insolência. Significaria nada menos que arriscar-se à autodestruição. A falsa confiança no Pai, que o diabo exigia de Jesus nesta segunda tentação, não era melhor que a desconfiança que lhe propusera na primeira... Equivaleria a fazer experiência com o Pai. Uma tradição rabínica afirma: "Quando o rei, o Messias, se revela, então ele vem e se coloca em pé no teto do lugar santo." Com base nessa tradição, alguns comentaristas são da opinião de que o tentador estava tentando convencer Jesus de que, ao lançar-se do pináculo do templo, se firmaria como o legítimo Messias, pois, depois de uma aterrissagem milagrosa e a salvo, a multidão, ao observar sua descida com espanto, exclamaria: "Vede, ele não se feriu. Só pode ser o Messias!" Para Jesus, assim prossegue o argumento, esse teria sido um caminho fácil para o sucesso. A cruz seria evitada, a coroa seria obtida sem luta ou agonia. (HENDRIKSEN, 2001, p. 321)

"Lança-te daqui abaixo"

Satanás não coloca Jesus no pináculo do Templo e empurra o Senhor de lá. Ele o leva para o alto e incita Jesus a se jogar. O Inimigo certamente não tinha autoridade para atentar contra a vida de Jesus, mas incitou o Senhor a atentar contra a própria vida. De

forma geral, a tentação nos é apresentada como algo que dependerá de nós aceitar ou não.

Satanás tem limites em suas atuações. Ele poderia dirigir-se a Jesus e tentar fazer com que o Senhor o ouça e faça o que está sugerindo, mas não tem a capacidade de impor a Jesus uma obediência. Da mesma forma, ele pode se aproximar de nós, como fez com Jesus, e tentar nos convencer a duvidar de Deus, de suas promessas e de seu caráter. Ele surge com a tentação, e depois que a pessoa cede e peca, Satanás se torna o acusador. E o que isso poderia significar para Jesus?

É possível que, ao aceitar essa tentação, um poderoso milagre viesse a acontecer diante dos olhares dos frequentadores do Templo. Jesus seria reconhecido como o Messias, sem precisar passar pela prisão, humilhações, acusações, tortura, solidão e crucificação, mas esse não era o plano de Deus para Jesus. A cruz era o caminho necessário a ser trilhado por Ele para que pudéssemos ser salvos.

O milagre que supostamente surgiria, caso Jesus tivesse colocado Deus à prova, não seria inferior a um dos maiores milagres realizados pelos profetas do Antigo Testamento. Fazer descer fogo do céu, ressuscitar mortos, curar um leproso ou abrir o mar foram grandes realizações, mas nenhuma delas foi feita pelo Messias.

> Com a permissão de Deus, o diabo conduziu Jesus a essa cidade, e o colocou no próprio pináculo (literalmente, asa) do muro exterior de todo o

> complexo do templo. O local exato não nos é fornecido. Pode ter sido a parte superior do teto do pórtico real de Herodes, que dá para o Vale do Cedrom, com uma altura de cerca de 150 metros, “uma altura que provoca vertigem”, segundo indica Josefo (Antigüidades, XV.412). (HENDRIKSEN, 2001, p. 319)

Bastaria a Jesus dar alguns passos à frente, e a lei da gravidade faria o seu trabalho. De uma forma sobrenatural, certamente um livramento ocorreria, e Jesus entraria para a história como o mais importante hebreu a quem o próprio Deus cuidou de proteger, afinal Jesus era o Filho de Deus, e o Pai deveria dar cobertura ao seu Filho.

Pense nas inúmeras possibilidades advindas desse cenário. Satanás tentou argumentar com Jesus que Ele tinha um cheque em branco, assinado por Deus, para fazer o que quisesse. Se cedesse à tentação, seria como um filho que se aproveita do *status* do seu pai para dirigir embriagado em alta velocidade, ou fazer dívidas crendo que o pai estaria obrigado a saldá-las. Mas um filho responsável e consciente de sua filiação não tomaria uma atitude dessas.

> Satanás lembrou a Jesus que Deus não deixaria seu Filho ferir-se (4:6; Sl 91:11-12) e enviaria anjos para garantir sua segurança. Deus está comprometido com a proteção dos que nele confiam. De fato, o próprio Jesus mais tarde afirmaria ter autoridade para ordenar aos anjos que o ajudassem a qualquer momento (26:53), mas Satanás queria causar uma crise artificial, instigando Jesus a ostentar seu poder para autogratificação. Com essa atitude, Jesus estaria tentando a Deus (4:7; cf. tb. Dt 6:16). Podemos confiar na segurança que Deus proporciona aos que lhe são obedientes, mas, às vezes, seus propósitos se cumprem plenamente quando seus servos enfrentam sofrimento. O próprio compromisso de Cristo

> com a cruz é um grande exemplo disso. Muitos de seus seguidores o honram com o sofrimento e até com a morte. (ADEYEMO, 2004, p. 3161)

II – DISTORCENDO A PALAVRA DE DEUS

Anjos Vão Guardar Você

A proposição de Satanás, nessa tentação, se fixou na possibilidade de Jesus se lançar do pináculo do Templo e ser resgatado de forma sobrenatural pelos anjos. Esses são seres ministradores que trabalham em prol daqueles que hão de herdar a salvação (Hb 1.14), mas eles atuam por orientação divina, e não de acordo com a conveniência humana. O Inimigo se baseou no Salmo 91 para em seguida tentar convencer Jesus a se basear na promessa de Deus para tentar ao Senhor. E a promessa de Salmos 91.11 se refere à atuação dos anjos em prol daqueles que andam com Deus. Os seres celestiais não são negligentes em relação às orientações de Deus, e guardam os santos homens e mulheres que preservam consigo o temor ao Eterno.

Ocorre que, apesar de a Palavra apontar que Deus provê proteção angelical aos seus servos, contar com essa mesma proteção divina quando cientes de que o caminho que estamos trilhando não nos foi orientado por Deus é outra história. No Salmo 91, não há um salvo conduto para que uma pessoa que teme a Deus desafie o Eterno nem que teste os limites de sua paciência e fidelidade.

Vemos nessa tentação que Satanás também sabe citar a Palavra de Deus quando lhe convém, mas ele sempre o fará com propósitos malignos. Suas hostes criam doutrinas de demônios, induzindo incautos a lerem as Escrituras pela metade, ou a citarem partes da Palavra de Deus desprezando o contexto em que elas estão inseridas, desrespeitando regras de interpretação já definidas e soprando ventos de doutrinas para o povo de Deus.

Satanás tem se aproveitado desses fatores e atraído muitas pessoas para igrejas que se propõem a fazer do culto um show, com atrações que façam lotar o santuário, onde o homem, e não Deus, é o centro das atenções. Liturgias são preparadas para que o homem seja destacado, tornando-o uma celebridade digna de ser seguida. Há bastante tempo, certo pregador argentino comentou que compareceu a um evento no qual um grande pregador compareceria para ministrar. Antes da ministração, as luzes se apagaram, e o apresentador ao microfone disse: “E agora, com vocês, o grande servo de Deus, pastor ...”. Esse pregador argentino, de forma radical, terminou seu relato dizendo que não existe grande servo de Deus, pois se ele é servo, não é grande, e se é grande, não é servo.

Particularmente, penso que não há nada errado em se honrar uma pessoa que se destacou, mas é errado fazer dessa pessoa o centro das atenções onde Deus está. Ou Deus tem a primazia em nossas vidas ou não tem. E podemos ser pessoas que dão primazia

a Deus quando não somente damos crédito à sua Palavra, mas também quando nos guardamos de tentá-lo.

Os Milagres São Obrigatórios?

Um dos equívocos mais difundidos em nossos dias é que se Deus não prover milagres diários em nossas vidas, então nossa fé é fraca ou a nossa comunhão com Ele não tem tanta importância assim. Mas a nossa comunhão com Deus não pode ser medida pelas respostas miraculosas que Ele pode nos dar. Deus opera maravilhas e faz milagres de acordo com a sua vontade, mas nunca nos apontou, na sua Palavra, qualquer incentivo a que venhamos a agir de forma a nos aproveitar da existência de milagres que Ele faz para definir que a sua presença está conosco.

Há pessoas que estão continuamente em busca de milagres, como se essa fosse a ênfase da vida cristã, mas devemos nos lembrar de que os sinais seguem os que creem, e não os que creem seguem os sinais.

> O diabo faz a proposta ao Senhor Jesus de convencer, através de um meio muito extraordinário, os judeus de que ele é Filho de Deus. Como lugar para isso ele escolhe Jerusalém, e lá o próprio templo, o símbolo da sagrada proximidade de Deus. O maligno quer convencer o Senhor para que, com a ajuda da onipotência de Deus, inicie sua atividade messiânica mediante uma poderosa ação religiosa de abertura. Pois somente através da poderosa medida divina de uma manifestação grandiosa o Senhor poderia cumprir sua missão, a saber, construir o “reinado dos céus”. Essa a proposta do tentador. Novamente o maligno usa uma palavra bíblica para fundamentar sua intenção. Retira-a do Sl 91, v. 11,12. Com ela quer dizer: Se Deus promete proteger dessa maneira o piedoso comum, para que nada lhe aconteça, quanto mais Deus cuidará de seu Filho, que apenas gostaria de cumprir

> aquilo que o seu Pai quer. Jesus interpreta o milagre admirável de uma manifestação grandiosa com auxílio do poder divino como um “tentar a Deus”! É que com ele se colocaria à prova a onipotência de Deus, no sentido seguinte: Vamos experimentar uma vez se Deus é realmente Deus. Ao repelir também essa tentação, Jesus declara que as medidas milagrosas de ajuda que lhe foram prometidas pelo Pai apenas serão utilizadas para socorrê-lo naquelas situações a que o Pai o conduzir e das quais ele novamente quiser salvá-lo (p. ex., ao acalmar a tempestade, etc.). Por isso Jesus renuncia a qualquer ajuda divina para todas aquelas situações que não fazem parte do plano de Deus. – Com certeza, Jesus arriscará o salto para as profundezas, a ida ao madeiro maldito – mas somente no momento em que Deus lho comunicar, em que Deus o quiser, do contrário não. Obediência incondicional é o mandamento supremo de Jesus. O caminho ao madeiro maldito, porém, foi um “salto às profundezas” bem diferente que esse salto da torre do templo. A majestade do Deus onipotente demanda que nossa confiança nele seja incondicional. Podemos confiar que nos ajudará em qualquer momento, mas não podemos lhe prescrever nenhuma ajuda. As promissões da Escritura não são algo como recursos de magia, pelos quais nos seria assegurada automaticamente a ajuda de Deus do jeito como nós a imaginamos. Quem falar de assegurar ou garantir, já se tornou culpado de ultrapassar os limites na sua vida de fé, pois submeteu a palavra de Deus à vontade humana. Isso é violar a Escritura. Isso é tentar a Deus! (RIENECKER, 2020)

Posso mesmo Fazer o que eu Quiser?

A segunda tentação nos mostra que não podemos fazer a nossa própria vontade, e sim a vontade de Deus. Se oramos “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10, NVT), devemos entender que não podemos fazer coisas que venham a colocar em prova a Deus. Não podemos fazer tudo “naquele que me fortalece”, como se houvesse uma permissão para convencer Deus a fazer o que queremos.

Jesus nos mostra que em todo o tempo Ele seguiu as orientações de Deus. Ele passava muito tempo em oração, e não agia como se

Deus estivesse distante: “Porque eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6.38). Se o Filho de Deus agiu em obediência às orientações do Pai, devemos fazer o mesmo. Agir sem o consentimento do Eterno é se colocar debaixo da influência do Maligno. A tentação trazida por Satanás precisava de uma resposta, e Jesus estava preparado para ela.

III – O POVO NO DESERTO

Deus Está conosco mesmo?

Ao responder a Satanás, Jesus remonta, pela segunda vez, à história do povo de Israel no deserto. O Senhor destaca o exemplo dos hebreus após a saída do Egito. Eles haviam iniciado suas jornadas, e, ao chegarem a Refidim, não encontraram água para beber. Nesse cenário, se voltaram contra o Deus que os havia libertado da escravidão egípcia. Como crianças mimadas, se colocaram contra Moisés, e Deus interveio orientando o legislador a ferir a rocha para que dela saísse água, e assim houve provisão para o seu povo. O problema apontado nesse texto não é a sede e a falta de água, e sim colocar em questão a presença de Deus quando se está passando por um momento de privação temporária. Eles provocaram a Deus com essas palavras: “Está o Senhor no meio de nós, ou não?” (Êx 17.7).

Pense bem no que aconteceu no deserto. Eles não apenas duvidaram da presença de Deus entre eles, mas expuseram esses pensamentos reclamando de Moisés. Ainda não tinham a maturidade necessária para se relacionar com Deus ou entrar na terra que lhes estava reservada, e a sua formação seria no deserto.

Não Tentarás ao Senhor

No deserto, Deus iniciou o processo de amadurecimento do seu povo. Eles precisavam ser transformados para entrar na terra que Deus lhes daria, e haviam rejeitado entrar na Terra Prometida, dando ouvidos aos 12 espias que infamaram a terra, o que lhes custou uma caminhada de quatro décadas em uma terra inóspita. Ao escrever o Deuteronômio, para a nova geração de hebreus, Moisés deixa claro ao povo: “Não tentareis o Senhor, vosso Deus, como o tentastes em Massá” (Dt 6.16). Esse pequeno verso mostra um cenário triste por parte do povo de Deus. Pela falta de água, os hebreus zombaram da presença do Senhor entre eles. Essa zombaria foi vista por Deus como uma tentação contra Ele. Deus estava no meio do seu povo, e proveu a água de que precisavam. Tentar a Deus é desafiá-lo a agir, como se Ele não estivesse agindo em nosso favor. Na visão dos hebreus, o problema era maior do que o Deus que os tirou da escravidão.

Pôr Deus à Prova É uma Tentação

Quando colocamos Deus à prova, de forma explícita dizemos que não cremos no que Ele disse, e que Ele vai falhar naquilo que prometeu para conosco. Mesmo quando Deus nos “ordena” fazer prova dEle, como no caso daqueles que são dizimistas (Ml 3.10), há uma condicional “se”, ou seja, podemos fazer prova do Senhor se Ele não “abrir as janelas do céus e não derramar uma bênção tal”. Essa é a condição. Se formos fiéis a Deus, e Ele não nos abençoar, então, sim, podemos, nesse caso, fazer prova dEle. É conveniente lembrar que precisamos ter também uma vida financeira equilibrada, para não envergonhar o nome do Senhor fazendo dívidas sem necessidade e deixando de pagar nossos compromissos.

Deus não mente e não volta atrás em sua palavra, e, por Ele ser fiel, não precisamos duvidar de seu poder nem de sua presença conosco. Ele deseja de nós confiança no seu cuidado e na sua provisão. Então fica o desafio: ou nos tornamos incrédulos e murmuradores, ou passamos a crer que não precisamos colocar Deus a prova, pois Ele sempre estará conosco.

Cuidado com a Interpretação das Escrituras

Satanás provavelmente preferia ver Jesus no pináculo do Templo, atraindo a atenção das pessoas e sendo um espetáculo, e, para tal, distorceu a Palavra de Deus e a sua aplicação. Jesus preferiu a cruz, para atrair a todos nós, nos salvar, perdoar e nos conduzir a Deus para passar a eternidade com Ele, e, para isso, resistiu à

investida maligna porque conhecia a Palavra de Deus e a utilizou de forma correta.

Interpretar de forma errada as Escrituras pode ter implicações sérias para a vida dos cristãos. Satanás tentou Jesus a agir por conta própria, interpretando a Palavra sem respeitar o seu devido contexto, conduzindo, possivelmente, a uma ação não orientada por Deus. Sem a orientação de Deus, Jesus poderia ter colocado a sua vida em risco, e atrair pessoas a um espetáculo, e não para a mensagem do evangelho. Que isso nos sirva de lição: respeitemos as regras de interpretação das Escrituras, e não ajamos de forma imprudente, imaginando que Deus irá chancelar todas as nossas ações.

CONCLUSÃO

Satanás não deixa de produzir falsas doutrinas induzindo pessoas a interpretar de forma errada a Palavra de Deus, e por meio desses desvios, induz essas mesmas pessoas a praticar coisas que Deus não ordenou que fizessem.

> A segunda tentação é bem mais sutil. Dessa vez, Satanás também usa a Palavra de Deus. “Quer dizer que você pretende viver pelas Escrituras?”, insinua. “Então, permita-me citar um versículo da Palavra para ver se você lhe obedece!” Assim, Satanás o colocou no pináculo do templo, cerca de cento e cinquenta metros acima do vale de Cedrom, e citou o Salmo 91:11,12, em que Deus promete cuidar dos seus. “Se crê nas Escrituras, pule! Vamos ver se o Pai está mesmo cuidando de sua vida!” É importante observar com atenção a resposta de Jesus: “TAMBÉM está escrito” (Mt 4:7, ênfase do autor). Nunca devemos separar uma passagem do resto das Escrituras; antes, é preciso sempre “[conferir] coisas espirituais com

espirituais” (1 Co 2:13). Podemos usar a Bíblia para provar praticamente qualquer coisa, se isolarmos os textos de seu contexto, transformando-os em pretextos. Ao citar o Salmo 91, Satanás havia omitido astutamente as palavras “em todos os teus caminhos”. O filho de Deus, que está dentro da vontade de Deus, desfruta a proteção do Pai. Ele cuida daqueles que estão andando nos “[seus] caminhos”. Jesus refuta o inimigo com Deuteronômio 6:16: “Não tentarás o Senhor, teu Deus”. Tentamos o Senhor quando nos colocamos em situações que o obrigam a intervir de modo miraculoso em nosso favor. O diabético que se recusa a tomar insulina e diz que Jesus cuidará dele está tentando o Senhor. Tentamos Deus quando procuramos fazê-lo cair em contradição com sua Palavra. É essencial que cada cristão leia todas as Escrituras e estude tudo o que Deus tem a dizer, pois tudo o que se encontra na Bíblia é proveitoso para nossa vida (2 Tm 3:16, 17). (WIERSBE, 2017b, p. 20)

Capítulo 11

ANTECIPANDO OS PLANOS DE DEUS

Jamais podemos antecipar o que Deus tem para nós, nem negociar a nossa adoração e serviço a Deus.

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – A GLÓRIA DESTE MUNDO

- Mudando o Cenário
- O que Satanás Tem a Oferecer
- O que Satanás Pede a Jesus

II – NÃO ANTECIPE O QUE DEUS TEM PARA VOCÊ

- Deus não se Utiliza dos Caminhos de Satanás
- O Mundo que Jesus Veio para Salvar
- Submissão a Deus

III – A QUEM DEVEMOS ADORAR

- O Povo no Deserto
- Esquecimento e Ingratidão

- Adoração e Serviço a Deus

CONCLUSÃO

Introdução

Ao iniciar a última tentação direta contra o Senhor Jesus, Satanás tenta motivar o Messias a antecipar o que Deus já havia reservado para Ele: Ser herdeiro de todas as coisas. A cruz, pela proposta de Satanás, seria dispensável e desnecessária. Jesus poderia ter os reinos do mundo por um simples ato de se ajoelhar diante do tentador.

Mas trilhar um caminho mais curto para receber o que Deus tem para nós pode custar a nossa comunhão com o Senhor e o plano dEle para cada um de nós. O preço da antecipação do que vamos receber do Senhor é alto e muito caro, e pode envolver concessões para Satanás atuar em nossas vidas ou atrapalhar os projetos de Deus em nós. Há um caminho a ser trilhado para que recebamos do Eterno o que Ele tem reservado para nós, e tomar atalhos sempre será um desvio do caminho que nos foi proposto.

I – A GLÓRIA DESTE MUNDO

Mudando o Cenário

Ao ser derrotado por Jesus na segunda tentação, Satanás transporta o Senhor para outro lugar. Na primeira tentação, Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, onde depois foi tentado. Na segunda tentação, Satanás se encarrega de tirar Jesus do deserto e lhe oferece a oportunidade de ser um espetáculo, desafiando a Palavra de Deus e se lançando da parte mais alta do santuário hebreu. Nessa terceira tentação, o Senhor é levado para um monte muito alto.

É notório que o Espírito conduz Jesus a um lugar de retiro, para meditação e oração, elementos necessários a um ministério, e que Satanás transporta o Senhor para lugares onde Ele teria notoriedade ou receberia a atenção ou o poder deste mundo. Deus não desejava para Jesus um ostracismo, e, no devido tempo, o Messias seria visto pelo povo em seu ministério. Não é errado adquirir notoriedade e ser destacado ou honrado, mas quando essas situações ocorrem da parte de Satanás, é algo perigoso. É preciso ter cuidado e discernimento para que não nos vejamos em lugares “altos”, imaginando que quem nos colocou lá foi Deus. O Senhor pode nos exaltar e nos honrar, mas somente quando formos maduros o suficiente para dar-lhe a devida glória pelo que Ele opera por nosso intermédio.

O que Satanás Tem a Oferecer

Satanás não se aproxima de Jesus sem que tenha algo a oferecer. Ele oferece a Jesus uma visão de todas as grandiosidades que o mundo possui, mas sem mostrar as suas mazelas e pecados. Foram mostrados ao Senhor todos os reinos do mundo e a glória deles, ou seja, tudo o que eles tinham e que seria possível de encher o coração humano.

Tem sido alvo de discussões se o que Jesus contemplou foi uma visão ou se Ele realmente foi levado a um local onde contemplou todas as coisas que viu. Jesus foi a fonte das narrativas da tentação, desde a mais sintética, descrita por Marcos, quanto das mais completas, como Mateus e Lucas. Ele esteve sozinho sendo tentado, e nenhum outro ser humano presenciou os acontecimentos tratados pelos evangelistas. Portanto, a fonte primária nos leva a crer no que foi escrito, como foi escrito.

Lucas realça em seu Evangelho que Satanás disse: “Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero” (Lc 4.6). Mateus não registra esses dizeres, mas isso não diminui a força da sua narrativa, pois a tentação permanece no mesmo ímpeto: fazer com que Jesus se curve para render adoração a uma criatura, desviando-se da adoração devida ao Criador. Pensemos na cena: a criatura tentando fazer com que o Criador se curvasse diante dela...

Entendemos que Satanás usurpou a criação e impregnou o mundo com a maldade e o pecado, se apropriando de algo que não

era dele. Salmos 115.16 diz que “Os céus são os céus do Senhor; mas a terra, deu-a ele aos filhos dos homens”. Os filhos dos homens se deixaram levar pelas mentiras de Satanás e ele se aproveitou para implantar neste mundo toda a sua maldade. “[...] o mundo inteiro jaz no Maligno” (1 Jo 5.19, ARA), e ele tenta há séculos seduzir os homens com benesses terrenas, tirando-lhes o foco da eternidade.

> Já se perguntou se Satanás era de fato o possuidor de todas essas coisas, e se de fato estava ele no controle de todas elas, a ponto de poder ele oferecê-las a quem bem o desejasse. Às vezes, essa pergunta é respondida na afirmativa, apelando-se para Efésios 2.2, onde Satanás é caracterizado como “o príncipe da potestade do ar”; Ef 6.12, que fala de “as forças espirituais do mal nas regiões celestiais”; 1 Jo 5.19, que afirma que “o mundo todo está posto em (o poder de) o maligno”; e ainda Lucas 4.6, onde o grande adversário se auto-apresenta como o proprietário legal e governante de tudo. Esses intérpretes se apoiam no fato de que Jesus, em sua resposta (Mt 4.10), não disputou, de modo específico, a reivindicação de Satanás.
>
> Satanás está disposto a ceder seu domínio, sua poderosa influência, esses reinos juntamente com todas as suas gloriosas riquezas, para que Jesus os possuísse e os controlasse; isso, pelo menos, é o que ele disse. Ele fará isso com uma única condição: que “te prostres diante de mim e me adores”. O Messias não precisa, de forma alguma, sofrer: nem coroa de espinhos, nem ignomínia, nem cruz. A resposta vem como uma flecha: “Vai-te, Satanás, porque está escrito: ‘Ao Senhor teu Deus adorarás, e somente a ele servirás’”. (HENDRIKSEN, 2001, p. 326, 330)

O que Satanás Pede a Jesus

Com certeza, a visão que Satanás mostrou devia ser muito instigante, e um pequeno gesto de adoração seria suficiente para o Inimigo conseguir o que desejava. A busca dessa adoração humana

é um combustível para a vaidade satânica. Ele oferece algo em que os homens se interessam e os fisga como peixes em um anzol.

Satanás não pede a Jesus que deixe de adorar a Deus. Ele não exige uma adoração integral, o tempo todo. Ele pede que Jesus, ao menos naquele momento, se prostre e o adore. Era somente um simples movimento corporal, mas que indicaria muita coisa. Se pensarmos que nossos gestos costumam demonstrar o nosso estado de espírito, ajoelhar-se diante do Diabo seria uma adoração.

O Inimigo continua desejando a adoração de todos, principalmente dos servos de Deus. Para ele, uma adoração dividida já surte o efeito desejado, pois sabe que um coração dividido vai tentar agradar a dois senhores, e isso Deus não aceita.

Satanás não se contenta em ver as pessoas adorando a Deus; ele quer destruí-las por não adorarem a ele: “[...] se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora” (2 Ts 2.4), e busca se parecer com o Senhor para receber a adoração devida somente ao Eterno. Seu objetivo é confundir aqueles que buscam a Deus, de tal forma que venham a abrir mão de alguns valores para receberem o que precisam. Ele sabe que buscar o Senhor com um coração dividido vai contra a orientação do próprio Deus:

> Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais. Então, me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. E buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração. E serei achado de vós, diz o Senhor, e farei voltar os vossos cativos, e congregar-vos-ei de

> todas as nações e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o Senhor, e tornarei a trazer-vos ao lugar de onde vos transportei. (Jr 29.11-14)

Ao falar acerca dos cativos da Babilônia, o profeta mostra que o povo de Deus só o acharia quando o buscasse de todo o coração. Não com uma atitude parcial, mas com inteireza.

> Se tivesse se prostrado e adorado Satanás apenas uma vez (essa é a ênfase do verbo grego), teria desfrutado toda a glória sem qualquer sofrimento. Satanás sempre quis receber adoração, pois sempre quis ser Deus (Is 14:12-14). Adorar a criatura em lugar do Criador é a mentira que governa nosso mundo nos dias de hoje (Rm 1:24, 25). Não existem atalhos para a vontade de Deus. Se desejamos participar da glória, devemos participar antes do sofrimento (1 Pe 5:10). Como príncipe deste mundo, Satanás tinha autoridade para oferecer esses reinos para Cristo (Jo 12:31; 14:30), mas Jesus não aceitou a oferta. O Pai já havia prometido o reino a seu Filho! “Pede-me, e eu te darei as nações por herança” (SI 2:8). Encontramos a mesma promessa no Salmo 22:22-31, o salmo da cruz. Jesus o refuta com Deuteronômio 6:13: “O Senhor, teu Deus, temerás, a ele servirás”. Satanás não havia dito nada sobre prestar culto, mas Jesus sabia que toda adoração implica servidão. Adoração e serviço andam juntos. (WIERSBE, 2017b, p. 21)

II – NÃO ANTECIPE O QUE DEUS TEM PARA VOCÊ

Deus não se Utiliza dos Caminhos de Satanás

Enquanto Satanás tenta seduzir os homens mostrando o que eles podem usufruir temporariamente, sem dizer-lhes o que os aguarda na eternidade, Deus mostra o que está reservado aos que andam em seus próprios caminhos e seguem as propostas do Diabo. Satanás se vale da sedução e do engano, atraindo incautos para

que consumam seus pecados. Ele age oferecendo a tentação, e depois age como acusador, se a pessoa cair em pecado.

Deus se utiliza da verdade, pois Ele é verdadeiro. O Senhor tem compromisso com a sua criação, pois ela existe por um ato de amor. Satanás não tem compromisso com a humanidade, pois esta não foi fruto de sua criação. Ele não somente rouba, mata e destrói, como também leva os homens por caminhos tortuosos.

> Satanás sabia que Jesus viera à terra para estabelecer o reino de Deus, isto é, exercer poder sobre todos os reinos do mundo. Então, ele levou Jesus a um monte muito alto, real ou imaginário, e mostrou-lhe todos os reinos do mundo (4:8). Satanás prometeu entregar todos esses reinos a Jesus se ele, prostrado, o adorasse. Jesus, na verdade, alcançaria esse propósito, mas seria por meio da cruz. Esse caminho causaria muito sofrimento a ele e aos seus discípulos, mas no fim o mundo inteiro reconheceria que ele é o Senhor (Fp 2:10-11; Ap 20:11—21:4). Satanás quis tornar o processo mais fácil, eliminando a cruz e o sofrimento. Jesus alcançaria o poder político sem experimentar o julgamento, a humilhação e a morte pelas mãos daqueles que ele mesmo criou. Talvez Satanás não estivesse mentindo quando disse que tinha poder para entregar todos os reinos do mundo a Jesus, pois algumas passagens da Bíblia indicam que ele tem poder na esfera política — apenas na esfera política e por tempo limitado (Lc 4:6; Jo 12:31; 2Co 4:4). Se tivesse concordado com a sugestão de Satanás, Jesus estaria aceitando a idolatria e colocando Satanás como líder logo abaixo de Deus (4:10). Além disso, a vitória de Jesus seria superficial e não resolveria o problema do pecado humano, pois a única solução era pela cruz. Quando a tentação terminou, os anjos vieram servir a Jesus. Saciaram suas necessidades físicas (cf. 1Rs 19:5-9) e confirmaram que ele havia feito a coisa certa. Comprometer-se com Satanás em troca de ganhos temporários, embora fosse uma proposta atraente, não era um modo de cumprir o chamado de Deus. (ADEYEMO, 2004, p. 3162)

O Mundo que Jesus Veio para Salvar

Por mais que o Diabo seja apresentado na Palavra de Deus como príncipe deste mundo, seu julgamento será cumprido: “o príncipe deste mundo está julgado” (Jo 16.11). Jesus não desmente a Satanás quando este, ao mostrar os reinos e as glórias deles, diz que tem autoridade sobre eles. Ele não diz que a autoridade que o Diabo alegava ter era falsa.

Na verdade, Jesus não perde o seu tempo com discussões sobre quem detém o poder ou não. Ter ou não o poder era uma isca para a verdadeira questão: a adoração. Enquanto os homens buscam o poder, Satanás busca ser adorado. Ele oferece benesses temporárias a fim de ser venerado como uma divindade, e, assim, atende aos desejos humanos, recebe a adoração da humanidade e depois a encaminha para o inferno.

Jesus não perderia seu tempo dando argumentos a Satanás; Ele foca no que é o essencial: saber que se curvar a Satanás, ainda que por um segundo, seria um desvio total do plano da Salvação. O mundo criado é inferior ao Deus que o criou, e Satanás não iria conseguir oferecer um atalho para que Jesus completasse o plano proposto pelo Eterno desde a fundação do mundo. O Senhor passaria pela cruz, e, por meio dela, atrairia todos para Ele (Jo 12.32).

Submissão a Deus

Era preciso que Jesus mostrasse que era submisso a Deus. O poder temporal oferecido por Satanás contrastava em muito com o objetivo do verdadeiro evangelho, que era salvar o homem, e não detê-lo numa cortina falsa e temporária de poder. Em nossos dias, é possível ver grupos de cristãos divididos sobre questões políticas. Não é errado um cristão buscar servir à sociedade por meio de ações que lidem com o poder público, e muitos de nossos irmãos acham espaço para servir ao Senhor em ambientes onde podem fazer a diferença, como Daniel o fez na babilônia. Ele estava em um ambiente político, em que o poder dos homens circulava, e se manteve como um arauto de Deus naquela civilização. Entretanto, não podemos nos esquecer de que o poder político passa e, com ele, os homens que o detêm.

Satanás sempre trará algo sedutor em suas tentações. Quando passamos por uma tentação, o que nos está sendo oferecido e que vai custar a nossa comunhão e submissão a Deus? Um ministério? Um casamento? Um emprego? Um bem de consumo? Até que ponto somos impulsionados a imaginar que a fidelidade de Deus está demorando a ser manifesta em nossas vidas e que precisamos buscar outros caminhos para receber fora do tempo o que Ele nos reservou?

Satanás costumeiramente lança em nossos pensamentos a ideia de que Deus está demorando muito para nos atender ou para nos colocar em uma posição que Ele mesmo disse que estaríamos. O

Inimigo se aproveita de nossos momentos de impaciência para nos oferecer saídas mais fáceis e rápidas, fazendo com que nossas mentes questionem: para que trilhar o longo caminho de aprendizado que Deus tem nos reservado se podemos ter em um curto espaço de tempo o que levaríamos anos para receber de Deus? Bastaria somente um breve momento de concessão, de abrir mão de um de nossos princípios. Satanás tenta nos convencer de que uma pequena brecha na nossa comunhão com Deus não vai inviabilizar o que o Senhor tem para nós.

Deus sabe que a paciência é uma disciplina com a qual temos de lidar, e que nos fará estar mais próximos dEle. Deus é paciente. Sua longanimidade é conhecida na Bíblia, e Ele se utiliza dela para cumprir os seus desígnios para conosco. Há um tempo reservado para que a nossa vitória venha às nossas mãos. Depois da cruz, o mesmo Jesus recebeu do Pai, de forma completa, o que Satanás estava lhe oferecendo de forma limitada — todo o poder: “E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mt 28.18). Vale a pena aguardar o tempo em que Deus há de cumprir as suas promessas em nossas vidas.

III – A QUEM DEVEMOS ADORAR

O Povo no Deserto

Pela terceira vez, para vencer a tentação trazida pelo próprio Diabo, Jesus remonta ao passado, à experiência do povo de Israel

no deserto. Parece-nos que os relatos de Moisés foram bem contundentes para exemplificar o quanto deixamos de ser agradecidos. Moisés traz à memória deles algumas lições.

A primeira lição era que estavam entrando em uma terra para habitar em casas que eles não construíram, beberiam águas de poços que eles não haviam cavado, e usufruiriam de olivais e vinhas que não haviam plantado (Dt 6.10, 11). E qual era o problema dessa situação? Era que eles ficariam satisfeitos com tudo o que haviam obtido, seu esforço próprio, e se esquecessem do Senhor: “guarda-te e que te não esqueças do Senhor, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão. O Senhor, teu Deus, temerás, e a ele servirás, e pelo seu nome jurarás” (Dt 6.12,13). O povo de Deus não demoraria a se esquecer dessa orientação.

Esquecimento e Ingratidão

A segunda lição era que a ordem de temer e servir ao Senhor foi acompanhada de outra ordem: que os hebreus se guardassem de seguir as “divindades” que eram cultuadas em Canaã: “Não seguireis outros deuses, os deuses dos povos que houver à roda de vós” (Dt 6.14). Essas “divindades” nada fizeram em prol dos hebreus, e eles não poderiam se esquecer de que foram livres e sustentados por Deus. O esquecimento traz a ingratidão, e a ingratidão, por sua vez, é seguida de um sentimento de rebeldia. Os hebreus, com o passar do tempo, não somente se esqueceram de

Deus, mas também se tornaram ingratos diante de tantas bênçãos que receberam, e, por fim, demonstraram sua rebeldia adorando a outros deuses, o que Deus terminantemente havia proibido. Tais ações custaram aos filhos de Abraão muitas dores nos anos que se seguiram.

Adoração e Serviço a Deus

A terceira lição é que o ato de ceder a uma tentação pode selar o destino de uma pessoa. Nossa adoração e serviço devem ser exclusivos para Deus. E adoração é uma forma de vida, de quem anda conectado com Deus, e vai além do momento em que estamos entoando louvores no templo. Por mais que Satanás nos tente a fazer uma pequena concessão em nossa adoração, essa concessão será vista como uma entrega completa da nossa parte. Não há possibilidade de dizer que adoramos a Deus se nos inclinamos a Satanás para buscar benesses, poder ou autoridade deste mundo.

Jesus não abriu mão de seu chamado, ainda que lhe ofertassem atalhos. Ele permaneceu fiel a Deus, mesmo com a possibilidade de antecipar o que o Senhor lhe havia prometido. E o preço de sua fidelidade se vê em nossos dias, com milhões de pessoas que seguem a Jesus, reconhecendo nEle o único caminho que nos leva para Deus. Ele cumpriu o caminho que Deus lhe havia proposto, e derrotou a Satanás, abrindo o caminho para a nossa eterna salvação.

CONCLUSÃO

O exemplo de Jesus, ao vencer a terceira tentação, nos mostra que não precisamos antecipar o que Deus tem para nós, cedendo com pequenas concessões a Satanás. Mostra-nos que a adoração devida a Deus não é somente um momento de louvor na igreja, mas uma vida conectada com o Senhor, obedecendo a Ele, e, por fim, que podemos confiar que Deus há de cumprir suas promessas em nossas vidas, pois é grande a sua fidelidade.

Todos seremos desafiados um dia, para agir de forma precipitada, saindo do caminho proposto pelo Senhor. Lembremo-nos de que a impaciência pode nos levar ao esquecimento do que Deus tem feito por nós, e o esquecimento nos conduzirá à ingratidão e à rebeldia. Que não sejamos como os filhos de Israel, que se esqueceram do Senhor e adoraram outros deuses, mas que a nossa memória esteja sempre sendo alimentada pela Palavra de Deus, até que sejamos chamados para estar com Ele na glória.

Capítulo 12

QUANDO SATANÁS ENCHE O CORAÇÃO DO HOMEM

Não deis lugar ao diabo.

– Efésios 4.27

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – A IGREJA DEBAIXO DO ESPÍRITO SANTO

- O Mover de Deus em Jerusalém
- A União dos Irmãos
- O Exemplo de Barnabé

II – UMA OFERTA CONTAMINADA PELA MENTIRA

- O Conluio entre o Casal
- A Mentira Narrada e Confirmada
- O Julgamento de Deus

III – CUIDADO COM O CORAÇÃO

- Um Coração Enganado por Satanás
- A Oferta É uma Forma de Culto

- Não Deis Lugar ao Diabo

CONCLUSÃO

Introdução

O culto cristão é realizado de diversas formas, mas sempre contendo os elementos oração, leitura da Palavra, adoração, contribuição, e pregação e ensino das Escrituras. Um desses momentos, o da contribuição, é o que, na prática, mexe com a nossa natureza carnal “mesquinha”, de reter recursos para acumular para nós mesmos, e nos desafia para doar parte do que recebemos de Deus e participarmos da manutenção da obra do Senhor, e, assim, manter em dia não somente a manutenção do santuário e dos que servem nele, mas também abençoar outras pessoas. Todavia, nesse momento tão sagrado, também é possível ver como Satanás pode dominar corações de tal maneira que o ato de ofertar seja maculado por uma falsa modéstia, pelo mau exemplo e pela tentativa de pecar contra o Espírito Santo de Deus.

I – A IGREJA DEBAIXO DO ESPÍRITO SANTO

O Mover de Deus em Jerusalém

Quando nasce a igreja, cheia do poder de Deus, com crentes sendo batizados com o Espírito Santo, falando em línguas, almas sendo salvas e milagres sendo operados, alguns problemas aparecem. De imediato, a incredulidade e perseguições de partidos religiosos marcaram o cenário nos primeiros capítulos do livro de Atos. É evidente que nem todos foram dominados pela incredulidade, pois até os opositores do evangelho viam os milagres que somente Deus poderia fazer por meio dos apóstolos.

Houve crentes passando necessidades, mas Deus usou a própria congregação para que auxiliassem uns aos outros. Até certo partidarismo étnico favoreceu as viúvas dos hebreus em detrimento das viúvas gregas, situação que ocasionou a criação do diaconato. Esses problemas foram tratados, mas a sua existência nos mostra que nenhuma congregação está isenta de passar dificuldades. A vida em comunhão precisa ser ajustada, e o fruto do Espírito pode ser visto e exercido por todos.

Ainda com essas dificuldades, Deus agia de forma poderosa, a palavra era ministrada e os seguidores do “Caminho”, como eram chamados os discípulos de Jesus, se tornaram bem conhecidos em Jerusalém, não somente por suas ações, mas por sua pregação.

A União dos Irmãos

Uma característica descrita por Lucas sobre a Igreja Primitiva é a unidade entre os irmãos. As necessidades eram supridas, de tal

forma que “não havia, pois, entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido e o depositavam aos pés dos apóstolos” (At 4.34). Os valores trazidos eram repartidos entre os necessitados, de acordo com as carências que tinham. Mas os irmãos não estavam unidos somente em relação às necessidades uns dos outros. Eles também se reuniam para ouvir a exposição da Palavra de Deus.

Lucas narra que “perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. Em cada alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos. Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum” (At 2.42-44). A unidade desses irmãos não se resumia a simplesmente estarem juntos, mas a ouvirem os ensinos da Palavra na doutrina dos apóstolos, na Ceia e nas orações.

O clima de espiritualidade nesse período deveria ser ímpar. Os irmãos estavam ouvindo os apóstolos pregando e ensinando, e vendo esses mesmos homens de Deus realizando sinais e prodígios. A igreja em Jerusalém tinha a Palavra e o poder de Deus.

O Exemplo de Barnabé

A Palavra de Deus nos apresenta um levita de nome José, que havia nascido na Ilha de Chipre. Os levitas eram pertencentes ao

grupo de pessoas que prestavam o serviço junto com os sacerdotes no Templo.

> O sacerdócio era dividido em três grupos: (1) o sumo sacerdote, (2) os sacerdotes comuns e (3) os levitas. Todos os três descendiam de Levi. Todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes. A ordem mais baixa do sacerdócio era a dos levitas, que cuidavam do serviço do santuário. Eles tomaram o lugar dos primogênitos que pertenciam a Deus por direito (Êx 13.2,12,13; 22.29; 34.19,20; Lv 27.26; Nm 3.12,13,41,45; 8.14-17; 18.15; Dt 15.19). Os filhos de Arão, separados para o ofício especial de sacerdote, estavam acima dos levitas. Apenas eles podiam ministrar nos sacrifícios do altar. O nível mais elevado do sacerdócio era o sumo sacerdote. Ele representava fisicamente o cume da pureza do sacerdócio. Carregava os nomes de todas as tribos de Israel em seu peitoral para o interior do santuário, representando todo o povo perante Deus (Êx 28.29). Apenas ele podia entrar o santo dos santos e apenas um dia no ano, para fazer expiação pelos pecados de toda a nação. (TENNEY, 2008, p. 302)

Em o Novo Testamento, os levitas mantinham suas funções:

> Na base da hierarquia sacerdotal estavam os levitas, que eram cerca de 10 mil, também divididos em vinte e quatro turnos. Suas funções eram a música e as várias formas de serviço relacionadas ao Templo. Apesar de serem raramente mencionados pelo nome no NT (Lc 10.32 e Jo 1.19), passagens em Filo (Despee, leg. 1,156) e na Mishnah (Middoth 1,1-2) indicam que eles formavam a força policial do Templo. Portanto, eles são quase com certeza os oficiais responsáveis (Jo 7.32,45-52) pelas duas e reais tentativas de prender Jesus (18.3,12), assim como pelas prisões dos apóstolos (At 4.1; 5.17,18,22,26). (TENNEY, 2008, p. 297)

Barnabé, como também era conhecido esse levita, era um homem temente a Deus, e é destacado por Lucas, provavelmente por participar de forma ativa, nos capítulos seguintes, no auxílio do reconhecimento de Paulo. Não fosse Barnabé ser usado por Deus

para trazer Saulo à comunhão dos irmãos, após a conversão do perseguidor, e depois trazê-lo posteriormente para a Igreja em Antioquia, certamente a história de Paulo seria outra.

Barnabé é destacado por vender uma propriedade que possuía, e por trazer o valor da venda para os apóstolos, a fim de ajudar as pessoas pobres em Jerusalém. É notório que os levitas, pela Lei de Moisés, não deveriam ter propriedades entre seus irmãos, em Israel (Dt 18.1). Esse mandamento pode ter sido interpretado como um impeditivo para que os levitas tivessem propriedades na Terra Santa, mas não em outros lugares. Nessa toada, percebe-se que Barnabé vende uma propriedade, e Lucas não registra onde ficava, mas narra que o preço dessa venda foi trazido para a congregação dos santos.

II – UMA OFERTA CONTAMINADA PELA MENTIRA

O Conluio entre o Casal

Lucas mostra que um casal da igreja, Ananias e Safira, também possuía uma propriedade disponível, como se entende, para venda. Ele inicia o capítulo 5 de Atos com uma conjunção adversativa, “Mas”, mostrando uma clara diferença entre a menção feita sobre Barnabé em comparação à história que vai ser iniciada, a do casal mentiroso e fraudulento.

Da mesma forma que Barnabé, esse casal vendeu uma propriedade e trouxe um valor para os apóstolos. Parece que o exemplo de Barnabé chamou a atenção do casal para a posição de destaque que uma grande oferta poderia lhes dar junto à opinião dos irmãos. Enquanto Barnabé “trouxe o preço” do que vendera, Ananias e Safira trouxeram “parte do preço”, e, de forma combinada, acertaram entre si que diriam aos apóstolos que o resultado da venda era diferente do valor total.

> Primeiramente Lucas menciona o nome de Ananias, que é um nome judeu bastante comum em Atos e provavelmente signifique “o Senhor é gracioso”.1 Lucas registra que o nome pertence também a um cristão de Damasco, enviado por Jesus para ministrar a Saulo (9.10-17), e ao sumo sacerdote que presidiu o julgamento de Paulo em Jerusalém (22.30-23.5). O nome Safira aparece uma só vez nas Escrituras e significa “formosa”. Como seu marido, Ananias, ela tem um nome aramaico. Juntos pertencem à comunidade cristã de Jerusalém e juntos buscam louvor e admiração dos membros dessa comunidade. Entretanto, propositalmente planejam reter parte da renda provinda da venda de sua propriedade, porque não amam a Deus, mas ao dinheiro. Vendem um campo de sua propriedade, recebem o dinheiro, guardam para si parte da renda e doam o restante aos apóstolos para a distribuição entre os pobres. Lucas omite detalhes e apresenta um simples esboço do incidente. O que ele ressalta, no entanto, é a intenção. Quando Ananias se aproxima dos apóstolos e lhes entrega um saco de dinheiro como anteriormente o fizera Barnabé, a congregação, de modo audível ou silenciosamente, elogia Ananias e o coloca no mesmo nível de Barnabé. (KISTEMAKER, 2001, p. 244)

Notemos que Deus não obrigou o casal a contribuir com a obra ou a socorrer as pessoas que necessitavam. Ele espera que nossas ofertas e contribuições sejam trazidas de forma voluntária, sem imposição nem por obrigação. Barnabé trouxe, pelo que nos parece,

o preço cheio da venda de seu terreno, e o casal, parte do preço. Eles poderiam vender a propriedade e reter parte do preço, de acordo com a necessidade que tinham naquele momento. O imóvel era deles, e não precisavam mentir ou contar uma história falsa para convencerem os apóstolos de que eram pessoas generosas.

Reter parte do valor que tinham consigo não era necessariamente o problema. O mal que fizeram foi mentir aos apóstolos, transparecendo uma falsa espiritualidade.

A Mentira Narrada e Confirmada

Ao levar o dinheiro para os apóstolos, Ananias já havia acertado com sua esposa a mentira que iriam contar diante das pessoas. Observe que existe a possibilidade de um pecado ocorrer em casa e ser levado para a congregação. Um plano pensado no inferno seria levado a cabo primeiro entre a cumplicidade de um casal, e depois com a sua execução entre os santos de Deus.

Eles passariam bem aos olhos dos demais irmãos: uma doação financeira robusta atrairia olhares de admiração. Mas Deus não tolera a desonestidade, e o preço dela custou a vida de Ananias e de Safira. Entretanto, a falsa piedade tem seu preço, e o julgamento divino não deixou passar essa possibilidade. Eles tentaram, sem necessidade, iludir os apóstolos, mas foram desmascarados pelo Espírito e julgados imediatamente. O casal não contava com o fato

de que o Espírito de Deus estava vendo tudo, e revelou a Pedro a falcatrua que estava acontecendo.

O Julgamento de Deus

Por qual motivo Deus trouxe imediatamente um juízo tão incisivo para Ananias e Safira? O exemplo de Barnabé poderia ser repetido em outras ocasiões, mas o exemplo de Ananias e Safira, também. Se por um lado temos pessoas que farão suas contribuições de forma voluntária e com alegria, poderemos ter também pessoas que farão contribuições com intenções distintas. Para que não houvesse um padrão de pessoas sendo dirigidas por coisas contrárias ao que Deus havia determinado, e a igreja não fosse contaminada por esse tipo de atitude, o Senhor imediatamente julgou os cônjuges de forma pública: o marido foi julgado primeiro, pois além de ter tido a ideia, foi ele a pessoa que levou a oferta e deu início à mentira. A seguir, a esposa foi julgada por confirmar a mentira contada pelo marido.

Deus tratou com o casal de forma radical. Pedro, cheio do Espírito e somente por revelação divina, pergunta a Ananias por que Satanás havia enchido o seu coração para pecar contra o Espírito. E apesar de Satanás ter enchido o coração de Ananias e Safira, Deus não os considerou inocentes, pois foram eles que deram cabo à mentira. Eles eram responsáveis pelas suas ações.

Todos somos responsáveis por nos guardar de ser influenciados pelo Maligno. Deus sabe que Satanás age para nos tentar, mas Ele

também nos responsabiliza se cedermos à tentação, como também recompensa a nossa fidelidade para com Ele. Não há meio termo nesse aspecto. O exemplo de Ananias e Safira contaminava o exemplo de Barnabé, e Deus não poderia deixar impune quem deseja aproveitar o momento do culto para se sobressair de maneira diabólica. Foi Satanás que encheu o coração do casal, e eles dariam conta de sua falta de vigilância. Lembremo-nos de que o plano de enganar os apóstolos e a igreja não nasceu no santuário, mas em um lar de duas pessoas, como se entende, que eram, ou deveriam ser, pessoas tementes a Deus.

III – CUIDADO COM O CORAÇÃO

Um Coração Enganado por Satanás

O pai da mentira continua a realizar seus feitos, ora mentindo para os seres humanos, ora motivando-os a tentar mentir contra Deus. Quando pecamos, e não confessamos nossos pecados, incorremos em um grave erro: “Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós” (1 Jo 1.10). Deus é verdadeiro, e não tolera a mentira em lugar algum, ainda mais no ambiente dos santos.

Satanás pode adentrar o coração até daqueles que estão entre os santos, motivando-os a pecar de forma diferente das formas que os que não são servos de Deus habitualmente se deixam levar. Para os que temem a Deus, o Inimigo tentará fazer, como fez com

Ananias e Safira, uma forma de falsidade em diversos prismas. Alguns doarão grandes somas de dinheiro na busca de sentirem-se aliviados de seus pecados cometidos, em vez de buscarem o perdão de Deus e se consagrarem mais. Outros serão seduzidos pelo Maligno para que entrem em guerras desnecessárias com outros irmãos, de forma pública, usando a “glória de Deus” como uma bandeira pela qual estão lutando, quando, na verdade, estão nutrindo seus egos e trazendo vergonha para a Casa de Deus. Satanás sabe quais são os pontos fracos de cada um, e investirá nisso. Isso sem contar aqueles que, sob a desculpa de que possuem um chamado, se rebelam contra a sua liderança e fazem o possível para dividir um trabalho para o qual não foram chamados.

É preciso que estejamos atentos para que não abriguemos o pecado em nosso coração: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida” (Pv 4.23). Da mesma forma que do coração procedem as saídas da vida, ele também pode ser cheio de coisas que Deus abomina, e por isso a advertência de Provérbios é necessária.

A Oferta É uma Forma de Culto

O exemplo de Barnabé, e não o de Ananias e Safira, deve nos motivar a ser constantes contribuintes com a obra de Deus. Ele não depende das nossas contribuições, pois é Ele que nos concede os recursos que depois usaremos para abençoar a sua obra. Mas cabe

dizer que a nossa contribuição precisa ser de boa vontade, “porque Deus ama ao que dá com alegria” (2 Co 9.7). Deus não deseja que contribuamos com murmurações, mas com um coração disposto a participar do Reino.

A oferta deve ser também de acordo com a nossa prosperidade (1 Co 16.2). E não precisamos ficar preocupados com a providência, pois o Eterno nos dá tanto o pão quanto a semente: “Ora, aquele que dá a semente ao que semeia e pão para comer também multiplicará a vossa sementeira e aumentará os frutos da vossa justiça” (2 Co 9.10). Não podemos comer a semente e semear o pão. Cada item tem seu devido lugar, e isso precisa ser respeitado.

> Como Paulo informa aos crentes de Corinto, “Deus ama a quem dá com alegria” (2Co 9.7). Quer dizer, Deus se alegra quando um crente dá de coração. Ele deseja que seus filhos deem generosamente, sem compulsão. Alguns anos atrás, participei de um culto durante o qual os diáconos passaram os recipientes do ofertório. Uma mulher, sentada diretamente na minha frente, recebeu o recipiente do diácono e então, gentilmente, pediu que ele trocasse uma nota que ela tinha na mão. Depois de ele ter feito isso, ela depositou no recipiente a quantia que desejava doar e guardou o restante. Ela era certamente alguém que deu com alegria, contribuindo com o montante que havia decidido no seu coração. De semelhante modo, Ananias poderia ter retido parte do total para si quando vendeu seu terreno. Mas porque ele tentou enganar a Deus, Pedro teve de fazer-lhe perguntas adicionais. (KISTEMAKER, 2001, p. 246)

Não Deis Lugar ao Diabo

“Não deis lugar ao diabo. Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade” (Ef 4.27,28). Deus não

somente nos adverte a que estejamos atentos para não perder o espaço reservado ao Santo Espírito, e esse espaço ser ocupado por Satanás, mas também nos orienta a que nos ocupemos com aquilo que é justo. É preciso fazer a obra completa: ocupar nossas mentes e corações com a Palavra de Deus, nos sujeitando ao Espírito.

Lucas nos mostra que partiu de Ananias a ideia de reter parte do dinheiro que seria levado para os apóstolos: “e reteve parte do preço, sabendo-o também sua mulher” (At 5.2). Safira poderia ter admoestado seu esposo a não agir de forma fraudulenta, mas parece que o casal estava unido pelos laços da falta de caráter. É possível que, se ela houvesse admoestado seu esposo, ambos não entrassem na história sagrada como um mau exemplo.

Cabe ainda uma última observação de Hendriksen:

> Dois pontos na narrativa da morte de Ananias e Safira demandam discussão. Em primeiro lugar, por que Pedro não concedeu a Ananias a oportunidade de se arrepender? Quando Pedro confrontou Simão, o mágico, que lhe ofereceu dinheiro para comprar o poder do Espírito Santo, ele ordenou que se arrependesse (8.22; comparar também com 2.38). Aventuramo-nos a dizer que Ananias era um judeu que desde cedo conhecia as Escrituras e mais tarde na vida chegou ao conhecimento da verdade ao ser batizado em nome de Jesus. Simão, por outro lado, vivia em escuridão espiritual praticando feitiçaria. Foi batizado porque creu (8.13), mesmo que sua fé não fosse genuína. Quando quis comprar o poder do Espírito, Pedro o repreendeu e o chamou ao arrependimento para livrá-lo das garras de Satanás. Tanto Ananias quanto Safira mentiram ao Espírito Santo (vs.3,4) e concordaram em testar o Espírito de Deus (v.9). Apesar de não terem blasfemado contra o Espírito, deliberadamente colocaram-no à prova. Assim como os israelitas que puseram Deus à prova morreram no deserto, assim também Ananias e sua mulher morreram. O escritor da Epístola aos Hebreus, comentando acerca da morte de um blasfemo,

> pergunta: “De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da Graça?” (10.29). E ele conclui: “terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (v. 31). Ananias e Safira insultaram o Espírito Santo, mentiram-lhe, puseram-no à prova. Consequentemente, pereceram. (KISTEMAKER, 2001, p. 249)

CONCLUSÃO

Deus espera que ajamos com sinceridade e autenticidade em todos os momentos. Satanás pode motivar mentiras e outros pecados mesmo em pessoas que já conhecem o Senhor e vivem em ambientes de milagres. Por isso, é necessário que guardemos os nossos corações para não ser enganados nem tentar enganar outras pessoas na obra de Deus.

Capítulo 13

DEUS PROVÊ O ESCAPE

Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis; antes, com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.

ESBOÇO DO CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

I – O EXEMPLO DO POVO DE DEUS NO DESERTO

- O Ambiente dos Coríntios
- Um Povo de Difícil Trato
- A Tentação É Humana
- Deus É Fiel

II – O QUE DEUS PROVÊ PARA NOSSA VITÓRIA

- Aprenda a Ser Guiado pelo Espírito
- Habite em vós a Palavra de Deus
- Confie na Providência de Deus

III – O ESCAPE

- Não Subestime o Inimigo

- Evite Ficar Sozinho
- Esteja Vigilante

CONCLUSÃO

Introdução

Após passar por diversos exemplos de tentações na Palavra de Deus, vimos que as tentações são reais para todas as pessoas e que elas conduzem essas mesmas pessoas a destinos que as afastam de Deus. Mas que elementos a Palavra nos aponta para que resistamos às tentações?

Neste capítulo, veremos as orientações paulinas aos irmãos coríntios, que viviam em uma sociedade extremamente pecaminosa e que precisavam entender de que forma poderiam se resguardar do pecado. As orientações permanecem atuais, de tal forma que podem ser aplicadas às nossas vidas.

I – O EXEMPLO DO POVO DE DEUS NO DESERTO

O Ambiente dos Coríntios

A Carta de Paulo aos Coríntios traz diversas orientações acerca da vivência e dos problemas pelos quais os membros daquela igreja

local estavam passando. É preciso lembrar que diversas situações pelas quais nossos irmãos passaram não estão distantes dos problemas que passamos hoje, ainda que em outras tonalidades.

> Paulo foi a Corinto por volta de 50 d.C.[7] para iniciar uma campanha missionária de 18 meses nas casas. Ele se encontrava em um próspero centro comercial. Tanto o tráfego por terra quanto pelo mar convergiam para Corinto. A cidade foi construída sobre um estreito desfiladeiro de terra que unia o norte e o sul da Grécia (veja o mapa 1). Todo o tráfego do norte para o sul era afunilado através de uma estreita faixa de terra dominada por Corinto. Além disso, Corinto tinha instalações portuárias naturais e uma localização estratégica que a tornou um próspero centro de navegação. A maior parte do tráfego norte-sul vinha para a cidade para economizar tempo, ou para evitar uma viagem longa e perigosa perto das águas traiçoeiras do sul da Grécia. A carga podia ser carregada, arrastada através dos seis quilômetros e meio do estreito desfiladeiro de terra, recarregada, e enviada em um tempo muito mais curto do que viajar por várias centenas de quilômetros perto do pico sul da Grécia. Cerca de 200 anos antes de Paulo chegar a Corinto, um general romano chamado Lúcio Múmio havia pilhado e saqueado a cidade em 146 a.C. Em 46 a.C., Júlio César reconstruiu como um posto militar avançado e como um centro comercial do império. A cidade atraía negociantes, vagabundos, caçadores de dotes e os que buscavam prazer. Um escritor descreve a população nas seguintes palavras: A gentalha do mundo estava lá... Canalhas que achavam a vida desconfortável em suas próprias cidades se dirigiam a Corinto. O porto agitado era notoriamente mais imoral do que qualquer outro no Império Romano; e esta tendência foi estimulada por causa do templo de Vênus (Afrodite), a deusa sensual grega que ainda dominava a nova cidade romana.
>
> A depravação de Corinto era tão notória que o nome da cidade “tinha na verdade passado a fazer parte do vocabulário da língua grega; e a própria palavra ‘corintianizar’ significava ‘agir de forma leviana’. Hoje, exceto por sete colunas dóricas que ainda estão de pé, e algumas ruínas de alvenaria espalhadas, não há nada (além de entulho) que tenha restado desta cidade que fora tão orgulhosa. Ela possui um memorial perpétuo nas cartas que o Apóstolo Paulo lhe escreveu.
>
> Nos três anos que se passaram desde que Paulo deixara Corinto, os membros da igreja não se desenvolveram bem, em termos espirituais. O apóstolo havia escrito uma carta para a igreja anteriormente; em 1 Co 5.9

ele escreve: “Já por carta vos tenho escrito que não vos associeis com os que se prostituem”. Aparentemente a carta original, chamada pelos estudiosos de “A Carta Anterior”, se perdeu. Paulo recebeu a informação de que a situação em Corinto estava piorando. Ele mencionou várias fontes de informação.

A importância de 1 Coríntios esteve muito em foco na segunda metade do século XX. Paulo tratou de vários problemas que tornam a carta relevante para os nossos dias. O primeiro desses problemas é que ele estava lidando com uma igreja em uma cultura secular e urbana. Deissmann escreve: “As cidades cosmopolitas eram a sua esfera especial de trabalho. Paulo, um homem urbano, evangelizou nas grandes cidades”. Um outro escritor diz: “... Diferentemente do caráter rural de boa parte do protestantismo contemporâneo, a igreja do Novo Testamento era urbana”. (GREATHOUSE, 2006, p. 235, 236, 238, 239)

Um Povo de Difícil Trato

Quando Paulo trata da tentação, escrevendo aos coríntios, ele começa lembrando aos leitores sobre os hebreus, que, no deserto, após a libertação do cativeiro egípcio, foram sustentados por Deus, mas o Eterno não se agradou deles. Eles foram idólatras, seguindo outros deuses. Aproveitaram-se da idolatria e também se prostituíram. Tentaram a Deus no deserto também com suas murmurações, questionando a presença do Senhor entre eles, e tudo isso contribuiu para que eles trouxessem desgosto para Deus.

Da mesma forma que agradamos a Deus com nossas ações, também o desagradamos com nossa falta de fé, ingratidão e esquecimento das bênçãos que já recebemos dEle. Deus não deixou de amar os israelitas, mas por diversas vezes precisou exercer os seus juízos para que eles aprendessem como deveriam se comportar.

> Deus “não se agradou” dos israelitas (v. 5). Nessa frase, ele usa a mesma palavra grega traduzida por “desqualificado” (9:27). Eles foram desaprovados, morreram por causa do pecado. Eles se entregaram ao desejo (Nm 11:34), adoraram ídolos (Êx 32:1-14), se prostituíram (Nm 25:1-9), provocaram Deus de forma deliberada ao testar a paciência dele (Nm 21:4-9) e murmuraram (Nm 16:41-50). Que lista de pecados! Embora tenham sido libertados do Egito de forma magnífica, ainda pecaram, e Deus teve de julgá-los. Privilégios espirituais não representam licença para pecar. Ao contrário, eles nos trazem uma responsabilidade ainda maior de obedecer e de glorificar a Deus. (No versículo 8, observe que Paulo diz que 23 mil pessoas foram mortas, e Números 25:9 registra 24 mil mortes. Todavia, Paulo está contabilizando os que morreram em apenas um dia, enquanto Moisés registra o número total de mortos, o que deixa óbvio que alguns morreram depois.) (WIERSBE, 2017b, p. 486)

A Tentação É Humana

Paulo comenta que o povo bebeu de uma bebida espiritual de uma pedra espiritual, e essa pedra era Cristo. Ainda assim, eles foram tentados e pecaram contra Deus. A tentação ocorre no coração e na mente de pessoas de carne e osso. Ela não acontece em objetos ou bens, mesmo que esses sejam usados para potencializar a tentação. Ela pode ser impulsionada pela própria pessoa ou motivada por Satanás, mas a sua prática sempre será humana.

Deus É Fiel

Mesmo falando que a tentação é humana, Paulo prossegue seu pensamento dizendo que Deus é fiel. A fidelidade do Eterno não varia de acordo com o tempo ou o espaço. E, por ser fiel, Deus não

nos deixa à própria sorte, para ser envolvidos pela tentação. Somos informados de que o escape do Senhor está ao nosso alcance.

Pode ser que o escape providencial de Deus se refira ao cristão ter consciência de que tem determinadas fraquezas e que precisa ser vigilante para com essas situações, ou mesmo se afastar de algumas pessoas e abandonar certos hábitos. Como filhos e filhas de Deus, cabe a nós atender às orientações do Espírito a fim de não pecarmos contra o Eterno.

Em sua soberania e fidelidade, Ele nos orienta a:

a) fugir da idolatria (1 Co 10.7). A idolatria tenta preencher nossos corações ocupando um espaço que é reservado somente para Deus, e, para isso, é necessário abrigar outros deuses em nossos corações.

b) não nos prostituirmos (1 Co 10.8). A prostituição, como quaisquer outras práticas sexuais condenadas nas Escrituras, desvirtua a bênção que Deus planejou para a satisfação mútua entre um homem e uma mulher, além de ser uma representação da infidelidade de Israel para com Deus.

c) não tentarmos a Cristo (1 Co 10.9). Tentar a Cristo implica se colocar debaixo de um grave julgamento, como aconteceu com o povo, que, por estar angustiado, em vez de se humilhar e buscar ao Senhor, reclamou de Moisés e de Deus.

d) não dar lugar à murmuração (1 Co 10.11). Por mais que o ato de “murmurar” possa trazer a ideia de “falar baixo”, “entre os dentes”, é um ato que mostra o estado de espírito de uma pessoa que abriga em seu coração uma insatisfação, ira e até rebelião.

Devemos concluir que, por Deus ser fiel, por nos permitir chegar até Ele, e por nos conceder graça e ajuda quando necessário, o ato de ceder à tentação se torna ainda mais digno de julgamento, pois, apesar de Deus prover o escape, cabe a nós estar atentos para não desprezar os conselhos divinos e resistir à tentação. Toda concessão da parte de Deus exige a devida retribuição humana.

II – O QUE DEUS PROVÊ PARA NOSSA VITÓRIA

Aprenda a Ser Guiado pelo Espírito

O Senhor Jesus foi guiado pelo Espírito em todo o seu ministério terreno e, ao concluir o seu sacrifício, ressuscitar e voltar para os céus, prometeu que não nos deixaria sós. Ele enviou o seu Espírito Santo, o Consolador, aquEle que habita em nós. Por meio de sua presença, da comunhão que temos com Ele, podemos ser guiados pelo seu Espírito a cada dia, evitando situações que podem nos conduzir a tentações desnecessárias.

Habite em vós a Palavra de Deus

Deus proveu todas as informações de que precisamos em sua Palavra. Foi por ela que o Senhor venceu a Satanás, e por meio dela somos ensinados a ser guiados pelo Espírito, a nos sujeitarmos a Deus e a resistir a Satanás. A Palavra de Deus habitou ricamente em Jesus e nos apóstolos, e hoje temos a revelação escriturística em sua integridade e completude para nos orientar. É a Palavra de Deus, viva em nós, que faz a diferença.

Lembre-se de que Jesus se utilizou da Palavra para confrontar Satanás e vencer cada tentação à qual foi exposto. O conhecimento e a prática da Palavra sempre fazem a diferença em nossas vidas.

Confie na Providência de Deus

Deus jamais deixou se ser o provedor das nossas necessidades. Satanás tenta iludir as pessoas para que se antecipem e tomem caminhos que demonstrem independência de Deus. Jesus nos mostrou que Deus proveu alimentos, água e preservação para milhões de hebreus no deserto, e por quarenta anos, de tal forma que esse foi o exemplo da fidelidade de Deus no tocante àquilo que nos faz falta. Podemos confiar que nossas necessidades serão supridas em glória por Cristo Jesus (Fp 4.19).

III – O ESCAPE

Não Subestime o Inimigo

Satanás não pode ser considerado um inimigo ineficaz. Ele foi derrotado na cruz, e todo o poder pertence ao Senhor Jesus. Ainda assim, o Tentador permanece em atividade, não querendo ser identificado em suas ações. O apóstolo Pedro comenta: “Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar” (1 Pe 5.8). Ele se aproveita das nossas propensões, fraquezas, necessidades, e faz o possível para nos levar a pecar e ficar longe da presença de Deus. O mesmo apóstolo Pedro fala, acerca de Satanás, que devemos resistir: “ao qual resisti firmes na fé, sabendo que as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo” (1 Pe 5.9). Cabe a nós resistir às suas investidas, nos sujeitando a Deus (Tg 4.7). Portanto, não subestime o Inimigo.

Evite Ficar Sozinho

Muitas tentações nos assaltam quando estamos sozinhos. Quando nos afastamos de pessoas que podem nos abençoar com a sua comunhão, com conselhos, ficamos à mercê de ser assaltados por maus pensamentos e a solidão pode se tornar um fator para a tentação. Por isso a Palavra de Deus nos diz: “Busca seu próprio desejo aquele que se separa; ele insurge-se contra a verdadeira sabedoria” (Pv 18.1). Não é correto um cristão se afastar da comunhão dos santos por qualquer tipo de desavença. Se essas

existirem, devem ser sanadas. A comunhão entre os filhos de Deus jamais deve ser desprezada.

Naturalmente, é preciso que aprendamos a ficar sós, quando necessário, porém jamais buscar o afastamento de pessoas que podem nos abençoar com sua sabedoria e presença. O próprio Senhor Jesus, por ocasião da proximidade de sua morte, buscou estar com seus discípulos, tanto na Ceia quanto no jardim.

Esteja Vigilante

A vigilância é essencial para que sejamos vitoriosos quando tentados. Podemos ser pessoas dedicadas à oração, mas se não compreendermos o valor da vigilância, deixaremos a desejar na esfera espiritual, pois cederemos à tentação se orarmos muito e vigiarmos pouco. Orar e vigiar na mesma medida é necessário e saudável.

Por ocasião da última Ceia, quando Jesus foi ao jardim e sentiu a angústia da morte, viu seus discípulos dormindo.

> E, voltando para os seus discípulos, achou-os adormecidos; e disse a Pedro: Então, nem uma hora pudeste vigiar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca. (Mt 26.40,41)

Vigilância e oração precisam andar juntas, pois a carne, a parte de nós que tenta buscar satisfação naquilo que desagrada a Deus, sempre buscará ceder à tentação.

Também vale a observação de que precisamos ser confiantes em Deus, mas cautelosos com nós mesmos.

> O AT não é simplesmente uma história de acontecimentos seculares. Ele contém a revelação do relacionamento de Deus com os homens. Dessa forma, sua história é usada para mostrar um padrão de comportamento a ser imitado ou evitado. O exemplo de Israel foi escrito para aviso nosso (11). A palavra aviso significa “colocar na mente” ou “instruir pela palavra”. Em 2 Timóteo 3.16-17 existe a ideia de uma repreensão ou correção. Para quem já são chegados os fins dos séculos significa para aquele que vive na última era do tempo, a dispensação cristã.
>
> A sua aplicação é clara e direta. Aqueles que eram excessivamente confiantes e egoístas entre os coríntios foram advertidos de que, no exato momento em que se sentissem mais seguros, poderiam cair (12). O exemplo de estar de pé e de cair representa um estado de fidelidade e um estado de desobediência. “A queda dos outros deve nos deixar mais cautelosos a nosso próprio respeito.”
>
> Paulo ameniza a severidade das suas palavras ao garantir que a tentação peculiar dos coríntios é humana (13). Nada de novo havia acontecido aos coríntios; todos os homens experimentam tentações. Portanto, se eles pecarem, não terão desculpas. Paulo declara também que Deus age firmemente e sempre concede forças àqueles que confiam nele, e o seguem. Como Alford escreve: “Ele celebrou uma aliança com você ao lhe chamar: se Ele permitisse que você sofresse uma tentação além do seu poder de vencê-la... Ele estaria transgredindo essa aliança”. Deus conhece muito bem as circunstâncias que cercam cada tentação, e vos não deixará tentar acima do que podeis; antes, com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.
>
> O termo escape (*ekbasis*) era usado como referência a uma passagem na montanha. A imagem é de um exército ou de um grupo de viajantes preso nas montanhas. Eles descobrem uma passagem e o grupo escapa para algum lugar em que possa estar em segurança. A frase para que a possais suportar indica o poder sustentador do Espírito Santo, que todos os homens podem receber. A vitória sobre a tentação será possível através de uma humilde confiança. Porém, ter uma autoconfiança presunçosa diante da tentação representa uma avenida aberta para uma derrota certa. (GREATHOUSE, 2006, p. 320)

CONCLUSÃO

A tentação será algo com que os servos de Deus terão de conviver enquanto estiverem neste mundo caído. Entretanto, temos um Deus que nos dá a graça necessária para resistir às tentações, e um Sumo Sacerdote que foi tentado em tudo, e não pecou. Se permanecermos vigilantes, não deixando margem para que Satanás ache espaço em nossa mente e ações, e nos sujeitando à ação do Espírito, certamente teremos vitória sobre a tentação.

Em sua misericórdia, o Deus Eterno nos concedeu um Sumo Sacerdote que já passou por tentações em tudo, mas que nunca pecou: “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hb 4.15). Por meio do seu sacerdócio perfeito, somos orientados: “Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Hb 4.16). Há graça em Deus para que possamos resistir a todas as tentações.

Referências

ADEYEMO, Tokunboh (Ed.). *Comentário Bíblico Africano*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

ALLEN, Clifton (Ed.). *Comentário Bíblico Broadman: Antigo Testamento*. Vol. 1. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

BALDWIN, Joyce G. *I e II Samuel: Introdução e Comentário*. São Paulo: Cultura Cristã/Mundo Cristão, 1996.

BAXTER, J. Sidlow. *Examinai as Escrituras*, Vol 4. São Paulo: Vida Nova, 1985.

BONHOEFFER, Dietrich. *Tentação*. São Leopoldo: Sinodal-EST, 2009.

BRUCE, F. F. *Comentário da Bíblia NVI*. São Paulo: Vida, 2009.

CARSON, Donald A. *Comentário Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

EXLEY, Richard. *Os Sete Estágios da Tentação*. São Paulo: Vida, 2000.

GREATHOUSE, William M. et al. *Comentário Bíblico Beacon — Novo Testamento*. Vol. 8. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática — Atual e Exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento — Mateus*. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Antigo Testamento*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2010a.

HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Antigo Testamento*. Vol. 4. Rio de Janeiro: CPAD, 2010b.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. 9.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

KISTEMAKER, Simon J. *Comentário de Atos*. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

LIVINGSTON, George Herbert et al. *Comentário Bíblico Beacon — Antigo Testamento*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

Manual da Bíblia de Aplicação Pessoal. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

MCGRATH, Alison; PACKER, J. L. *Fundamentos do Cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

PATTERSON, Dorothy Kelley; KELLEY, Rhonda Harrington. *Comentário Bíblico da Mulher — Antigo Testamento*, Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.

PHILLIPS, Richard D. *O Coração de um Executivo*. United Press, 2002.

RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus: Comentário Esperança*. Curitiba: Esperança, 2020.

SOARES, Esequias. *O Ministério Profético na Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

TENNEY, Merril C. *Enciclopédia da Bíblia*. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

WENHAM, Gordon J. *Números: Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão/Vida Nova, 1985.

WIERSBE, Warren. *Comentário Bíblico: Antigo Testamento*. Santo André: Geográfica, 2017a.

WIERSBE, Warren. *Comentário Bíblico: Novo Testamento*. Santo André: Geográfica, 2017b.

ZUCK, Roy B. *Teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.


CPAD
DOUGLAS BAPTISTA
A Supremacia das Escrituras
a Inspirada, Inerrante e Infalível Palavra de Deus

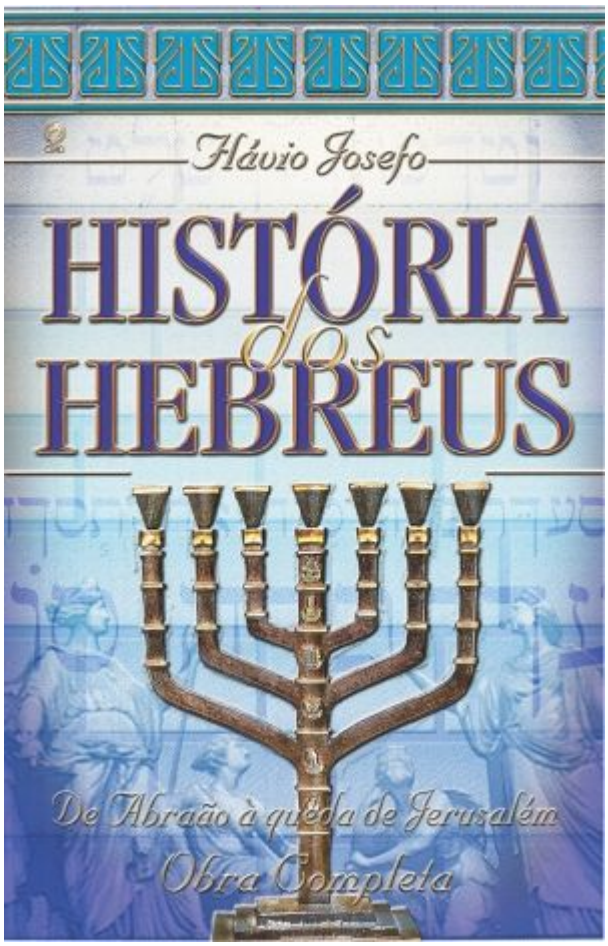
A Supremacia das Escrituras

Baptista Douglas
9786559681457
160 páginas

Compre agora e leia

Vivemos em uma época de relativização da verdade onde multiplicaram-se correntes ideológicas que buscam desconstruir a autoridade da Bíblia Sagrada bem como os valores por ela preconizados. Diante desse quadro, surge a necessidade de reafirmar a ortodoxia bíblica. Essa obra se propõe a expressar a supremacia das Escrituras, sua autoridade, inspiração, inerrância e infalibilidade de maneira compreensível para a Igreja e também motivar os cristãos à leitura e ao estudo da Bíblia Sagrada.

Compre agora e leia


Flávio Josefo
HISTÓRIA DOS HEBREUS
De Abraão à queda de Jerusalém
Obra Completa

História dos Hebreus

Josefo, Flávio
9788526313491
1568 páginas

Compre agora e leia

Em História dos Hebreus o autor escreve com detalhes os grandes movimentos históricos judaicos e romanos. Qualquer estudante da Bíblia terá em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens do Novo Testamento (Evangelhos e Atos), tais como: Pilatos, os Agripas, os Herodes e inúmeros outros pormenores do mundo greco-romano, tornando esta obra, depois da Bíblia, a maior fonte de informação sobre o povo Judeu. Um produto CPAD.

Compre agora e leia


Mais de um milhão de cópias vendidas
Como ter o Coração de Maria no Mundo de Marta
Fortalecendo a Comunhão com Deus em uma Vida Atarefada
JOANNA WEAVER
Autora do Best-Seller Tendo um Espírito como o de Maria

Como ter o Coração de Maria no Mundo de Marta

Weaver, Joanna
9788526312302
256 páginas

Compre agora e leia

Um convite para toda mulher que sente que não é piedosa o suficiente ... não está amando o suficiente ... não está fazendo o suficiente. A vida de uma mulher hoje não é realmente tão diferente da de Maria e Marta no Novo Testamento. Como Maria, você deseja se sentar aos pés do Senhor ... mas as demandas diárias de um mundo ocupado simplesmente não o deixam em paz. Como Marta, você ama Jesus e realmente quer servi-lo ... mas luta com cansaço, ressentimento e sentimentos de inadequação. Então vem Jesus, bem no meio de sua movimentada vida Maria / Marta - e ele estende o mesmo convite que fez há muito tempo às duas

irmãs de Betânia. Com ternura, ele convida você a escolher "a melhor parte" - uma vida alegre de intimidade na "sala de estar" com ele, que flui naturalmente para o "serviço de cozinha" para ele. Como você pode fazer essa escolha? Com sua nova abordagem à história familiar da Bíblia e suas estratégias criativas e práticas, Joanna mostra como todos nós - Maria e Marta - podemos nos aproximar de nosso Senhor, aprofundando nossa devoção, fortalecendo nosso serviço e fazendo as duas coisas com menos estresse e maior alegria.

Compre agora e leia


CPAD
HERÓIS
DA
FÉ
VINTE HOMENS
EXTRAORDINÁRIOS
QUE INCENDIARAM
O MUNDO
ORLANDO BOYER

Heróis da fé

Boyer, Orlando
9788526311954
272 páginas

Compre agora e leia

Mais de 300.000 livros vendidos! Um dos maiores clássicos da literatura evangélica. Homens extraordinários que incendiaram o mundo. A cada capítulo uma história diferente, uma nova biografia. As verdadeiras histórias de alguns dos maiores vultos da Igreja de Cristo. Heróis como: Lutero, Finney, Wesley e Moody, dentre outros que resolveram viver uma vida de plenitude do evangelho. "O soluço de um bilhão de almas na terra me soa aos ouvidos e comove o coração: esforço-me, pelo auxílio de Deus, para avaliar, ao menos em parte, as densas trevas, a extrema miséria e o indescritível desespero desses mil milhões de almas sem Cristo. Medita, irmão, sobre o amor do Mestre,

amor profundo como o mar, contempla o horripilante espetáculo do desespero dos povos perdidos, até não poderes censurar, até não poderes descansar, até não poderes dormir." (Carlos Inwood). Esta obra contém as biografias de grandes servos de Jesus. Conheça a vida de pessoas verdadeiramente transformadas por Deus e que, por isso, servem-nos como exemplos de vida. Um estímulo para também buscarmos ser reconhecidos como verdadeiros Heróis da Fé. Um produto CPAD.

Compre agora e leia


CPAD
ELIENAI CABRAL
O Apóstolo Paulo
Lições da Vida e Ministério do Apóstolo dos Gentios para a Igreja de Cristo

O Apóstolo Paulo

Cabral, Elienai
9786559681792
160 páginas

Compre agora e leia

Ao longo da história do Cristianismo, o apóstolo Paulo tornou-se o ápice da teologia cristã. A sua opção radical por Jesus o fazia vislumbrar um cristianismo que alcançasse o mundo todo. Por isso, vale a pena conhecer mais sobre Paulo. Neste livro, Elienai Cabral nos apresenta o mundo de sua época, sua vida como perseguidor, sua conversão e vocação, bem como sua mensagem, visão acerca do Espírito Santo, atuação como plantador de igrejas e discipulador, entre outras características que fizeram dele o "Apóstolo dos Gentios".

Compre agora e leia